

920.7
P198a
(426)

DEDALUS - Acervo - MP-REP

A aristocracia do genio e da beleza feminil na antiguidade:



21800005002

M. R. 633

A ARISTOCRACIA

DO

GENIO E DA BELLEZA FEMINIL

NA

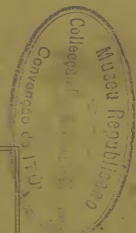
ANTIGUIDADE

POR

José Palmella

Quarta edição, augmentada

Seníramis — Sapho de Mitylene —
Corinna — Aspacia — Phryné — Cleo-
patra — Hypathia d'Alexandria



COIMBRA

Imprensa da Universidade

1872

Est. 6

Prat. 3

J. 23

L. 10

A ARISTOCRACIA

DO

GENIO E DA BELLEZA FEMINIL

NA

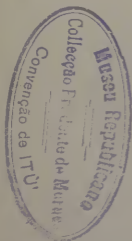
ANTIGUIDADE

A ARISTOCRACIA
DO
GENIO E DA BELLEZA FEMINIL
NA
ANTIGUIDADE

POR
José Palmella
COM UM JUIZO CRITICO
DE
JULIO CEZAR MACHADO

E
Algumas cartas e juizos criticos de Victor Hugo,
de D. Angel F. de los Rios, embaixador hespanhol,
de D. Marianna Angelica d'Andrade,
de D. Guiomar Torresão,
etc. etc.

~~~~~  
**4.ª Edição, augmentada**  
505576



—————  
**COIMBRA**  
Imprensa da Universidade  
**1872**



AOS

ILL.<sup>MOS</sup> E EX.<sup>MOS</sup> SRS.

Barão do Amparo,  
Francisco José Teixeira Leite

E

Luiz Pereira de Castro

EM TESTEMUNHO DE AMIZADE  
E GRATIDÃO

Qff.

*O Auctor.*





É proprietario d'esta obra em Portugal o Ex.<sup>mo</sup> Sr.  
Commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, admi-  
nistrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.



Cabe-nos hoje o prazer de darmos á luz publica a 4.<sup>a</sup> edição da *Aristocracia do genio e da belleza feminiil*.

A rapida extracção, que em menos de seis mezes tiveram as tres anteriores edições, prova que o publico não nos foi indifferente; pelo contrario, que se houve com uma benevolencia, que estavamos bem longe de esperar e de merecer.

Nesta edição apenas podémos fazer algumas correcções typographicas e addicionar algumas notas, que a critica sensata nos aconselhara; deixando para mais tarde, quando a tranquillidade de espirito nol-o permittir, a publicação das biographias de Helena e Sapho de Eresia,

bem como dos outros volumes, correspondentes á idade media e aos tempos modernos.

Inserimos algumas cartas ineditas, e artigos pouco conhecidos, de escriptores nacionaes e estrangeiros, que se dignaram fallar d'esta obra; omittindo outros, por não os podermos obter na occasião, como foram os folhetins que sahiram no *Jornal da Noite*, de Lisboa; na *Gazeta do Povo*; *Diorio de Noticias*; etc., etc.:—sirva isto de escudo para os que quizerem dar uma interpretação differente ao nosso procedimento, e de satisfação aos seus benevolentes auctores, aos quaes aqui registramos, bem como á imprensa de Portugal em geral, os nossos cordeaes agradecimentos.

Destina-se esta 4.<sup>a</sup> edição mais especialmente ao Brazil: oxalá que tenhamos ainda occasião de dizer que o seu acolhimento na patria dos Andrades e dos Dias <sup>1</sup>, nesta terra onde um paraizo de idéas se agita hoje sob seu magestoso e opulento céu, não fôra inferior ao que receberamos na patria dos Gamas e dos Camões.

<sup>1</sup> Alludimos a Gonçalves Dias, o grande genio da poesia brasileira, que repousa no seio do oceano, di-

gno tumulto d'um semi-deos, ao qual seus compatriotas vão fazer hoje as honras da apothese, elevando-lhe um monumento eterno, no Maranhão, patria do seu nascimento, para que o presente saiba como se deve honrar os grandes homens, e os seculos vindouros não tenham a ousadia de dizer: Nossos antepassados foram ingratos para Gonçalves Dias.— Honra ao ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Antonio Henrique Leal, distincto litterato brasileiro, que com tanto afan se tem empenhado neste signal de reconhecimento para com o grande poeta, digno filho do Brazil.

Bahia — Abril, 1872.

*J. Palmella.*

*P. S.* Nesta 4.<sup>a</sup> edição fizemos algumas alterações na biographia de Phryné, o symbolo da belleza, e corrigimos alguns enganos typographicos, que se deram na 3.<sup>a</sup> edição.

Rio de Janeiro — Maio, 1872.

*José Palmella.*



## INTRODUÇÃO



Só pelas suas publicações, e ultimamente por algumas cartas, conheço o auctor d'este livro. Quando me fez a honra de querer um prologo meu, estremeci ao saber que se tractava d'uma obra em que deviam figurar *Semiramis, Sapho de Mytelene, Corinna, Aspasia, Phryné, Cleopatra* e *Hypathia*; e cuidei, humildemente, envergonhadamente o confesso, que seria alguma dissertação formidanda, grandes phrases e grandes palavras, castellos de nevoa edificados nas nuvens.... Felizmente não; e acabo de ler estas formosas paginas — á proporção que as folhas iam saindo da imprensa — agradavelmente, suavemente, como quem respira ar puro e aroma de mocidade.

Os assumptos são profundos; o estylo é leve e agil; não tem ambições academicas nem se lhe avista o chinó do sabio,—o que não quer dizer que seja incorrecto ou que não se possa ser sabio sem chinó. É um estylo facil, moderno; não se torce, não se arrevéza, não vai ver ao diccionario qual é o synonymo que já não se usa — para usar d'elle por isso mesmo; é um historiadador enxertado num contista; não se propoz fazer um livro pesado, mas um livro ligeiro — que é por certo o que melhor convinha ao formoso titulo da sua obra—*A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade.*

Livro ligeiro! Não vejam nisto um desdem, mas um louvor. Ligeira é a poesia do nosso tempo; poesia ligeira é a dos mais admiraveis versos de Garrett, *As folhas cahidas*; a do *Outomno* de Castilho; a dos *Phalaenas* de Machado de Assis; a das *Miniaturas* de Gonçalves Crespo; a da *Paqueta* de Bulhão Pato: litteratura ligeira é a d'aquelle livro encantador das *Viagens na minha terra*; a do *Roberto Valença* de Teixeira de Vasconcellos; a das *Recordações de Italia* de Lopes de Mendonça; a dos *Contos sem arte* de D. José



d'Almada; a das *Pupillas do sr. reitor* de Julio Diniz. Vamos! É tempo de considerar os escriptores amaveis, os que nos entretêm e que nos deleitam, sem preferir sempre os graves ociosos de academia aos espiritos activos e emprehendedores que tantas vezes nos encantam e distraem.

Em quanto o homem for o que é hoje, animal com duas vidas, a do corpo e a da alma, ha de ter exigencias physicas e exigencias moraes, e será bom deixar abrir as padarias da intelligencia ao lado das da barriga. Não podereis sempre — figurões da situação! — estar a comer; o espirito ou esse que quer que seja que possuís precisa tambêm que lhe toque a sua vez; — e tanto é assim, que toda a gente por ahi lê romancês, que são livros ligeiros. Pois para existirem esses livros ligeiros é necessario haverem tido pae, e seria injusto desdenhar quem consegue distrahir-nos! Os chamados livros serios, que são uns com que só se atreve alguma rara paciencia ousada, têm hora propria. Quando uma pessoa não quer dormir nem ir para a rua, e não tem a quem dizer que se está abor-

recendo,—não é desagradavel achar na estante dos livros algum auctor ligeiro que nos faça esquecer por duas horas o enfado em que estavamos duas horas antes!

Ora, neste caso exactamente está o livro do sr. José Palmella. Não é de absoluta necessidade tel-o, e toda a gente mais ou menos faz a respeito d'aquellas heroínas certa idéa, que póde não ser completa, mas que nos tem deixado viver até hoje e é de crer que assim continuassemos; mas o que hão de estimar todos, é ler tão bem contada a historia ponto por ponto d'essas mulheres extraordinarias:—uma, em quem, por assim dizer, se incarnou a velha familia humana, a grande Semiramis, e ahí nos faz o auctor sentir a influencia da mulher já nesses tempos tão pouco conhecidos que podem passar por fabulosos a gigantesca e fragil grandeza d'ella, a pompa, o luxo, o gosto da magnificencia e da ostentação, que caracterisam a mulher da antiguidade como a de agora; a grande Semiramis, que é as mulheres todas, mais enthusiasmo do que prudencia, todo desejo de brilhar, saltando do erro á gloria, ora heroismo, ora fraqueza,

voar e cair, querendo ter frente para todas as corôas, braço para todos os sceptros, e no fim morrendo victima de quanto ideou e de quanto quiz crear!

Outra, — Cleopatra! A formosura, a gloria, o poder, a verdade do ideal, a realisação de quanto a phantasia possa sonhar de mais delicado e mais brilhante; que era tudo, que sabia tudo, musica, poesia, linguas, e os primores da elegancia, que a miseria remediada dos nossos dias não pode sequer imaginar. Cleopatra, que é o poder, a extravagancia, e o amor; verdadeira mulher de Marco Antonio — que a esposa legitima não o era tanto como ella! — fadada para aquelle romano effeminado e viril, animoso e brando, arrojado como um leão e meigo como uma donzella, heroico e infantil, natureza sensual e prodiga, espirito asiatico, coração de commoções faceis, para quem o amor era tudo, e que parecia feito para ella!

Sapho, Corinna, Aspasia, Phryné e Hypathia, — individualidades frageis e enormes, que podia crear a antiguidade, em que por uma personalidade unica, se resumiam as multidões;

existencias colossaes, completamente fóra das proporções modernas; mulheres que realisavam phantasias titanicas á vista do mundo inteiro, que olhava para ellas pasmado!...

Tudo se conta, tudo se descreve habilmente, minuciosamente neste livro, que se extrema em vivacidade das condições sêccas de forma que acompanham de ordinario este genero de escriptos. Investigador infatigavel, dextro em evocar as almas dos mortos, o sr. José Palmella adoptou o estylo pittoresco para estes casos do passado, e conseguiu, brillantemente, fazel-os reviver para a imaginação dos seus leitores.

Maio 1871.

*Julio Cezar Machado.*

«Vianden, 30 juin 1871.

«Vous êtes, mon jeune confrère, un des nobles esprits de ce temps. J'ai votre livre (*A aristocracia*) et j'ai votre portrait.

«Tous deux me parlent; j'y trouve une âme.

«Vous faites bien de glorifier la femme. Il est temps de restituer à l'humanité cette moitié trop long temps éclipsée par l'autre. L'homme a plus de génie, la femme a plus d'amour. Ces deux rayons mêlés font toute la grandeur humaine.

«Votre livre est excellent: je le lis lentement; avec le latin et l'espagnol, je parviens à lire le portugais. Continuez dans votre noble pays votre généreux apostolat. Nous sommes tous les combattants de la grande bataille des idées. Ce siècle vaincra par l'idéal. C'est pour l'idéal de la justice que je suis en ce moment persécuté. Bonne persécution. J'en suis heureux.

«Recevez mon plus cordial serrement de main.

*Victor Hugo.»*

---

Eis a tradução:

Vianden, 30 de junho de 1871.

Sois, meu joven confrade, um dos mais nobres espiritos da actualidade. Estou de posse do vosso livro (*A aristocracia*) e do vosso retrato.

Ambos me fallam, porque encontro alli uma alma.  
Fazeis bem em glorificar a mulher, pois é tempo de restituir á humanidade essa metade ha tanto tempo eclipsada pela outra.

O homem tem mais genio, mas a mulher tem mais amor. É d'estas duas irradiações unidas que provém toda a grandeza humana.

O vosso livro é excellente; li-o paulatinamente, porque é só por meio do latim e do hespanhol que consigo ler o portuguez.

Continuæe no vosso nobre paiz o vosso generoso apostolado.

Na grandiosa luta das idéas todos somos combatentes. Este seculo vencerá pelo ideal. É pelo ideal da justiça que presentemente me vejo perseguido. Honrosa perseguição! Dou-me por feliz com ella.

Recebei o meu mais cordeal aperto de mão.

*Victor Hugo.*

Legation de España en Lisbôa, 12 de junio de 1871.

(Particular)

Ill.<sup>mo</sup> sr. José Palmella. — Con un ejemplar de su obra «La aristocracia del genio y de la belleza» he recibido su atenta carta del 10 del corriente.

Agradezco a v. el concepto benévolo que de mi ha formado, y acepto con satisfacion su bella produccion.

Exaltar las facultades de la mujer, volver por los fueros de su inteligencia, y de su actividad, y por la

comprobation historica que de sus cualidades v. hace en sus biografias à lo Plutarco, de quanto hay de grande, de bello, de virtuoso y de heroico en la mujer de la antiguedad, demostrar cuan util es la instruction, que tanto se descuida en el bello sexo, y de la que tan provechosos frutos pueden sacar-se, es empresa que le honra, y que ha sabido v. dezarrrollar perfectamente, amenisando su bien pensado estudio con un estilo facil, legero, poetico y abundante.

Cumpliendo con un deber de justicia, doi á v. la en hora buena, por su feliz idéa y trabajo, y aprovecho esta ocasion para ofrecerme con toda consideration a s. s.

etc., etc., etc.

*A. Fernandez de los Rios.*

Setubal, 14 de junho de 1871.

Ill.<sup>mo</sup> sr.

.....  
 Ainda que um pouco tarde, queira v. acceitar a expressão mais sincera do meu reconhecimento, não só pelo valioso brinde com que me distinguiu, como pela honrosa e immerecida citação da pagina 120.

O seu bellissimo livro (*A aristocracia*) ha de ser lido com agrado por todas as senhoras em geral, e particularmente pelas raras escriptoras que em Portugal têm a coragem necessaria para resistir aos sorrisos dos ignorantes e ás criticas dos invejosos.

Bem haja v. que levantou a sua voz auctorisada para

nos reanimar, e nos desenhar com mãos de mestre os vultos admiráveis da antiguidade!

Por muitas razões o seu livro é uma esplendida manifestação d'um talento vigoroso, e do qual ha ainda muitissimo a esperar.

Mil parabens pela sua obra, e mil agradecimentos pela offerta, que tem no mais elevado apreço, quem se confessa

De v. etc. etc.

*D. Marianna Angelica de Andrade.*

*A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade*, por José Palmella.— Pocos, muy pocos se dedican en España al estudio de la literatura portugueza contemporanea. Descuido reprehensible, puesto que la nacion hermana no se alla reducida en sus joyas literarias á *Las Lusíadas* de Camoens, sim que actualmente ven la luz publica muchas producciones dignas de estudio y de admiracion.

En la produccion que nos ocupa, no sabemos que admirar mas, se la parte descriptiva de ella, la narrativa, el estilo ó sua precisa forma! Qué imágenes mas bellas y qué descripciones mas encantadoras, no contiene especialmente en la parte que trata de Corinna y de Aspasia!

Al leer la descripcion de Mileto, *a morada da opulencia, das luzes e dos prazeres*, como dice el autor (pag...), nos parece hallarnos en medio de sus calles, paseando por sus jardines y disfrutando de su perfumado ambiente. Creemos ver tambien á Corinna, dis-



putando á Pindaro, en certámen poetico, en lauro de la inspiracion; á Aspasia arengando con su arrebatadora elocuencia; á *Safo*, la *Virgen pura de sourizo dulce*, presa del amor mas intenso por Faon; á *Semiramis* recorriendo cual valiente Amazona las bellas campiñas asiáticas al frente de los guerreros de Nino; á Cleopatra reduciendo con su belleza á Antonio, y acariciar despues en su mórbido seno el venenoso áspid; á Friné...; pero á qué continuar? todo es bello en la obra portugueza que criticamos, digna justamente de ser leida por todos los amantes de la belleza.

*Manuel Nuñez de Prado.*

(*La Justiça Social*, de Madrid, crónica bibliographica).

Duas palavras de saudação a um livro que tem de certo grandes direitos á minha e á sympathia de todas as senhoras, onde José Palmella, moço academico, já conhecido por varios opusculos, lidos com geral applauso, revelou aptidão e grandes recursos para historiador, mas historiador, como espirituosamente diz Julio Machado na introducção da obra, sem ambições academicas, sem chinó de sabio, sem estylo arrevesado.

Tracta o livro, que se chama *A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade*, de algumas mulheres celebres, como Semiramis, Sapho, Corinna, Aspasia, Phryné, Cleopatra e Hypathia de Alexandria, e dá-nos em paginas formosas e opulentas, como a esphera em que gyraram aquelles astros da terra, noticias biographicas de cada uma d'ellas. Disse opulentas, e poderia ter dito — salvo erro — exuberantes.

José Palmella escreve, creio eu, no vigor da mocidade, na quadra estiva em que lhe brotam do espirito, sedento de gloria, cardumes de flores, que lhe vão alastrando o caminho. Espalha ás mãos cheias essas flores, com a prodigalidade irreflectida da mocidade; retrata no livro, umas após as outras, a chusma de imagens que lhe dançam em tórno, num circulo magico, e sacrifica ás vezes a naturalidade, que é a meu ver um dos segredos da arte, á torrente, que, se não tiver diques, póde arrancar e destruir o que antes vivificara. Feliz senão este, ainda assim! Quero-me de preferencia com os prodigos do que com os avarentos; e neste livro ha prodigalidade de talento, de mocidade e de poesia. Consagram-se nelle muitas paginas á mulher, entretecem-se-lhe muitas coroas; e tudo que se diz d'este sexo, tantas vezes calumniado e outras tantas desconhecido, é nobre, delicado e digno; apreciando-se numa pagina <sup>1</sup>, com louvor e enthusiasmo, algumas escriptoras nossas contemporaneas.

D. Guiomar Torrezão.

(Folhetim do *Diario Popular*, de Lisboa, de 6 de setembro de 1871.)

Um livro que ha de conquistar merecida popularidade é sem contestação a *Aristocracia do genio e da belleza feminina na antiguidade*. Saiu ha poucos dias dos prelos da Universidade, e vai correr os dois hemispherios, apresentado ao mundo ledor pelo nosso sympathico romancista, Julio Cesar Machado.

<sup>1</sup> Refere-se á pag. 120. E em a vida de Sapho, a divina poetisa de Lesbos.

É auctor d'este livro José Palmella, já conhecido como pamphletario energico, mas cujo merito litterario só na *Aristocracia* se pôde cabalmente avaliar. Ha alli realmente paginas brilhantes; e, embora puristas exaggerados podessem descortinar alguns senões, é fóra de duvida que todos os que lerem este livro, e muito especialmente o sexo das graças, hão de dar por bem levado o tempo d'essa leitura, e hão de sentir fortalecerem-se as suas crenças na grandeza moral da mulher.

Quanto podessemos dizer em abono da *Aristocracia do genio e da belleza feminil*, está compendiado nestas quatro linhas do auctor dos *Contos ao luar*:

— «Tudo se conta, tudo se descreve habilmente, minuciosamente, neste livro, qué se extrema, em vivacidade, das condições séccas da fórmula que acompanham de ordinario este genero de escriptos.»—

*Candido de Figueiredo.*

(*A Folha*, jornal academico, de Coimbra.)

.....

Mas para que trouxemos nós tudo isto? Em primeiro logar para responder áquelles, que cuidam que o seculo XIX não apresenta um character, uma face definida; em segundo para saudar a apparição d'um novo livro, que se occupa da antiguidade em relação com os tempos modernos, que vem depois de todos os trabalhos nos vastos dominios da critica que deixamos apontados acima, e que se liga d'alguma maneira a elles. É o seu auctor José Palmella, moço academico, auctor de muitas obras já editadas, escriptas com eloquencia

e erudição mais que superior, e que tem feito a admiração dos leitores e dado origem aos reparos da critica.

A obra, que hoje edita, intitula-se *A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade*; é uma collecção das vidas das mulheres mais celebradas, *Sapho, Corinna, Aspasia, Hypathia, Phryné, Semiramis e Cleopatra*, na Grecia, Babylonia e Egypto, semi-deusas, que abrilhantaram o céu do paganismo, mulheres quasi divinas, mais que ideaes, mulheres que foram o assombro dos seus contemporaneos, e que merecem ainda hoje a attenção das edades posteriores «existencias collossaes, completamente fóra das proporções modernas, mulheres que realisavam phantasias titanicas á vista do mundo inteiro, que olhava para ellas pasmado», como observa no prologo da obra o sympathico folhetinista Julio Cesar Machado; imaginação de fada, que tem o condão de tornar amenos os assumptos mais graves e pezados á comprehensão e agrado dos leitores; penna de oiro, que faz surgir de tudo thesouros de poesia e belleza.

*A aristocracia feminil na antiguidade* vem justamente á luz, quando lá fóra a critica e os estudos antigos levam o mundo tão distante de nós, como acabámos de ver pela primeira parte d'este nosso humilde trabalho: a critica está pois auctorisada a perguntar: a que lume e a que clarão da historia viu o seu auctor as biographias das mulheres celebres que nos descreve? Dispersa as sombras do passado, descortina a origem dos povos do oriente, de Babylonia, onde representam seu magnifico papel—Semiramis, *onde se encarnou a velha familia humana*, e a quem toda a antiguidade grega e romana attribuiu uma virgem divina? Hypathia, a mulher sábia, que podia dar lições de geometria a Eucli-

des, de philosophia a Plotino e Jamblico, seus mestres; Aspasia lições de politica ao maior politico de seu seculo, Pericles; Sapho e Corinna, que venciam Pindaro e Alcêo na poesia lyrica; Phrynê e Cleopatra, que eram na belleza superiores a Isis e Venus: todas estas grandes figuras são apresentadas sob uma nova face á luz da historia e da sabença moderna, que nos vem da Allemanha, da França e da Inglaterra?

Descancem os leitores e as leitoras, que José Palmella não os incommoda com dissertações massudas, reconstrucções de antiquarios que fossam nos pergaminhos, nem com o pedantismo d'um professor de latim. O auctor contenta-se com o que lhe diz a tradição, em geral, colora-a e dá-lhe brilho; nada affirma, que não seja fundado em auctoridades, contado por mestres, que foram contemporaneos das scenas do drama complicadissimo da vida d'estas mulheres; contado por outros que ouviram a estes, Plutharco, Lustiliano, Alci-phron, Halicarnasso e mais.

A critica poderá não quedar satisfeita com estas testemunhas, porque não ouve depoimento de muitas, que estavam impossibilitadas de asseverar muitos factos, e nem isto nos deve admirar, se attendermos que aos antigos faltavam muitos meios de conservar a tradição notada, a falta de imprensa para reproduzir e conservar os documentos, a falta de communicacões para fazer chegar o seu conhecimento a todos. A critica postada neste campo tem razão. Palmella é o primeiro a reconhecer-a, pois não acceta muitas das asserções dos antigos: assim nega que existisse só uma Sapho; as acções infames que se attribuem a uma, não mancha a flamma divina que aureola a fronte inspirada da sua; Cleopatra, se teve uma vida de Catharina da Russia, teve uma

morte digna de Lucrecia, a morte da mulher martyr pelo amor de Marco Antonio, como se vê por este trecho do seu discurso recitado sobre o tumulo do seu amante:

«Em quanto vivo, ah! nada houve que nos pudesse separar; mas hoje, após a morte, estamos arriscados a ser separados do céu que nos viu nascer.

«Tu, filho de Italia, tens o teu tumulo sob os valles do Nilo; e eu, desgraçada, eu terei o meu sob as margens do Tibre; menos infeliz, talvez, por ser a terra em que nasceste.

«Mas se os deuses da tua patria te não têm abandonado, como os mais, se elles têm algum poder, como creio, faz com que tua mulher não soffra o desgosto de ir adornar o triumpho do teu vencedor, que quer agora zombar de mim, porque sabe que já não podes levantar-te d'este sepulchro para me desafrontares. Oh! possam elles permittir-me, que eu a teu lado durma o somno eterno, pois de todos os males, que tenho soffrido, o mais insupportavel e o mais cruel é este curto espaço que me tem obrigado a viver de ti ausente.»

Eis como morreu a mulher talvez de peor fama do livro de Palmella, e sobre quem a antiguidade lançará o estygma da infamia e da devassidão, aquella com quem Augusto queria em Roma adornar o seu triumpho; mas que não conseguiu, porque o veneno poz fim a seus dias, e o tumulo de Antonio, como ella pedia aos deuses, foi o seu tumulo. Quando esta acabou, assim, o que ha a esperar das outras?

Effectivamente Palmella apresenta o retrato d'essas heroínas sobre muitos pontos desconhecidos, até hoje. *Phryné*, em lugar de ser a devassa e a *hetaïre* da Grecia, é o typo da belleza, que inspira a Apelles e Pra-

xiteles a arte plastica; Aspasia, que todos olhavam sómente como a cortezã de Pericles, é a politica e moralista profunda, como se vê pela indole de seus discursos, apresentados por Palmella.

«As riquezas não podem honrar a um homem indolente, a um homem que deve tudo a outrem, e que não é, por assim dizer, mais do que um vil conductor dos bens alheios.

«A belleza e a força não podem tambem ser para uma alma fraca e viciosa mais do que ornamentos indecorosos, que, pelo seu contraste, só fazem pôr mais em relevo a sua negra e torpe fealdade.

«A sciencia, a propria sciencia, quando anda separada da justiça e dos outros elementos que constituem a virtude, só pôde cahir numa artificiosa subtilidade, podendo ser tudo — menos a sabedoria.

«Esforçae-vos, pois, constantemente, meus filhos (este discurso era feito aos athenienses), empregae toda a extensão das vossas faculdades para vos elevardes acima de nós e de nossos antepassados.

«Que vergonha não deve ser a d'aquelle que só é, ou julga ser alguma cousa pelo que foram os seus antepassados!

«Finalmente, Corinna e Sapho, a quem os nossos antepassados attribuiam mais belleza e dotes phisicos, accessiveis aos homens, apparecem-nos agora circumdadas pelo fogo divino do estro e do genio, entidades superiores, que não cedem aos mortaes, que os guiam e lhes dão conselhos, que são a par de uma censura um incitamento para que trabalhem e se tornem distinctos; depois de mortos, ninguem mais se lembrará de vós, ó filhos de Lesbos. Nem um vestigio da vossa passagem deixareis na terra, a posteridade desconhecerá comple-

tamente os vossos nomes... vossas almas vaguearão sem gloria pelas solidões tenebrosas de Hades, voltejando vergonhosamente em torno das sombras dos mais obscuros mortos.»

A mim apraz-me crer que estas personagens extraordinarias serão como Palmella as pinta. O homem e a mulher de genio quasi nunca se rebaixa; e as mulheres biographadas neste livro tinham genio.

Mas, se a critica não concorda com este livro em muitos pontos, fallo na critica historica, se lhe encontra talvez graves defeitos, deverá só por isso rejeital-os, e nem merecerá sequer as meditações dos nossos sabios? Escreve-se muito sobre a antiguidade entre nós para que se despreze um ou outro que de época em época vai sabindo á luz?

A uma obra litteraria não se podia pedir mais do que quiz dar-nos o seu auctor. Sobre esse ponto é que a critica se deve desenvolver. Um livro deve ser julgado pelo que diz, e não pelo que podia dizer: neste campo nenhuma obra humana é perfeita, e até o mundo, obra de Deus, creio eu, tem muitos defeitos. Ora, se estudarmos bem o livro, *A aristocracia*, encontramos lá effectivamente um lado historico, descripção de paizes antigos, paizagens e perspectivas de logares graciosos, que encantam a vista do observador; encontramos outro lado artistico como não pôde deixar de existir em toda a obra, e um lado finalmente moral e social. Nenhuma obra humana dêixa de apresentar estes caracteres e qualidades—*artistica, historica e moral ou social*,—algumas ha que podem encerrar todos estes attributos. O que deve fazer neste caso o censor que as julga? O simples bom senso está indicando que deve, para o juizo ser recto e o conhecimento do que se julga profundo,



estudar-se a obra debaixo do ponto de vista principal: só assim se poderá comprehender o que quiz ensinar-nos o seu auctor.

Olhado debaixo d'este ponto de vista *A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade* é inteiramente social; a *arte* ou *historia* são adornos que fazem realçar a belleza da these moral e social: a elevação da mulher pelo estudo, pela sciencia, pela participação do governo da sociedade, pelas artes, por tudo emfim, que possa desenvolvê-la e tornal-a realmente em tudo igual do homem. Esta obra parece que se occupa d'um assumpto antigo, mas é uma obra toda moderna. O auctor poderia resumir d'esta maneira a sua these: se a mulher na sociedade antiga, tão desconsiderada como era, que nem podia sahir do gynecceu da familia sem perder e manchar-se-lhe o pudor da castidade, sem fazer-se cortezã, *hetaire*; se não podia estudar e desenvolver-se, dedicar-se ás artes, e ainda assim dominou o seu seculo: o que não seria nas sociedades modernas, onde ella já desfructa alguns direitos, onde já recebe alguma educação, se soubera aproveitar aquella mola occulta de que falla Rousseau?

Que! Os exemplos da historia não são nada? Porque muitas mulheres não servem senão para educar e criar os filhos, havemos sacrificar ao mesmo asphixiamento as mulheres com capacidade politica como Aspasia na Grecia, Isabel na Inglaterra?

Que! Porque a mulher até hoje não tem em geral mostrado tanto talento como o homem; porque possui em geral menos razão e mais sensibilidade, producto e effeito em grande parte da educação, que é toda artistica; seguir-se-ha que, educando-a, abrindo-lhe os horisontes que estão patentes ao homem em todos os

ramos da actividade humana, a politica, a litteratura, o ensino; dir-se-ha, dizemos, que a mulher não venha a rivalisar, disputar a palma aos maiores Pericles e Pindaros do nosso seculo? *A mulher é muito sensivel*; di-zeis. Que! pois a sensibilidade é coisa que se despreze? Supponde um mestre com entranhas de tigre. Tudo o que os mestres nos dizem para que o fixemos é neces-sario que seja dito com fogo, com sensibilidade. Sim: quem ha ahi, e este é o ponto aonde nós queriamos chegar, quem ha ahi que não reconheça o dom par-ticular da mulher para o ensino? Onde os estudos preparatorios necessarios a todo o cidadão — *o ensino religioso, politico e civil* — estão mais desenvolvidos do que na patria de Washington, devido principalmente á mulher, anjo de paz e bondade, que verte de seus la-bios a sciencia, como dos de Jesus corria a caridade e o amor?

Eu tenho diante de mim a obra de Alf. Karr — *As mulheres*. A mulher é para este escriptor como um brinquedo de criança, um sér que tem má lingua, por-que só faz dizer mal dos seus semelhantes, a sua offi-cina de trabalho é o *toilette*, a sua sociedade o mundo *elegante*. Estudou a mulher do imperio francez, a mu-lher á Napoleão III, a mulher *coquette*, e apresentou-a ao publico, mulher que ia aos bailes das Tulherias e que dançava o *cancan*. Hoje, apesar da desconsideração em que é tida, já ninguem a considera unicamente por este lado: a necessidade das cousas, a feição dos tempos faz muitas vezes justiça, apesar dos prejuizos dos homens.

Palmella olhou-a exactamente pelo lado contrario, só-mente pelo que tem de nobre e serio: no nosso humilde entender é o maior merito da obra; desprender d'um prejuizo é já muito, mostral-o a publico é ainda mais;

pugnar como um gladiador antigo, para que se extinga, para que pereça absolutamente, isso é tudo. Foi exactamente o que fez o auctor.

Emquanto á parte artistica, a *Aristocracia* contém bellezas de primeira ordem e metaes de primeiro quilate; o estylo é florido, rico e scintillante de imagens: se pecca é antes por excesso do que por defeito. José Palmella é semelhante áquelles discipulos, a quem o mestre antes reprime que excita; a sua imaginação é uma *Clio* possante e desvairada, mas sublime, mas grandiosa, que deseja encerrar todo o saber humano num periodo de duas ou tres paginas. Eu gósto do escriptor de fôlego; mas se esta qualidade é um defeito, José Palmella já o reconheceu em algures da sua obra.

Para mim *A aristocracia* é uma obra de merito intrinseco e extrinseco: merito em quanto ao assumpto que escolheu, merito em quanto ao modo de o tractar: com pequenas correccões, de ligação nalgumas partes e mais variedade de phrase noutras, seria quasi uma obra perfeita. Saúdo o auctor por nos offertar tão valioso presente nesta época, em que os livros bons são tão raros.

Coimbra, 1871.

*Alves de Moraes.*

(*Revolução de Setembro, de Lisboa.*)

Um livro — Recebemos um exemplar de um livro sahido ha pouco dos prelos da imprensa da universidade.

Intitula-se *A aristocracia do genio e da belleza feminina na antiguidade*, e é o seu auctor um erudito mancebo de Coimbra, conhecido já com muita vantagem na arena litteraria, chamado José Palmella.

Não tivemos tempo ainda de ver o volume do sr. Palmella; algumas paginas porém, que passámos pela vista, traduzem-nos que o espirito democratico, que tem produzido rapido e successivamente uns poucos de opusculos politicos, em que se denunciam o talento, a poesia e um coração cheio de crenças puras, é apto tambem para os mais delicados labores litterarios, e que não o *assusta* o assumpto mais difficil e ao mesmo tempo mais poetico e mais social que póde prender a penna de um escriptor — a mulher.

Folgamos com o commettimento arrojado do estudioso escriptor; e creia o sr. Palmella que vamos ler avidamente o seu livro, para lhe enviarmos no proximo numero os nossos parabens, que de certo não será digno das nossas censuras um escripto de quem já tem dado tantas provas de escriptor talentoso, e de homem de convicção.

(*Republica Federal*, de Lisboa).

A aristocracia do genio e da belleza feminina na antiguidade — Este primoroso trabalho de José Palmella constitue um verdadeiro livro. Livro em que se encontra lição proficua, livro em que se respeitam a moral e o decoro, livro em que a forma, umas vezes severa, outras elegante, outras apaixonada, é sempre estylo facil, despretencioso e correcto.

As mulheres celebres da antiguidade, de que José Palmella traça a biographia, são *Semiramis*, *Sapho*, *Corinna*, *Aspasia*, *Phryné*, *Cleopatra* e *Hypathia*.

Todas sacerdotizas do bello, ou no templo do amor, ou no templo da poesia, nenhuma é apresentada pelo

auctor como typo do vicio ; e, sem embargo, a reputação de muitas d'estas heroínas tem sido abocanhada pelas más linguas da historia. José Palmella, porém, na sua reabilitação das mulheres celebres, cita junto de cada facto um auctor de credito, e accrescenta a cada opinião o conceito de um erudito.

E com effeito, *Semiramis*, a sábia, a guerreira, a constructora, é muito mais agradável á vista de que a *Semiramis* que Menones, o governador da Syria, foi buscar a casa de Simas, seu educador, para fazer d'ella sua esposa, e que depois, fascinada pelo brilho deslumbrante da corôa de Nino, deixa morrer seu esposo de pesar ao ouvir do rei da Assyria a sentença da sua morte, na declaração do seu fogoso amor por *Semiramis*, e que, vertendo apenas uma lagrima de saudade sobre o tumulto do apaixonado esposo, passa do seu thalamo, sem hesitar, para o leito dourado de rainha.

«A forma é alguma cousa, o espirito é tudo,» diz José Palmella, e por isso elle attende sómente ao espirito elevado no grande genio que fez construir os sumptuosos jardins de Babylonia, sem cuidar da forma da esposa do governador da Syria, que, quando viuva de Nino, foi mais Venus que rainha no seu sumptuoso palacio de Artemisa.

E depois de *Semiramis*, a *Sapho de Mytelene*, e após esta *Corinna*, *Aspasia*, *Phryné* e *Cleopatra*, sacerdotizas do amor, ou mestras da poesia, ou exhibições da mais rara formosura humana, todas, até mesmo *Cleopatra* e *Phryné*, são apresentadas por José Palmella como inspiradoras do genio, quer junto do talento oratorio de Pericles, quer ao lado do talento artistico de Praxitelles, quer inspirando a gloria a Cesar, quer inspirando o ocio, que foi deshonra e morte, a Marco Antonio.

Emfim, o livro de que nos occupamos tomou já um logar distincto na litteratura contemporanea; e o seu auctor, moço estudioso e de talento, merece a consideração publica, pelo poderoso contingente que está fornecendo para a grande obra da nossa emancipação litteraria.

Aconselhamos a todos a leitura do bello livro de José Palmella, assegurando ao publico que, por mais melindrosos que os assumptos sejam, o auctor tracta-os por forma que a *A aristocracia do genio e da belleza* pode tanto estar no *boudoir* de uma donzella, casta e innocente, como sobre a secretária austera do mais rispido e respeitavel ancião.

(*Republica Federal*, de Lisboa, Julho de 1871).

O sr. José Palmella, joven academico de Coimbra, acaba de publicar um excellente livro, que intitolou — *A aristocracia do genio e da belleza femimil na anti-guidade*, — cujo livro é uma eloquente prova do seu esplendido talento. do seu amor ao estudo, e da sua dedicação ao trabalho, porque obras taes só podem ser produzidas pelo consorcio intimo de um estudo profundo e de uma investigação laboriosa, aos quaes preste auxilio e dê impulso uma grande força de vontade, já que a ambição de fortuna ou de gloria não são motores, que valham nada entre nós.

O livro do sr. Palmella, cuja leitura encanta o espirito e avigora a intelligencia pelo bom ensinamento que contém, é uma interessante galeria de retratos feminis e de episodios historicos, tão artisticamente tra-

çados e coloridos, que constituem uma escola especial pela originalidade do estylo e pela raridade da disposição, que muito honra e ennobrece o seu talentoso auctor, dando ao mesmo tempo um publico testemunho de que as boas letras portuguezas têm ainda por si cavalleiros e trovadores, que as glorificam e exaltam, glorificando-se e exaltando-se a si proprios.

Tracta o joven escriptor, no seu bellissimo livro, de Semiramis, de Sapho, de Corionna, de Aspasia, de Phryné, de Cleopatra e de Hypathia, com tanta erudição e proficiencia, que, transpondo as fronteiras da biographia, entra nos dominios da historia, e, em vez de sete biographias, escreve sete magnificos capitulos de historia universal, porque as illustres damas de que tracta, são verdadeiras heroínas, que o mundo tem sempre respeitado e admirado através dos seculos; são pertença da humanidade inteira e não propriedade particular do pequeno tracto de terra em que nasceram; e agora mais portuguezas que cosmopolitas, depois que o sr. José Palmella as naturalizou, no seu excellente livro, que toda a imprensa tem saudado com o maior enthusiasmo e verdade, a cujos gabos e applausos nós nos associamos tambem com a mais intima convicção.

Alem de tudo isto, e para mais realçar os meritos da *Aristocracia do genio e da belleza femil*, lá vem tambem, como servindo de portico ao elegante templo do genio e da belleza, uma formosissima introdução de Julio Cesar Machado, a inspirar alegria, a expandir-se em perfumes e a communicar-nos aquella mocidade eterna e irrequieta do notavel folhetinista, que nós presamos, que todos presam, pelos esplendores da sua robusta intelligencia, e pela probidade do seu caracter franco e leal.

Parabens ao distincto academico pelo seu magnifico livro, pelo brilhante acolhimento que tem tido, e mil agradecimentos pelos volumes com que nos honrou.

*(Correio de Lisboa).*



## PREFACIO DA 1.<sup>a</sup> E DA 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

---

Ao darmos á luz da publicidade este modesto livro com o titulo de *A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade*, não tivemos só em vista manifestar o nosso ardente enthusiasmo por alguns genios feminis que abrilhantaram o céo do paganismo pela sua belleza, seu espirito e suas graças, mas tambem combater indirectamente a opinião d'aquelles que pensam como Napoleão I: «As maiores mulheres são as que mais filhos podem dar á sociedade.»

Não admira que este irrequieto Saturno assim pensasse e respondesse a M.<sup>me</sup> de Staël, pois precisava ter sempre de pé novos exercitos para devoral-os no campo da guerra.

Em nosso humilde pensar, todas as mulheres

podem ser grandes, aproveitando-se cada uma dos dons que a natureza lhes tiver concedido.

Todas podem ser grandes, elevando-se a qualquer das tres brilhantes espheras, que a natureza desenhara em volta da humanidade, isto é, as espheras physica, moral e intellectual, correspondentes á belleza, á virtude e ao saber.

Na variedade está a harmonia e a riqueza da sociedade.

Ao lado das Hypathias podem existir as Aspacias e as Phrynés.

Consente-se um mal menor para obviar a outro maior. É o que pensou Solon em Athenas, quando presentiu a corrupção que ameaçava as entranhas da sociedade grega.

Aqui, nesta pequena galeria, achará o leitor a prova do nosso grande culto pela belleza, pelo saber e pela virtude.

Ahi encontrará um solemne desmentido áquelle que pensa que a mulher não se póde elevar da esphera domestica ao pinaculo da luz.

Ahi se encontrará um grupo das mais bellas mulheres associadas aos acontecimentos mais

grandiosos do mundo antigo, exercendo nelle já a sua magica influencia.

Ver-se-á primeiro despontar Semiramis, a majestosa Semiramis, lá bem proximo a essa pasmosa revolução que fez desapparecer Troia, e, radiante de belleza, de valor e de espirito, sustentar o imperio de Nino com mais grandeza, brilho e majestade. Ver-se á como a belleza a conduziu á celebridade, o valor á gloria, o genio á realisação das mais assombrosas maravilhas.

Ella symbolisa a grandeza de Babylonia.

É Babylonia, elevando-se nas margens do Euphrates d'um lado com seus maravilhosos jardins para inebriar com seus perfumes os deoses, em quanto do outro se ergue o templo de Bel para sondar o segredo dos astros.

Em seguida ver-se-á Sapho de Mytelene; contemporanea dos sabios gregos, deslumbrando Lesbos pela sua luz poetica, revelando a linguagem do amor, fazendo sentir a grandeza da virtude, o prazer da musica e a immortalidade da poesia.

Sacerdotiza da luz — em lucta com as trevas.

Depois apparece-nos Corinna em frente de

Pindaro, e supplantando cinco vezes nos jogos olympicos este athleta da poesia lyrica.

Depois Aspasia, a formosura da Jonia, sentada em seu throno de luz, ao lado de Pericles, inebriando-o de sua belleza e fascinando-o pela sua eloquencia d'oiro.

Aspasia, este prodigio da Grecia, que dava noções de politica ao maior politico, de eloquencia ao maior orador, de sabedoria ao maior sabio.

Aspasia, abraçada a Pericles, vendo a seu lado o virtuoso Socrates, o divino Platão, e a seus pés um povo inteiro, todo deslumbrado pelos vivos clarões de seu genio e encantado pela magia de sua palavra, — é o mais sublime e gracioso espectaculo que tempos antigos podiam offerecer á contemplação dos seculos.

Depois de Aspasia vem Phryné, o symbolo da belleza plastica, mergulhar o seu formoso corpo, numa bella tarde, sob a onda azul da praia de Eleusis, e surgir depois radiante de graça e de voluptia, como Venus de sua poetica espuma, em presença do mais amavel e espirituoso povo do mundo; desprender um sorriso sobre a fronte dos maiores artistas do tempo,

inspiral-os, voar com elles ao céu da arte, deixar eternisado o cinzel de Praxiteles e o pincel do grande Apelles: eis outro deslumbrante phenomeno, que só a Grecia sabia produzir sob seu maravilhoso céu.

Depois de respirarmos os perfumes de Babilonia, de Lesbos e de Athenas, chegamos a outro jardim da belleza não menos celebre, chegamos a Alexandria, e ahi encontramos Cleopatra e Hypathia, a belleza da terra e a belleza do céu; o symbolo das volupias terrestres e o symbolo das volupias celestiaes.

Duas realezas differentes sob o mesmo céu!  
E em que epocha?

Uma, na epocha em que o mundo romano ia cahir sob o cutello dos Cesares; a outra, quando os Cesares iam cahir sob o alfange dos barbaros.

Cleopatra, ultima descendente dos Ptolemeos,—victima do despotismo politico; Hypathia, ultima descendente da realeza neoplatonica,—victima do despotismo religioso.

Uma descia ao tumulo, quando o mundo romano era o algoz dos barbaros; outra, quando elle se tornava victima d'elles.

Cleopatra viveu quando o christianismo ia despontar sob o céu azul da Galilea com seus labios de amor e tolerancia, para se tornar martyr dos phariseus de Jerusalem e Roma;—Hypathia, quando os representantes do Cordeiro de Nazareth se olvidavam de sua origem, e, affrontando a divindade do seu fundador, se tornavam algozes do paganismo.

Cleopatra é a ultima palavra d'um amor terrestre, Hypathia d'um amor celeste.

\*

\* \*

Devia este volume ter sahido em 1868; porém as agitações politicas e outros motivos, que o publico não precisa saber, nos detiveram até hoje.

O estudo sobre Hypathia de Alexandria foi escripto em 1867<sup>1</sup> e publicado no jornal *O Lyceo*, redigido por alguns talentosos academicos, nossos condiscipulos e amigos, que hoje fre-

<sup>1</sup> Hoje sai sensivelmente alterado em muitos pontos.

quentam com louvor a Universidade. Eram elles: Alves de Moraes, Mascarenhas Pedroso, Alves da Veiga e Cesar de Sá.

· Ás reiteradas instancias d'estes nossos amigos, para entrar na collaboração d'este jornal, e ao benevolo acolhimento que teve Hypathia, devemos a publicação d'este livro.

Sem aquelle ensaio não teriamos escripto uma só linha em publico, sem elle não teriamos sonhado na realisação d'esta obra e na de outras já publicadas. A timidez e a consciencia de nossas debeis forças eram para nós um obstaculo insuperavel.

Seja esta declaração o nosso primeiro signal de reconhecimento áquelles nossos amigos.

Em setembro de 1868 escrevemos—Semitramis, Sapho, Corinna e Aspasia; d'ahi em diante abrimos um parenthesis, que nos deu occasião de publicar uns oito opusculos, que por ahi correm, uns conhecidos, outros desconhecidos.

Phryné e Cleopatra foram escriptas agora mesmo, com toda a febril anciedade de quem está para seguir viagem, com a impaciencia do-

lorosa de quem soffre um grande abutre corroer-lhe o corpo e devorar-lhe a alma.

Não ha tempo para reconhecer cacophonias, nem se a phrase é a mais propria, nem se o periodo termina agradavel ou desagradavelmente.

Estes intervallos, estas interrupções, estas impaciencias, devem ter produzido um estylo pouco harmonico; não admira.

Sirva tudo isto de desculpa para a critica sincera e imparcial que nos fizer a honra de julgar.

Numa outra edição completaremos esta galeria com mais duas bellezas celebres: Helena e Sapho de Eresia.

Em seguida tencionamos publicar mais dois volumes, sendo um correspondente aos genios feminis da idade media, outro aos dos tempos modernos, abrangendo assim este nosso estudo algumas das principaes celebridades feminis, que têm florescido nos tres grandes periodos que dividem a historia da humanidade.

Não seguimos modelo algum. Não tivemos mestre, nem conselheiro, nem guia vivo nem morto.



Trabalhámos só, completamente só.

Não sabemos mesmo se se tem encetado esta ordem de trabalhos em portuguez: suppomos que não.

Não dizemos isto por orgulho, nem com aspirações a innovador, mas simplesmente para confessar que maior deve ter sido o nosso trabalho, e não pequenos os escolhos em que devemos ter cahido, sob todos os pontos de vista em que a illustrada critica queira considerar este livro.

Sirva elle de incentivo a outros mais illustrados commettimentos, que possam vir a esclarecer-nos e apontar onde está o mais completo e o mais perfeito.

Aos que nos apontarem um erro não voltaremos o rosto, mas apertaremos affectuosamente a mão e diremos: obrigado.

Adoramos a luz: todo o que nol-a dér é nosso amigo.

*José Palmella.*

Maio 24, 1871.



## A MULHER

---

A mulher, esta perola mimosa da criação, lançada dos labios de Deos ao paraizo terreal para fazer entrever ao homem a belleza das divindades celestes; a mulher, esta rosa mysteriosa escapada do formoso seio dos anjos para vir perfumar a vida dos mortaes, tem sido e ha de ser perpetuamente o sonho doirado da mocidade, a etherea inspiração do poeta, a gloria azul do genio, a immortalidade dos heroes.

Sem ella nada de augusto e grande se pode elevar da terra ao céu.

\*  
\* \*

Sua benefica influencia manifesta-se através de todas as regiões sociaes como os raios fecun-

dantes d'um esplenduroso sol se fazem sentir através da mais luxuosa e superabundante vegetação da zona tropical.

Ella é o iris da bonança, no meio d'este oceano encapellado da vida; raio purpurino resvalando num céu azul.

Sem ella, o que seria do homem? Quereis ouvir a resposta?

Remontae ao berço de todos os seculos, entrae naquelle formoso Eden, onde a arvore da vida desponta em majestosa ascensão para o céu e faz pender seus pomos de oiro para a terra, como querendo remirar-se no chrystallino d'aquellas torrentes puras, que em quatro braços saém do lago do paraizo para em voluptuosa peregrinação irem fecundar as quatro faces da terra; dirigi-vos áquella magestosa estatua que se ergue em face da arvore seductora do *Bem e do Mal*, saída ha pouco do maravilhoso cinzel do Escultor eterno; dirigi-vos áquelle grande vulto, que percorre através d'aquelles floridos prados, com certo ar de melancolia, e que de quando em quando pára — como abysmado ante as maravilhas de Deos; perguntae-o ao decahido

Adão, que elle vos responderá: sem a mulher o homem é rocha esteril, átomo perdido na immensidade dos céus; quero-me antes decahido ao lado de Eva, que erguido ao lado dos anjos.

Sem ella, não se dariam essas grandes revoluções, revoluções assombrosas, que reduzem a cinzas uma florescente Troia, é verdade; mas d'essas sublimes cinzas resurgem novas Troias, renascem as Phenix immortaes, renascem — a *Iliada* e a *Odyssêa*, maravilhas que o genio, num arrobo de entusiasmo divino, faz surgir dos abysmos do nada; mas por amor de quem? Ide perguntal-o ás Helenas.

Sem ella, não teria Baré sacudido o jugo de Jabino, rei dos Chananeos, nem se libertara Betulia do cerco de Holophernes, nem Mardocheo dos zelos do fero Aman;— por isso os judeos glorificam ainda hoje, em versos immortaes, o patriotismo da sua prophetiza Debora; relembram religiosamente a audacia de Judith; e ajoelham perante a dedicação amorosa de Esther.

Sem ella, Roma não teria feito rolar para o abysmo a soberba realza dos Tarquinius, nem

exterminado a corrupção dos Decenviros, nem abatido o orgulho dos Coriolanos:— por isso a historia guarda a memoria de Lucrecia, prantêa o fim de Virginia, e agradece as supplicas de Veturia.

Sem ella, Moysés não seria salvo das aguas do Nilo, nem se tornara o supremo libertador do povo Hebreu.

Sem ella, Jason não lançaria mão do *Vello de Ouro*, guardado pelo Dragão da Colchida, nem Theseu penetraria no Labyrintho de Creta para exterminar o Minotauro, que devorava a juventude de Athenas:— por isso a historia soube elevar á posteridade os només de Termutis, de Medéa e de Ariana.

Sem ella não ha Homeros, nem Dantes, nem Tassos, nem Camões, nem Lamartines, nem Hugos: sem ella nada de grande e sublime pôde surgir em face da terra.

\* \* \*

A mulher é a synthese de todas as perfeições.

Suas faculdades são ricas e variadas. Ella tambem tem o poder de sondar o que se passa desde o coração do homem até ao coração dos astros.

É um engano suppol-a toda coração, quando Deos lhe dera a mais graciosa cabeça para gy-rar como uma bella esphera em torno das mais nobres e radiantes idéas.

A sua missão na terra não se limita, como muita gente pensa, a procrear filhos, mas bons filhos; ora, para os dar bons á sociedade, não é preciso ser uma Aspasia, nem uma Sapho, mas é preciso sabel-os educar, é preciso ter alguma luz, luz que possa guial-os na terra e conduzil-os ao céo,—luz que possa illuminal-os entre os homens, sem receio de os apresentar um dia deante de Deos.

É-lhe precisa uma instrucção solida e proficua.

É preciso que conheça seus direitos e seus deveres para melhor saber a nobre missão que tem a desempenhar no seio da familia e da sociedade.

É preciso sahir d'esse oceano de trevas, onde impera a superstição, para se elevar a todas as

espheras que comportam as suas brilhantes faculdades e o seu delicado organismo.

É preciso dar-lhe toda a liberdade compativel com os mais bellos e nobres sentimentos.

Não sejamos injustos, egoistas e contradictorios como os gregos, nem voluptuosos como os turcos, nem supersticiosos como os chinezes.

Sejamos para com a mulher o que a natureza nos ordena ser: seus leaes e verdadeiros amigos.

Só assim descansaremos em leito de rosas, e veremos na terra um novo paraizo.





SEMIRAMIS



## SEMIRAMIS

---

Quando, através das camadas seculares que nos têm precedido, nos acercamos das ruínas que juncam o solo brilhante do Oriente; — quando, por entre as espessas brumas do passado, pisamos as deliciosas e fertes planícies que se acham regadas pelo Tigre e Euphrates; — quando contemplamos pelo telescópio da história a pureza d'aquelle esplendido céu, onde os magos da Chaldéa procuravam, através do movimento elliptico dos astros scintillantes de luz, surprehender o mysterioso livro do porvir; — quando pensamos, por um momento, que foi allí que se elevaram e abateram tão grandiosos imperios, desde o formado por Nemrod, o robusto caçador biblico, até ao engrandecido por Mahomet, o fundador do Alcorão; — que foi d'alli que no celebre dia da confusão das linguas se dispersaram os arrojados obreiros da famosa Babel, levando hasteado em suas robustas mãos o fluctuante estandarte das primitivas luzes para diffundil-as para outras regiões do globo: quando nisto pensamos, o nosso coração inunda-se-nos de tristeza, e a mente, recuando de espanto, entra num accesso vertiginoso, por ver como a altivez e a majestade de tantos imperios resvalaram repentinamente do theatro brilhante da existencia para o insondavel abysmo da destruição!

Entretanto, no meio de tão espessos nevoeiros, e d'estes destroços célebres, já demasiadamente obliterados pelo sopro gelado do passado, uma reliquia preciosa se nos apresenta, como para illuminar toda esta região de trevas e salvar do esquecimento tantas ruinas: é um vulto majestoso, é uma gloria immortal, que excedeu a todas as que despontaram no céu da realza; é uma d'estas mulheres famosas, que, depois de assombrar a era em que viveu, tem ainda hoje o condão de attrahir o olhar do nosso seculo e ser fonte de inspiração para os mais celebres artistas, para os mais grandiosos genios, desde Voltaire até Rossini. Queremos fallar de Semiramis, da famosa soberana, que immortalisou pelos seus maravilhosos feitos o imperio de Babilonia.

É d'esta illustre rainha, cuja vida se acha colorida pelos mais attrahentes e maravilhosos factos, que nos vamos occupar; — antes porém de passarmos a narrar as deslumbrantes acções do seu magnifico reinado, e de resvalarmos por entre as floridas quadras de sua brilhante existencia, convidamos os benignos leitores a abandonarem por alguns instantes as ridentes margens do famoso Euphrates, onde este celebre nome se acha tão intimamente associado, para atravessarmos os ardentes desertos da Syria, descançarmos por alguns momentos debaixo da copa frondosa das elegantes palmeiras, que ensombram as magnificas ruinas de Palmyra, e, depois de alli mitigarmos a sede, nalguma das vivas fontes dos divinos oasis que bordam aquelles desertos singulares, transpormos as montanhas do Libano, passarmos os frescos e risonhos valles do Oronte, e atingirmos, enfim, as bellas e verdejantes margens da Syria, onde havemos de saber com interesse qual a ci-

dade que teve a gloria de dar o nascimento á bella e encantadora Semiramis.

Nas costas meridionaes da Syria, entre as bellas cidades de Azóth e Gaza, tão celebres na história antiga, existia alli, em outro tempo, nobremente assentada, a bella cidade de Ascalão <sup>1</sup>, a qual, tendo primitivamente pertencido aos philisteos, passára, após a morte de Josué, para as mãos de uma tribu judaica, e em seguida para a de muitos outros povos, como os Persas, Gregos e Romanos. A victoria, alcançada pelo primeiro rei de Jerusalem, Godofredo de Bouillon, contra os egypcios, que tão immortal se tornara pela viva e sublime descripção que na sua — *Jerusalem Libertada* — fizera o divino Tasso; a batida que Saladino levara pelos cruzados, em 1176; a destruição horrivel, que o sultão Bibars fizera, em 1270, ao saber que alli tentava fazer uma invasão S. Luiz, rei de França: eis os memoraveis factos, que a história nos aponta como passados naquella cidade, que teve a gloria de ser a patria de Semiramis.

Foi alli, sob aquelle delicioso céu, tão fulgurante das maravilhas do Oriente, que pelos annos 1240, antes de Christo, nascera esta mulher extraordinaria, que teve o nome de Semiramis <sup>2</sup>.

Cómo o seu nascimento se acha envolto por uma

<sup>1</sup> Fica a 50 kil. SO. de Jaffa.

<sup>2</sup> As opiniões divergem espantosamente sobre a data precisa do nascimento, reinado e morte de Semiramis; complicando-se muito mais a questão quando se apresenta a supposição de ter havido mais d'um Belló, mais d'um Nilo, e muitas Semiramis, como a historia do Egypto nos prova ter havido mais d'uma Cleopatra.

No meio d'este labyrintho seguimos a opinião do auctor da — *Biographie Universelle ancienne et moderne*, tom. 41 (Sur la vie de Semiramis). A opinião do referido auctor, depois de mo-

d'estas poeticas e graciosas neblinas que tanto fluctuam pelo divino céo dos orientaes; e, não desejando privar os complacentes leitores d'estas bellas e innocentes ficções da antiguidade, que, alem de serem tão apraziveis aos olhos da imaginação, nos dão a conhecer, mesmo através d'essas crenças vaporosas, qual a feição religiosa e o gráu de ingenuidade que predominavam nessas eras passadas: por isso passamos a narrar, em substancia, o conto phantastico que divinisa o nascimento de Semiramis, conforme nol-o dá a conhecer Diodoro da Sicilia.

Na Syria, e em muitas outras partes do Oriente,

strar como as hypotheses variam desde o anno 2200 até 73, antes de Christo, é que o nascimento de Semiramis se dera em 1240, proximo á guerra de Troia;— a elevação de Nino ao throno em 1237;— seu triumpho em Bactres, em 1218;— seu casamento, em 1217;— nascimento de seu filho Ninyas em 1216;— morte de Nino em 1195 ou 1196;— morte de Semiramis em 1170; vindo, portanto, a viver 70 annos, reinando pelo menos 38 a 40 annos, isto é, tanto como Nino.

É esta hypothese, segundo o referido auctor, que melhor se concilia com a serie de factos de que se compõe a historia do imperio Babylónico-assyrico.

Mr. Guillemin, na sua *Histoire ancienne de l'Orient*, confessa que, apezar de todos os esforços da erudição moderna, ainda se não poderam fixar as verdadeiras bases da chronologia assyrica; entretanto não duvida refutar essa grande antiguidade, que se costuma dar a Semiramis, baseiando-se para isso na descoberta de alguns monumentos, feita pela famosa expedição franceza da Mesopotamia, dirigida por Mrs. Fresnel e Oppert; entretanto esses monumentos são, por ora, ainda muito escassos e confusos para que se possa avançar alguma cousa de absoluto e verdadeiro.

Já não acontece o mesmo com Ninive, onde as descobertas, actualmente feitas, têm espalhado uma luz immensa sobre os berços da brilhante civilização antiga. Vid. *Histoire ancienne de l'Orient*, par Guillemin, pag. 41.

havia uma divindade chamada Derceto, a quem os Syrios rendiam o mais fervoroso culto ; Venus, porém, na presença de tão fanaticas homenagens, julgou-se altamente offendida, e por isso resolveu desde logo tramar a perdição d'esta rival, que lhe fazia vacillar o throno e empallidecer os raios da sua divindade.

Para melhor levar a cabo os seus tremendos desígnios, resolvera escolher, entre os numerosos devotos que affluíam ao sumptuoso templo de Derceto, um joven Syrio, que pela sua gentileza havia de vir a ser o cego instrumento de tão implacavel vingança.

Com effeito, certo dia, quando a multidão dos devotos affluia ao templo da deosa, para depositar suas offerendas e implorar-lhes as graças, um mancebo gentil alli appareceu, tão seductor pelo angelico brilho que lhe irradiava do olhar, tão modesto no vestir, tão reverente no seu todo, que para logo inspirara á deosa um tão singular amor, que, esquecendo-se da hierarchia divina que occupava, baixou á esphera dos mortaes e convidou o joven Syrio a passar alguns instantes debaixo dos bosques sagrados, a fim de alli respirar os suaves perfumes, que só eram reservados ao gozo dos deoses.

O joven obedeceu irresistivelmente a esta surpreendente honra: e quem deixaria de obedecer a um tão amoroso convité, que trazia pendente nos labios o calix doirado da ambrosia divina? — Algum Xenocrates? Não creio.

Depois de muito divagar por aquelles bosques divinos, onde os leitos de rosas e lyrios convidavam a um deleitoso somno, depois de muitos sóes e mysteriosas luas, todas banhadas pelo divino maná das delicias, o pavilhão encantado d'estes ridentes sonhos ia desvanecer-se, como se desvaneceu o palacio encantado de

Psyche, ao suspender a lampada da curiosidade sobre o rosto formoso do—Eros grego. Sim, ia desvanecer-se, porque os germens depositados á sombra do mysterio, foram fecundados pelo astro brilhante que percorre em todos os sentidos o circulo doirado da esphera universal.

—Era o astro da vida, que havia baixado á região do nada para surprehender e colorir a sombra da esterilidade, que alli vagueava indecisa. Era a informe e obscura chrysalida, que ia tomar o manto doirado da borboleta. Era mais uma perola brilhante, que vinha adornar o diadema augusto da humanidade. Era mais uma flor, que vinha abrilhantar o jardim sumptuoso da belleza. Era, emfim, Semiramis, que, como fructo fatal das voluptuosas relações da deosa com o joven Syrio, vinha tomar assento no banquete da vida.

O apparecimento d'este fatal pomo fez desvanecer a flor dos sonhos, que meigamente inebriavam o doce somno da deosa. Ao langoroso adormecimento succedeu o terrivel despertar, que lhe veio tingir as faces divinas d'aquelle pejo que assoma ao rosto dos mortaes, quando elles tropeçam pelas fragas da lubricidade.

Impressionada por este profano acontecimento, a fragil deosa considera attentamente a sua alta hierarchia, olha para o seu altar, vê a flor divina do seu pudor toda fanada e emmurhecida pelo sopro impuro d'este novo Telemaco, mede profundamente a altura de sua quêda, e ao medil-a sente um desespero infernal circumdar-lhe toda a sua natureza, o fogo da vingança enrubecer-lhe as faces, e a primeira victima que resolveu immolar ao seu furor — foi o joven Syrio, que assim pagou os inefaveis gozos, que antes havia fruido em sua companhia.

Depois d'este terrivel e criminoso successo, ella lança



entre dois rochedos o fructo amargo de seus voluptuosos desejos, abandona o templo sagrado, e precipita-se no lago Ascalão, onde se transformara, dizem, num dourado peixe.

Eis aqui o nascimento fabuloso de Semiramis. Agora vamos ainda seguil-a por um momento, através d'este prisma maravilhoso, que lhe dourou os primeiros dias da vida. Exposta, como Cybele, entre os rochedos, ao primeiro appetite das feras, Semiramis teve, naquellas inhospitas solidões, providencialmente o amparo, a guarda, e os ternos cuidados de um bando de pombas, que amorosamente lhe prodigalisaram os extremos de mãe, resguardando-a dos rigores do tempo e procurando-lhe a mais salutar nutrição. É alli que ella podia talvez dizer, como o propheta: «Meu pae e minha mãe me abandonaram, mas o Senhor tomou-me em sua protecção <sup>1</sup>.»

Certo dia, porém, estas pombas foram surprehendidas pelos pastores visinhos (no lugar onde costumavam ir prover-se das substancias alimenticias), que, movidos de curiosidade, seguiram-lhes o rumo, e no sitio em que as viram pousar, foram ver e depararam com uma linda criança, que logo conduziram para casa de Simas, administrador dos rebanhos reaes <sup>2</sup>.

«Por mais ridicula que pareça esta fabula, diz o Abbade Sevin, ella foi acreditada como uma verdade incontestavel em muitas provincias do Oriente.»

Transmittida primitivamente, de bocca em bocca, pela

<sup>1</sup> Psal. xxvi, cap. 10.

<sup>2</sup> Segundo o abbade Sevin esta fabula foi talvez inventada por Semiramis para occultar aos Assyrios a obscuridade de seu nascimento e persuadil-os de que os deoses tomaram um cuidado especial dos seus dias. Vid. *Recherches sur l'histoire d'Assyrie*, seconde partie — *Memoires de littérature*.

taça dourada das crenças populares, ella passou a ser registrada nos archivos historicos pelos mais afamados historiadores antigos, que a narravam com toda aquella simplicidade com que um patriarcha costumava narrar um conto oriental no seu lar, em uma noite de inverno, ou no seu terraço, aos poeticos clarões de uma lua de estio.

Aqui finda, pois, o periodo, propriamente fabuloso, da vida de Semiramis, periodo tão commum aos reis e grandes heroes da antiguidade. É como um involucro dourado, que elles mesmos, ou a fanatica admiração popular costuma crear num momento de enthusiasmo, occultando assim não só a obscuridade dos seus antepassados, mas a humildade do seu nascimento.

O povo, em geral, não pode conceber que os grandes feitos e as heroicas acções andem separadas da nobreza de sangue: d'ahi a grande tendencia para apotheosar os mais obscuros personagens, guiando-os ao azulado Olympo, onde os baptisam com o sangue perfumado dos deoses e lhes cingem as fronteas com as virentes coroas da immortalidade.

Vejamos agora como decorrera a infancia d'esta famosa rainha, em casa de Simas, e como ella alli se educara e sahira com a sua grinalda de noiva para a capital da Assyria.

Logo que Simas recebeu este inesperado thesouro, rendeu graças aos deoses por lhe haverem assim concedido o que até alli elle não tinha podido obter de sua esposa, e, desde esse momento, tomou com a maior satisfação o encargo paternal de velar pela vida e educação de Semiramis.

Animado por este nobre impulso, não se poupou a

esforços, nem meios, a fim de assegurar-lhe uma educação esmerada, que lhe adornasse não só o espirito, mas o coração, de todas estas bellas maximas e normas moraes, que podem ser na vida o que esses maravilhosos pharoes, assentados nos mais elevados pontos das praias, são para a cegueira dos navegantes, nas noites caliginosas, em que as ondas irritadas parecem decretar a morte a todos que sulcam os mares.

As felizes disposições de que era dotada esta rica organização, não deixaram estereis os preceitos de seus mestres, nem compromettidas as gratas esperanças que Simas nutrirã de a ver progredir. Pelo contrario, era pasmoso o seu aproveitamento. Simas via, pois, cheio do mais vivo jubilo, de dia a dia florescer, ao lado das prendas moraes e intellectuaes, a flor da belleza que mysteriosamente dispontava através das purpurinas rosas do semblante, ao sopro perfumado da mais esplendida primavera.

Era uma formosura verdadeiramente peregrina, que á elegancia das linhas reunia toda a flexibilidade dos contornos indispensaveis para attingir as graciosidades e supremas harmonias da fôrma.

Ella era, no dizer malicioso de Horacio, a Laïs do Oriente; nós porém diremos: — sim, era Laïs pela formosura; mas muito mais do que Laïs, porque, sobre o pedestal da formosura, irradiava-lhe a flamma divina do genio, coroado por uma serie de feitos immortaes.

A fôrma é alguma cousa, o espirito é tudo.

A fôrma é uma estrella deslumbrante para os necios; carvão, tenue carvão, para os que distendem seu olhar além da esphera contingente.

No emtanto, Menones, governador da Syria, passeiava uma bella tarde, pela cidade de Ascalão, e, ao passar

pela habitação de Simas, seus olhos pairaram casualmente sobre a formosura de Semiramis, que, sentada no cimo do seu terraço, fitava, talvez amorosamente, no horisonte o olhar amoroso de Vesper, ou de-ve-neava através d'aquellas nuvens, que o sol ao despedir da tarde transforma em mantos de purpura e ouro para cobrir, quem sabe! a nudez de algum anjo, que no espaço vagueia sem a protecção dos deoses. Semiramis estava nesta quadra, em que a vida é um lyrio que se agita ao sopro amoroso da primavera.

Dezoito bafejos do céu abriam-lhe as rosas da vida.

Ella era um anjo.

Deslumbrado pela belleza de Semiramis, o governador da Syria procurou immediatamente saber de quem era filha, e pediu-a em casamento. Simas concedeu-a a Menones, com quanto lhe fosse dolorosa a idéa de ir separar-se d'aquella que até alli era o enlevo de seus olhos e o encanto de sua casa. Acima do sentimento, porém, estava a razão, e esta lhe aconselhava que devia sacrificar todos os extremados affectos de pae, para não recusar a felicidade que lhe vinha bater á porta, e assim fazer passar Semiramis, do modesto terraço do administrador dos rebanhos reaes, para o brilhante e sumptuoso palacio do governador da Syria.

Logo que Menones obteve a mão de Semiramis, partiu em continente com ella, da cidade de Ascalão para as margens do Tigre, mais veloz que o cavalleiro de Burger com a sua Leonor<sup>1</sup>; e, ao chegar á esplen-

<sup>1</sup> Vid. M.<sup>me</sup> de Staël — *La poésie Allemande*, v. 1.<sup>o</sup>, pag. 258.

dida capital da Assyria, Ninive, alli fez celebrar as suas nupcias, com toda a pompa e magnificencia que a sua alta posição e riquezas lhe proporcionavam.

Foi alli que o pavilhão do prazer abriu de par em par as suas encantadas portas ao aceno de Menones, e que as sumptuosas salas dos festins se viram todas juncadas das mais frescas rosas, para a flor dos convivas pisar alegremente. Foi alli que os vinhos mais aromaticos da Armenia e de Chypre espumaram nas douradas taças da India; que os perfumes da Arabia circularam naquella atmosphaera anacreontica; que as danças fizeram brilhar o seu rhythmo doudejante, e os cantos suas deliciosas harmonias. Foi alli, no suberbo jardim de Menones, que se via uma deslumbrante illuminação reflectir suas variadissimas luzes sobre os mais bellos lagos e deslumbrantes cascatas, dando áquelle todo artistico um não sei quê de sublime e de phantastico, que lembraria os *Sonhos das Mil e uma noites*. É alli que o lasso conviva podia ir reclinar-se por alguns instantes sobre os molles cochins de myrto; e a bella, inebriada pela travêssa evolução da dança, ir cambiar o ar pesado e vaporoso do festim pelo que mais puro e suave brincava entre os odorificos lyrios e jasmins que adornavam os fluctuantes caramanchões.

Semiramis devia então parecer radiante e encantadora no meio d'esta festa, e tornar-se o alvo de todas as homenagens. Pois, na flor da juventude, com o seu vestido de nivea gaza a desenhar-lhe as graciosas fôrmas; a sua grinalda de noiva a cingir-lhe as longas e perfumadas tranças, que elegantemente lhe haviam de pender, formando ondeantes broqueis; o seu olhar puro e expressivo; o seu riso seductor a debruçar-se por entre a flor dos labios, com suas fallas impregnadas ainda

d'um perfume virginal: tudo, tudo devia concorrer para tornal-a a mais bella e seductora formosura que ia pisar a côrte esplendida da Assyria.

Pintar agora as doces e ridentes impressões que Semiramis devia ter sentido, ao ver-se transportada da modesta cidade de Ascalão para a sumptuosa capital da Assyria, toda reclinada sobre suas immensas collinas, que, como sophás, lhe sustinham o voluptuoso corpo; toda cercada de seus longos muros, similhando um cinto de guerreiro; com suas torres bellicas, figurando brilhantes capacetes; com seus templos, seus palacios, suas estatuas, suas inscripções heroicas, seus symbolos, seus emblemas, seu commercio, seus costumes, suas festas, suas danças, seus jardins e seu maravilhoso céu: eis o que o leitor poderá afigurar em sua imaginação, pois para dizel-o aqui não bastara um livro.

Transportada para aquelle grande theatro social, com as relações opulentas de Menones, Semiramis devia sentir uma metamorphose continua em seu espirito, pelas multiplicadas impressões e variadissimos conhecimentos que as vicissitudes do mundo lhe haviam de fornecer, sob a sua dupla face de Jano.

Cercada de todos os bens e riquezas para satisfazer o fausto exigido pela sua posição; afagada pelo sagrado amor de Menones, que em nada havia esfriado, pois se d'um lado existia a belleza, que o despertara, do outro existiam os seus encantos, o seu espirito e as suas graças, que o tornavam eterno — Semiramis julgava-se feliz.

E, como se não fossem bastantes todas estas garantias para firmar aquelle consorcio, ainda os deoses lhe concederam dois filhos, Hypatis e Hydos, para mais fortificar aquelles laços, já tão intimos.

Coroada pois, pela sua posição de mãe, com os ele-

vados talentos que a minto revelava, pelas suas felizes lembranças, sobre os mais variados assumptos; a circumspecção profunda que guardava, ainda nos negocios de menor importancia; o seu acertado discorrer nos mais intrincados negocios: tudo concorreu para tornal-a em breve a mais intima confidente de seu esposo, a ponto de nada mais deliberar nem executar sem ouvir o seu parecer, pois estava certo de que, guiado por elle, alcançaria sempre os mais fecundos resultados.

No meio, porém, d'esta felicidade inexprimivel, d'esta feliz concordia, que é o almejo supremo das almas bem conformadas, um inesperado acontecimento veio interromper esta feliz união. Foi uma ordem do rei da Assyria.

A febre da ambição, que de ha muito devorava a cabeça de Nino, para apossar-se de muitos reinos, não o deixava em repouso um só instante.

Com quanto tivesse já effectuado grandes conquistas, desde o Mediterraneo até ás margens do Indo, tudo isso, porém, não era bastante para saciar a sua imensa cubiça.

Já ha muito que seus olhos se lançavam sobre a Bactriana; e não podia deixar de revoltar-se interiormente, quando pensava que não tinha ainda calcado aos pés a nobre altivez que manifestava pela sua independencia. É a mania dos despotas.

Foi, pois, para o acompanhar nesta conquista, que Menones fôra chamado apressadamente á côrte de Nino.

À vista d'esta imperiosa necessidade, Menones separou-se de Semiramis, levando a esperanza de em

breve tornal-a a ver, carregado dos louros, que a deusa da victoria lhe offertasse no campo da batalha.

Em breve Menones e o rei da Assyria tomaram muitas cidades naquella região; porém, no meio d'estes triumphos, havia uma cidade, que repellia com altivez o conquistador; essa cidade era justamente aquella que Nino tinha mais interesse em submetter, e em rebaixar o seu orgulho: era Bactres, a capital da Bactriana, cidade rica e florescente pelo seu commercio com a India, China e outros paizes do oriente.

Para combater esta resistencia, Nino tractou de sitial-a; porém todos os seus esforços e meios estrategicos, empregados pelos seus mais habéis generaes, foram infructuosos perante a inexpugnável praça dos Bactrianos.

Este cerco alongou-se por muito tempo, e o exercito já se manifestava impacientado por tão singular resistencia.

Menones, d'esta immensa distancia, olhava com saudade sua esposa; e, não tendo esperança de ver terminada em breve esta consquista, deliberou que Semiramis viesse para a sua companhia.

---

Logo que Semiramis recebeu o aviso de seguir para Bactres,— seu regosijo foi immenso; pois a lembrança de ver e abraçar seu esposo, depois de uma tão longa ausencia; a idéa risonha, que lhe brincava pela mente, de ainda lhe poder ser util por alguma lembrança feliz, que concorresse para a sua elevação e gloria, e mil outras imagens lisongeiras, que lhe adejavam pela frente, revestiram-n'a de animo tão varonil, que, sem mais delongas, poz-se a caminho para a Bactriana, tendo a



arte de vestir-se d'uma maneira tão dubia, que se não podia dizer ao certo se era mulher ou homem, com a vantagem admiravel de reunir, á elegancia do trajo, a utilidade, isto é, o de harmonisar tudo de forma que, parecendo bem no exterior, conseguia occultar o seu sexo e esquivar a sua rara formosura aos ardentes raios do sol.

Depois de transpor os vastos desertos, as altas montanhas, lagos e rios da Persia e da Tartaria, chegou, em fim, a Bactres <sup>1</sup>.

Ao chegar áquella capital, Semiramis soube de Menones as grandes difficuldades, que até então apresentavam os bravos defensores do forte Bactriano.

Depois de attentamente ouvir narrar todos os obstaculos, que o tornavam inacessivel, Semiramis, de repente, como assaltada d'uma fulgurante idéa, pede a seu marido consentimento para o ir examinar, e, a pezar de Menones lhe observar o grande perigo e a inefficacia de seus esforços, ella insiste, e parte em direcção ao forte, investigando-o minuciosamente por todos os lados.

Depois d'um serio exame, ella penetra alfim, com seu olhar d'aguia, uma estreita senda, por onde com facilidade se poderia entrar na cidadella e tomal-a de assalto.

Illuminada por esta brilhante descoberta, que a ia conduzir ao pantheon da gloria, Semiramis volta a toda a pressa para a tenda de Menones, revela-lhe a feliz descoberta, e, depois de combinar a maneira mais efficaz para se executar o seu plano, veste um uniforme militar, pede-lhe alguns soldados, já adestrados na subida dos mais escavados rochedos, e, com a brilhante

<sup>1</sup> É hoje Balkh, no Turkestan ou Tartaria independente, uma das cidades mais antigas da Asia, situada perto do rio Ghion, que lhe corre ao norte e vai perder-se no lago Aral, depois de banhar Khiva.

rapidez do pensamento, penetra na senda, até alli imperceptivel a tantos milhares de olhos, em quanto que, por um signal previamente combinado, ella faz ir de assalto todo o exercito, que maravilhosamente executou o plano concebido, e se apoderou da altiva cidadella, que por tanto tempo zombara dos planos e esforços empregados, não só pelo grande Nino, mas pelos seus mais famosos generaes.

Se compararmos agora este audacioso feito de Semiramis com o que a famosa Judith executara, embora em circumstancias differentes, para suspender o cerco que um general da Assyria fazia á cidade de Bethulia, o que vemos?

É a formosa viuva de Menasses entrar em orações e cilicios; depois, banhar-se, alindar-se, ataviar-se com as mais scintillantes joias e diamantes; perfumar-se toda, e, como a tentadora serpente do paraizo, resvalar subtilmente por entre as flores da astucia, para melhor poder ferir a sua victima; penetrar através do exercito Assyrio; semear pela sua passagem fallas de mel, embriagar com seus olhares de serêa todos os guardas; chegar ao sumptuoso e assetinado pavilhão de Holo-phernes; lançar-lhe as magneticas faiscas do amor; pô-lhe em combustão o voluptuoso coração; e, lá pela alta noite, quando o somno havia desprendido suas azas de chumbo pelo cerebro ardente do guerreiro, agora abatido pelas rubras ondas do vinho; ella, com os olhos em Deos (...), e as trêmulas mãos no alphange, descarregar o golpe mortal e separar a cabeça do immovel tronco. Depois, atravessar de novo as fileiras inimigas,

reter a custo, no manto da dissimulação, a voz do triumpho, e, ao chegar aos muros de Bethulia, com as mãos ainda tinctas de sangue, mostrar fluctuante a cabeça de Holophernes, bradando cheia de jubilo: Está salva Bethulia!

Sim, Bethulia foi salva. Os judeus entoaram hymnos a Jehová. Judith entrou, por este meio, radiante de alegria, para o pantheon das heroínas; mas a serpentina traição lá ficou, e a historia imparcial ha de apontal-a eternamente, porque no céu da justiça nenhum fim, por mais augusto que seja, tem o poder de justificar e tornar sanctos os meios que por sua natureza são indignos e traiçoeiros <sup>1</sup>.

Agora vejamos Semiramis: que differença!...

Aquí ella quer penetrar tambem no campo inimigo; mas, para lá chegar, não procura valer-se dos seus irresistiveis attractivos, nem se envolve na tunica doirada da belleza, nem se atavia, nem se perfuma, nem de Cupido toma as flexas de ouro.

Seu genio rasgado e franco não supporta as dissimulações judaicas e outras acções indignas, que mais tarde foram representadas por Zopyro para abrir as portas de Babylonia a Dario, e por Sexto Tarquinio para entregar Gabios a seu pae, o Tarquinio soberbo; não! Ao chegar á fortaleza de Bactres, ella parece executar aquellas laconicas palavras, que Julio Cesar, onze se-

<sup>1</sup> Bem sabemos que os maiores interpretes da Egreja, como Bossuet,\* dizem que Deos inspirara, e se servira da belleza de Judith para assassinar Holophernes; porém nesses altos arcanos da sancta theologia não nos envolvemos. Respeitando profundamente tão insigne interprete da Escriptura, não deixamos de dizer que, aos olhos da nossa fraca razão, a acção de Judith foi um assassinato traiçoeiro e improprio d'uma mulher.

\* Vide *Oraison Funèbre de la Reine d'Angleterre*, par Bousset.

culos depois, escrevera das margens do Bosphoro para Roma: « *Veni, vidi, vici.* » Sim, Semiramis olha, pensa e combate. Olha como a aguia, pensa como um genio, e combate como um heroe. Aqui, ella combate a vida expondo a vida; o valor e a tactica buscam nas azas do entusiasmo a victoria ou a morte: — eis os meios naturaes que ambos os belligerantes podem empregar sem baixaza.

Neste dia, Semiramis subiu á esphera dos grandes guerreiros, sem perder nem manchar as graças e encantos do seu sexo.

Entretanto, Nino pasma de admiração, ao saber que devia um tão portentoso successo á feliz lembrança d'uma mulher. O desejo de a recompensar e a curiosidade de a conhecer, leva-o a mandal-a chamar, e, quando a tem em sua presença, não sabe que mais admirar, se a heroicidade da acção, se a belleza da heroína.

Fascinado pela altivez d'aquelle olhar de mulher, Nino não pôde resistir á violenta paixão que immediatamente sentiu por ella, e resolveu desde logo, abusando da sua posição real, fazer da mulher do general Menones a rainha da Assyria.

Com este intento, volta-se para Menones, que se achava presente, e disse-lhe: Sabei, Menones, que d'ora ávante Semiramis é minha esposa, e que lhe deveis obedecer como vossa rainha e soberana. Ao dizer isto, Nino quiz logo adoçar tão amargo comprimento e accrescentou: Em compensação, porém, dou-vos, como prova do muito que vos estimo e considero, a minha filha Suzana, que, na flor da idade e cercada de todo o brilho da realeza, não deixará de vos ser aprazivel.

Menones estremece ao ouvir semelhante proposta,

emmudece, vacilla e não sabe que responder. Uma sentença de morte não o teria abalado tão profundamente.

Debalde ensaia uma resposta para dal-a ao rei; não a encontra. Alfim, recobrando animo, ousou dizer-lhe: Prefiro antes a morte, senhor, mas nunca fazer tal concessão.

Nino, quando isto ouviu, disse logo, com voz de quem sabe que executa o que promete:—Se tiverdes a ousadia de me replicar mais uma só palavra, mandarvos-hei não só arrancar os olhos, mas arrastar-vos por quatro cavallos até vos reduzir a pó.

Em presença d'este louco e fero despotismo, Menones retirou-se da presença do rei, curvado ao peso de tão angustiosos sentimentos; e, tão impressionado ficara d'esta inhumana proposta, que, ou fosse receio de uma morte certa, em presença de sua opposição, ou profundo desgosto de se ver assim privado d'aquella mulher, que era o seu paraizo na terra, o que é certo é que elle preferiu antes terminar com a vida, do que ser testemunha de uma tal impudencia.—Tão pura era a flor do sentimento que perfumava este nobre coração!

Bella alma, que tão digna serás da admiração de todas as gerações, que se não tiverem aviltado na chamma impura, que ainda hoje consome e devora os mais puros sentimentos!

Teu suicidio pode ser reprovado pelos fracos, pelos cynicos, por aquelles que entendem que a alma se deve ir despojando quotidianamente dos mais nobres sentimentos, como as arvores se despojam de suas folhas e de suas flores, ao sopro polluto do outomno; mas a nobreza do sentimento amoroso e independente, que tão briosamente animou teu coração, será sempre digno

dos maiores louvores por todos os homens que ainda conservarem na alma um átomo de pundonor.

É verdade que para os partidarios do cynismo, para os que olham para a mulher como uma simples alfaia ou joia de recreio, teu proceder ha de ser recebido pela gargalhada; não importa. O brilho da luz é mais apreciado onde mais densas são as trevas.

É ao despedir dos ultimos raios da liberdade romana que as almas de Cassio e Bruto mais luminosas foram! É por entre os miasmas da corrupção que inunda Athenas, que mais bella fulgura a alma d'um Socrates!

A verdade, a virtude e todos os nobilissimos sentimentos que decoram o céu da nossa alma, têm o seu valor intrinseco; não precisam do numero e apoio convencional, nem do cortejo vil, que faz boje a força das sociedades corrompidas e das assembléas venaes.

Mas, voltemos a Nino e a Semiramis, e confrontemos a acção d'este rei com a d'um outro rei chamado — o rei-propheta.

Nino, no excesso de sua desordenada paixão, nem deu pela morte de Menones; elle só vê deante de seus olhos as encantadoras graças de Semiramis: tudo o mais é escuridão para aquella pobre cabeça, que já pendia para a decrepitude e resvalava para o sepulchro.

Sua idade, apezar de avançada, não teve força nem experiencia bastante para resistir a um inimigo, que elle já bem devia conhecer: o amor!...

É que o amor é como a morte: quando tenta ferir, pouco se lhe importa que a victima tenha na frente as rosas da primavera ou as pallidas folhas do outomno. Elle fere porque quer ferir; nada mais.

Mas, voltando a Nino, diremos — que o seu procedimento para com Menones é minorado, quando o comi-

paramos com o d'aquelle famoso rei, que do terraço do seu palacio espairose seus olhos pela torrente do Cedron e collinas verdejantes de Jerusalem, e detem-n'os alfim sobre a formosura de Bethsabee, quando no seu delicioso jardim entrega descuidosamente suas bellas formas a um banho de perfumes, como a casta Susana no seu jardim de Babylonia.

Sim, quando vemos que em logar da franqueza rude de Nino,—o dissimulado judeu envia o nobre marido de Bethsabee ao primeiro combate, para alli consorcial-o com a morte, e assim poder desafogadamente entregar-se-lhe num voluptuoso abraço; em presença d'este vil procedimento pôde dizer-se que o pobre Nino foi mais doido que culpado, e David mais voluptuoso e mau do que apaixonado. Um quer arrebatrar a mulher d'outro, mas dil-o com franqueza, e em compensação quer dar ao marido sua filha, uma princeza; o outro quer tambem assenhorear-se de uma mulher que lhe não pertence, mas em compensação quer, dissimulada e conscientemente, dar — não uma filha, nem uma princeza, na flor da idade, mas a morte, a negra morte, entre os furores de um combate <sup>1</sup>.

Semiramis attingiu, pois, os degraus do throno da Assyria, através da morte de Menones. Ter-se-lhe-ia desvanecido o luto e a pena, á vista dos raios brilhantes

<sup>1</sup> Sabemos que Bossuet, o illustre Vieira, e outros theologos abalisados, ao fallar de David, dão-n'o como purificado pelo seu grande arrependimento; mas tambem sabemos que Judas, o negro Judas, se arrependeu, e nem por isso se deixa de fallar na sua villania e nem de o considerar como o symbolo de traição.

da coroa real? Deixariam seus olhos resvalar uma lagrima de sentimento? Quem sabe!... A ambição humana tem seus myterios e contradicções inexplicaveis. Uns ambicionam e choram, como Julio Cesar, quando a seus pés vê a cabeça de Pompeo<sup>1</sup>; outros desejariam que a humanidade tivesse uma só cabeça, para num momento vel-a decepada a seus pés, como Caligula o desejava ao povo romano.

A cadêa das ambições humanas é um abysmo insondavel: deixemol-a com suas loucuras.

A sabedoria, se existe na terra, está entre o riso de Democrito e o pranto de Heraclito.

Terminada a guerra de Bactriana, Nino volta com Semiramis para a capital do seu imperio, Ninive; e alguns annos depois falleceu, deixando-a com as rédeas da soberania e tutora d'um filho, que d'ella tivera, chamado Ninyas<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Segundo o geral dos historiadores, Cesar, vencedor de Pompeu na Pharsalia, perseguia o seu rival, e ao chegar ao Egypto recebeu, como presente de Ptolomeu Denis, a cabeça embalsamada de Pompeo; dizem porém que, ao vel-a, elle se desviara com horror e chorara... Eram sinceras estas lagrimas? ou era aquelle fingimento hypocrita que Corneille põe na bocca de Cornelia:

O soupirs, o respect! o qu'il est doux de plaindre!  
Le sort d'un ennemi, quand il n'est plus à craindre!  
(*Pompée*, tragédie, act. v, scène 2).

<sup>2</sup> Segundo Diodoro e Plutarcho, Semiramis pediu a Nino que lhe concedesse o poder soberano por cinco dias, o que elle, pelo ardente amor que lhe consagrava, consentiu; e ella, aproveitando-se d'esta prerogativa, o mandara logo encerrar num profundo carcere, e algum tempo depois lhe dera a morte. Segundo outros auctores, Nino teve uma prisão perpetua. A opinião, porém, mais commum e sensata, é que, depois da expedição de Bactres, achando-se elle já mui idoso, terminara tranquillamente seus dias em Ninive, abdicando sua coroa em favor de Semiramis. E esta a opinião mais racional.



Para eternisar a memoria d'aquelle que lhe havia dado uma corôa e um grande imperio, Semiramis mandou construir um sumptuoso tumulo no recinto do proprio palacio, onde de tempos a tempos ia fazer suas effusões funebres.

Senhora, desde então, de suas acções, rodeada de todo o poder e majestade, Semiramis achava-se agora no caso de fazer desabrochar uma nova e brilhante época civilisadora, que eternisasse seu nome e o dô imperio da Assyria pela realisação dos mais vastos e gigantescos projectos, que lhe fermentavam na majestosa frente.

Dotada d'um genio audaz, fecundo e emprehendedor, ella ambicionava eclipsar o brilho e a fama de todos os seus predecessores, e mostrar á posteridade que uma mulher tambem se póde elevar ao pinaculo da gloria, que em geral se presume estar sómente reservada para coroar a frente dos grandes homens.

Encantada da bella e feliz situação que lhe offerecia Babylonia, o seu primeiro intuito, foi, logo depois de acalmadas as primeiras agitações que se despertaram nos povos conquistados por Nino, fundar ou amplificar <sup>1</sup> aquella cidade, de maneira que, pela realeza de suas maravilhas, se tornasse digna de alli assentar o esplendor da sua côrte.

Para isto se realisar, lança mão da varinha magica do seu genio, e com todo o prestigio d'uma fada oriental fez surgir, como por encanto, uma capital, que se tor-

<sup>1</sup> Ha diferentes opiniões a este respeito: o mais provavel, porém, é que ella fosse amplificadora e não fundadora.

nara, pelas suas raridades majestosas, o assombro e a maravilha do Universo.

O mundo physico e artistico ia soffrer um grande jugo, mas feliz, pelas beneficas revoluções, que tinha em vista operar este grandioso genio.

O seu primeiro *fiat lux* foi mandar cingir o corpo de Babylonia por uma suberba muralha, toda coroada de mil e quinhentas torres bellicas, que, de espaço em espaço, semelhantes ás atalaias de um grande exercito, pareciam dar conta das evoluções inimigas.

Depois de construida e fortificada, ella lança os olhos para o Euphrates, vê suas inundações e outros obstaculos que se oppunham aos seus designios, e por isso manda-o encadear num grande lago, previamente feito ao occidente de Babylonia, até que de novo lhe aprouvesse dar-lhe a liberdade de reentrar em seu leito.

Em quanto o Euphrates, assim aprisionado, vocifera contra o despotismo salutar da rainha de Babylonia, Semiramis ordena que sob o seu leito se construa uma sumptuosa galeria, que, toda adornada dos mais bellos quadros, estatuas e pinturas, lhe facilitasse, d'esta maneira singular, uma mysteriosa passagem para os dois suberbos palacios, que se achavam construidos, um na margem oriental, outro na occidental do Euphrates.

Depois, quando uma majestosa ponte, sustentada pelos mais robustos arcos, se achava lançada entre as margens do Euphrates, e os mais solidos cáes se elevavam para deter as suas furiosas inundações, que, á similhança das do Nilo, alli se davam periodicamente, Semiramis ordenou então que se lhe dêsse a liberdade, parecendo dizer-lhe com voz soberana:

«Agora, volta ao teu leito, ó Euphrates; mas, em lugar de ociosas e prejudiciaes inundações, vae antes

levar, através dos immensos canaes, a fecundidade e a vida, aonde apenas existe a esterilidade e a morte.» E o Euphrates, bem qual monstruosa serpente, que desperta do seu longo torpor, assim elle se desenrosca do profundo lago, e alegre espuma e resvala para o ameno leito, espreguiçando-se todo, por entre as floridas margens, em longas e graciosas espiraes.

Depois d'estas gigantescas construcções, que uma só bastára para immortalisar um longo reinado, Semiramis subiu á encantada esphera da phantasia, e de lá trouxe uma assombrosa maravilha.

Queremos fallar dos jardins suspensos, que tão celebrados foram pela rica imaginação dos gregos.

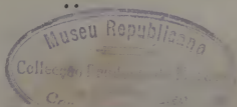
Para se fazer idéa d'esta portentosa criação, delineemos aqui, a largos traços, a sua physionomia geral.

Na margem oriental do Euphrates é que se elevava este grandioso monumento, junto aos palacios reaes.

Alli um longo quadrado, que parecia formar-lhe a base, se elevava de terraços em terraços a uma altura extraordinaria, buscando a grandiosa fôrma d'um amphiteatro.

No intervallo das grandes abobadas, sobre as quaes se apoiava este maravilhoso monumento, abriam-se magnificas salas, que todas se deixavam banbar da mais bella e penetrante luz. Panoramas magnificos d'alli encantavam e attraíam os olhares.

Para subir a estes fluctuantes jardins, havia um certo numero de elegantes escadarias, que conduziam a bella rainha e os seus reaes visitantes para os esplendidos terraços, onde toda a raridade de plantas e flores orien-



taes ostentavam, com profusão e deslumbrante symetria, os seus magicos esplendores.

Alli se viam os mais bellos e ricos vasos de ouro, e prata, collocados em diferentes sentidos, servindo de pedestal a muitas d'aquellas raridades.

No mais alto dos terraços, occultava-se mysteriosamente, como para symbolisar a fonte da vida universal, uma bomba, que, de tempos a tempos, ia alegre e suavemente banhar todas as bellezas do jardim.

Eis a feição geral d'este grandioso monumento; a particular é um labyrintho de prodigiosas bellezas, que não tenho tempo nem valor para descrever: afigure-as o leitor, se pôder <sup>1</sup>.

É d'alli que, reclinada sobre este throno de maravilhas aéreas, a respirar perfumes, com o azul ethereo por docel, Semiramis podia, ao despontar da manhã ou ao declinar da tarde, contemplar, com indizível prazer, todas as magnificencias de sua deslumbrante Babylonia.

Na verdade, que de mais bello se lhe podia offertar? Contemplemos.

É a opulencia da cidade a desenrolar-se-lhe deante dos olhos com todos os suberbos ornamentos de seus palacios e jardins; são as longas muralhas, vigiadas pelas suas numerosas atalaias; é o Euphrates deslizando-se cortezmente de norte a sul pelo centro da população, com sua facha de prata, parecendo dividir em dois hemispherios o globo immenso da capital; é a sumptuosidade da ponte dando transito á multidão inquieta e

<sup>1</sup> Quem desejar ver mais minuciosamente descripto este famoso monumento, veja Rollin — *Histoire Ancienne*, vol. 3.<sup>o</sup>

industrial; é a galeria subterranea, que mysteriosamente dá passagem para os dois majestosos palacios; é o templo de Bello, com sua elevada torre e observatorio, a sondar as maravilhas que se occultam no céu; são os mais solidos cáes, todos ajardinados, detendo os furores do Euphrates; são os diques vigorosos e os mais ricos canaes a conduzirem novas fontes de vida e prosperidade até ás mais longinquas povoações; são as maravilhas d'arte a decorar os mais sumptuosos templos, e onde os primores de architectura, de esculptura, e de pintura parecem desafiar toda a perfeição dos seculos posteriores e dizer com orgulho: Além do nosso céu artisticístico jámais passará a posteridade. É, emfim, o mais bello céu do mundo, que, pela transparencia e lucidez de sua atmospha, saturada de perfumes, parece estar a convidar os sacerdotes de Chaldéa a irem surprehender a nudez das estrellas, quando juntas, como as nymphas do Pireo, vão occultar no oceano de ether as suas bellas formas e banhar suas frentes de luz. Eis em resumo os esplendorosos quadros.

Finalmente, se não temessemos o olhar severo e carregado de algum sancto Doutor, diriamos que, assim como o Eterno, ao arrancar das profundezas do cahos tantas maravilhas, se deteve por alguns momentos em amorosa contemplação, assim Semiramis devia extasiar-se ao ver deante de si os portentosos monumentos que ella, pelo aceno gracioso de seu genio, fez surgir dos abysmos do nada, para adornar a sua luxuosa Babylonia e tornal-a assim um objecto de admiração universal<sup>1</sup>.

Realizadas estas maravilhas, Semiramis, afastando-se

<sup>1</sup> Bem sabemos que muitos d'estes monumentos não foram feitos por Semiramis, nem podiam ser, por se oppôr a isso a lei

do pensar commum, que reinava entre os seus predecessores, procurou mostrar que os verdadeiros e solidos fundamentos d'um reinado não descansam no solo movediço do terror e do despotismo, mas sim na confecção das mais sabias leis que assegurem a ordem e a prosperidade commum dos povos.

Com este intuito, e desejando que os raios beneficos de sua providencia attingissem as mais remotas extremidades do seu imperio, resolveu viajar, a fim de mais plenamente conhecer todas as necessidades dos seus diferentes povos.

Não contente com o paraizo que acabava de realizar em Babylonia, este grande genio ia ainda crear novas maravilhas aonde quer que encontrasse uma alma para as admirar.

Semiramis parte, pois, de Babylonia e percorre a fatal, que limita a vida humana; mas, para nos conformarmos com o dizer commum, aqui lh'os attribuímos todos.

Entre os maravilhosos monumentos de Babylonia existia o celebre templo de Bello, que Xerxes, na volta da sua desgraçada expedição contra os gregos, demoliu completamente, depois de lhe ter roubado os immensos thesouros.

No templo de Bello ou Baal, havia de notavel uma torre prodigiosa, que se elevava do centro do edificio construido em quadrado, a qual, segundo Herodoto, tinha 104 toezas de comprimento sobre outro tanto de largura, etc.

Pretende-se e demonstrou-se, diz Mr. Rollin, que aquella torre excedia em altura a muitas pyramides do Egypto, e é o que deu logar a crer, como o assegura Mr. Bacharat, que ella era a mesma que havia sido construida pela confusão das linguas, e que pela Biblia é chamada — Babel. Alexandre Magno tentou mandar reconstruil-a, depois que voltara da sua famosa expedição á India, chegando a empregar dez mil homens só para desentulhar a praça e afastar as grandes ruinas feitas pelo louco Xerxes; porém, no meio de tudo isto veio a morte arrebatall-o da esphera dos vivos com todos os seus gigantescos projectos.

Media, a Persia e a Ethiopia, deixando após si os mais assignalados monumentos de seu poder e riqueza.

É aqui que poderíamos, segundo a majestosa expressão do sr. Rebello da Silva, dizer: «O impossivel domado curva-se e obedece-lhe. Por onde passa, tudo annuncia a sua presença <sup>1</sup>.»

Na verdade, aqui tudo é domado por Semiramis, e tudo se transforma e é sellado pela magestade do seu genio.

Ao seu menor aceno as collinas e montes abatem suas frentes e curvam-se até rastejar a superficie do solo. Os rochedos tremem, abrem seus flancos e dão passagem ao viajante, que até ahi era detido pela resistencia de suas enormes massas.

Os logares mais despreziveis e solitarios desaparecem; mas em seu lugar vêm assentar-se bellas e opulentas cidades, graciosas collinas, frescos valles, ridentes campinas e amenos jardins.

O seu perpassar é rapido como o pensamento; mas a semente da abundancia e da prosperidade lá ficam para acordar o coração dos povos, que, commovidos pelos beneficios, sabem entoar hymnos de alegria e curvar no templo dos deoses o joelho de reconhecimento, rendendo-lhes graças por lhes haverem dado, não um tyranno para lhes arrancar o pão, a vida e a honra de suas familias, mas uma soberana, que lhes era mãe e protectora.

É nesta viagem que se affirma que Semiramis, ao chegar á Media, alli fizera construir, em face do monte Bagistan, um bello e sumptuoso palacio com seu jardim,

<sup>1</sup> Vid. Elogio Historico de Sua Magestade El-Rei D. Pedro v, pag. 8.

esculpturando ao mesmo tempo sobre a roca da montanha, que se eleva a uma altura de mais de dois mil metros, a sua imagem com os cem guardas <sup>1</sup> que a acompanhavam.

Os baixos relevos, primorosamente esculpturados, ainda alli hoje subsistem, diz Mr. Freret; e os viajantes mais dignos de fé asseguram que ainda se divisam ao caminhar de Bagdad para Hamadan <sup>2</sup>.

Depois de assim haver conquistado o amor e obediencia de seus povos, Semiramis regressou para Babylonia.

Terminadas as suas conquistas, melhorada a agricultura, progredindo a industria e o commercio d'uma maneira surprehendente, pela facilidade de communições, que naturalmente eram obtidas pelo Euphrates e amplificadas pelos numerosos canaes que maravilhosamente se ramificavam para os differentes pontos do imperio, Semiramis aprazia-se em ver agora como todas as riquezas do Oriente affluam para as margens do Euphrates. Com effeito, vê-se, pela historia da Assyria, que todas as riquezas dos diversos paizes affluam naquella época para alli: era a Armenia com seus preciosos vinhos, a Arabia com seus perfumes, a Persia com suas perolas, a India e a Ethiopia com seus marfins, seus diamantes e seu ouro em pó e outras ricas producções.

Babylonia, em troca, dava-lhes a confecção dos mais alvos e finos linhos, ricas lãs, deslumbrantes tapetes,

<sup>1</sup> Assim devia ser, diz o grande Herder, visto que nos paizes meridionaes se não encontram. como no Egypto, rocas de granito proprias para construir um monumento eterno. Vid. Herder — *Idées sur la philosophie de l'histoire de l'humanité*.

<sup>2</sup> Cidade da Persia, que occupa o logar da antiga Ecabatana, de arredores e sitios encantadores. Os tumulos do sabio Avicennes e dos poetas Altar e Aboul-Harif attraem alli muitos peregrinos do oriente.



magnificas purpuras e muitos outros objectos de luxo e magnificencia, que sua maravilhosa industria produzia. Babylonia nadava num mar de riquezas, e a sua bella rainha, depois de tantas lidas, desejava tambem repousar alguns momentos dos trabalhos da governação do estado.

Com este fito, partiu Semiramis para a Armenia, onde a esperava um magnifico palacio, situado na margem oriental do lago Van <sup>1</sup>, com seus deliciosos jardins de recreio, proximo do qual se achava a elegante cidade de Artemisa, que ella mesma havia fundado.

É alli que a formosa rainha de Babylonia deliberou passar os ardores do estio.

É d'alli que ella podia contemplar, ao norte a majestade imponente do Caucaso, do Taurus, e do biblico Ararat. pedestal da arca de Noé; a seus pés assistir, por assim dizer, ao nascimento dos rios Tigre e Euphrates, que, depois de espalharem no crystallino de suas aguas a formosura de Ninive ao Oriente, e a de Babylonia ao occidente, iam a final abraçar-se no Chat-el-Arab, e adormecer juntos no leito de perolas, que tem por cortinado o azul transparente do golpho persico.

<sup>1</sup> Segundo uma nota de Mr. Guillemin — *Histoire Ancienne de l'Orient*, — ver-se-ha que ainda hoje existem as ruinas.

Eis o que a este respeito diz Mr. Guillemin, em sua historia do Oriente, numa nota, a pag. 33: «L'arménien Moïse de Khosen, qui écrivait au cinquième siècle, parle des immenses travaux exécutés par Semiramis, à la ville de Van, sur le lac du même nom.»

Em 1827 Mr. Schubz a reconno a montague artificielle qu'elle élève; elle est formée d'énormes quartiers de roc, sur une étendue d'une heure de chemin. L'entrée et les flancs de la montague sont couverts d'inscriptions cunéiformes, ou lettres en forme de clous.

Este monumento tem attrahido alli muitos viajantes.

É allí que Semiramis desata o doirado cinto de guerreiro; entra num banho, perfumado pelas mais bellas essencias do Oriente, deixa o suor das fadigas marciaes, envolve-se no setinoso roupão do prazer, entra na sala do festim, passa ao seu jardim encantador, solta as longas tranças de Magdalena ao ar livre e perfumado, respira as deliciosas fragrancias das flores, bafejadas pelos cherubins orientaes, contempla a nivea plumagem dos cysnes, que brincam sobre o azul dos lagos, olha a nuvem purpurina, que pela amplidão dos cêos erra indolentemente áquella hora em que o sol diz adeos ao horizonte, mira com indizível affecto a pallidez seductora de Venus ao cahir melancholico da tarde, ouve o arrulho plangente da pomba, que parece carpir a ausencia do casto esposo, sente o coração palpar com violencia ao soar d'aquella nota mysteriosa, volve pressurosa ao seu palacio, toma o calix de crystal, leva aos labios sequiosos as gottas do ineffavel nectar de que se inebriam os deoses, chega ao leito d'ouro, abre o transparente cortinado, reclinase sobre o mollifico travesseiro de rosas, ouve um canto de harmonias celestiaes, e, deixando-se pouco a pouco resvalar para os braços d'aquelle travesso deos, que os gregos chamavam Eros, sobe com elle á esphera divina dos sonhos immortaes, percorre toda a escala das ineffaveis sensações até chegar ao gráu supremo da volúpia, que é o polo estrelado, onde a phantastica borboleta do prazer sente languidamente extasiar suas azas d'ouro.

Sim, é esta a quadra em que Semiramis deixa por algum tempo o batel da volúpia resvalar docemente pelo mar das delicias, até que um dia, ao jazer no mais profundo somno, a aguia da gloria veio pousar-lhe sobre o hombro; ella estremece, acorda, e, quando encara o brilho penetrante d'aquelle olhar, que parecia cen-

surar-lhe docemente o descuidoso viver, levanta-se como envergonhada, e, cheia de um novo vigor, sacode com a tunica dos Sardanapalos, alinha as perfumadas tranças, e, tomando o manto deslumbrante de Alexandre, sonha em conquistar a India.

Preoccupada d'estes gigantescos projectos, Semiramis regressa a Babilonia, e manda preparar com toda a actividade um grande exercito, e fabricar numerosos elephantes fingidos para combater com os que verdadeiramente lhe havia de oppôr Stratobatis, rei da India.

Tomadas todas as precauções para que se não revelasse este ingenhoso estratagemas, que consistia em cobrir grande numero de camelos, com pello de bois negros, Semiramis marcha com seu exercito para as margens do Indo.

Logo que Stratobatis soube da invasão de Semiramis, enviou-lhe uma embaixada com o fim de saber a razão e com que direito ella penetrava com um exercito armado nos seus estados, sem motivo algum, dirigindo-lhe ao mesmo tempo muitas satyras offensivas, e ameaçando-a de a mandar pregar numa cruz e açoital-a, etc. Semiramis respondeu-lhe, com aquella altivez que lhe era característica: «Dizei ao vosso rei e senhor que em breve eu mesma em pessoa lhe farei saber e sentir quem sou e quaes os direitos que me assistem.» E, continuando a marchar com todo o ardor para as margens do Indo, manda, ao chegar alli, preparar, como Xerxes o fez no Hellesponto, uma ponte de barcas para fazer passar o seu exercito, e, ao chegar ao outro lado do rio, travou logo um sanguinolento combate; e com tal felicidade, ousadia e tactica se houve nelle, que não só poz em fuga o inimigo, mas teve como despojos cem mil prisioneiros.

Radiante de alegria por triumpho tão assignalado, mal sabia Semiramis que elle era a vespera da sua quêda, o prenuncio d'uma grande catastrophe, que lhe occultava a nuvem do futuro.

Animada por este brilhante successo, Semiramis não perde tempo, e, depois de deixar sessenta mil homens a guardar a ponte de barcas, investe com o resto do seu exercito para o interior da India, sonhando eternisar seu nome por meio de outras victorias.

Era isto mesmo que desejava Stratobatis, pois, por meio de uma retirada fingida, foi-se internando o mais possivel, e, quando a attrahiu a sitio conveniente, volta-se de repente com toda a impetuosidade sobre o exercito de Semiramis com os seus temiveis elephantes, que em breve o espanto, o terror e a desordem, causada pelos falsos elephantes, foi tal, que Semiramis, não podendo mais reanimar suas tropas, nem resistir ao furioso embate dos verdadeiros elephantes, viu-se obrigada, para não perder de todo a vida, pois já havia recebido dois ferimentos, a abandonar o campo da batalha e voar nas azas do seu feroso cavallo, evitando assim a barbara e dolorosa morte, com que o rei da India a havia ameaçado.

Regressando ás margens do Indo, Semiramis faz passar para o lado opposto o resto do seu exercito com um atropellamento e confusão infernal. Depois de effectuada a passagem, ordenou que se desfizesse a ponte; e, ao passar revista ao seu exercito, reconheceu que dois terços haviam desaparecido naquelle sangrento combate.

O rei da India, attendendo á voz do Oraculo, que lhe prohibia passar além do rio, cessou por este motivo de perseguir Semiramis e seu exercito.

No emtanto a heroica rainha da Babilonia regressa aos seus estados, e procura reparar as grandes perdas

d'esta fatal expedição por meio das mais sabias medidas economicas e administrativas.

Neste interim rebenta uma grande sedição, justamente na occasião em que Semiramis estava tomando um perfumado banho; ao saber isto, vòo com toda a rapidez que exigia tão grave acontecimento, e, mal tendo tempo para vestir-se, apresentou-se diante dos revoltosos com as suas longas tranças ainda em desalinho, e cercou-os com tanto vigor e tão acertados planos, que em breve os fez reentrar na ordem e obediencia.

Tal era a coragem e a ascendencia magnetica que Semiramis tinha sobre o povo!

Algum tempo depois d'este acontecimento appareceu uma nova conspiração, á testa da qual se achava seu proprio filho Ninyas; o que em nada a surprehendeu, pois já a esperava, pela revelação que lhe fizera o Oraculo de Jupiter Amon, quando o fôra consultar <sup>1</sup>.

Convencida, em presença d'este acontecimento, de que sua missão se achava terminada na terra, Semiramis resigna o poder real a favor de seu filho, retira-se ao seu palacio, transforma-se numa pomba, e bate as azas em companhia d'um gracioso bando d'estas aves, que certo dia viera pousar sobre o magnifico terraço do seu jardim <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Avançam muitos historiadores e biographos que Semiramis, na sua expedição ao Egypto, fôra conduzida pela viva curiosidade de sondar o futuro a consultar o Oraculo de Jupiter Amon, obtendo em resposta — que quando Ninyas attentasse contra a sua vida, ella havia de desaparecer, e que muitas nações do Oriente haviam de collocar-a no numero das suas divindades. Este facto, a pesar de ser attestado por Diodoro e outros auctores, acha-se refutado por muitos outros historiadores, que não admittem as expedições guerreiras de Semiramis ao Egypto, Ethiopia e Lybia.

<sup>2</sup> As pombas no oriente eram sagradas. Este fim é quasi commum a todos os reis; na antiguidade eram assassinados.

E assim terminou fabulosamente seus dias, como havia nascido, este genio viril, na idade de 70 annos, tendo sustentado com mão vigorosa e brilhante, por espaço de 40, o peso deslumbrante da purpura real.

Toda a Assyria, diz Plutarcho, «entoara hymnos de louvores e concedera-lhe as honras da apotheose, após o seu desaparecimento.»

O povo, com a sua brilhante e poetica imaginação, não consente que as gelidas e descarnadas garras da morte venham arrebatár-lhe os seus grandes vultos, aquelles vultos que mais se têm assignalado na terra por acções maravilhosas: admite quando muito a transformação; mas a morte, essa, é só para as massas inertes que gravitavam estupidamente na esphera da mais crassa ignorancia.

E o povo tem razão; pois da fronte augusta, que um dia teve a gloria de hospedar a scentelha sagrada do genio, não ha a temer a morte. Este funesto poder só pode alçar a vara da sua destruição pela região das trevas, onde a aguia do pensamento nunca baixara o seu deslumbrante olhar.

A critica, porém, afastando de si o manto poetico e tradicional dos povos, reveste-se de toda aquella austeridade que lhe é propria, e avança que Ninyas conspirara contra Semiramis sua mãe, e que num combate elle proprio a fizera descer á região sombria da morte. Muitas outras versões existem, que seria longo referil-as, e por isso as omittimos.

O que é verdade porém, pelo que diz respeito á extensão do seu poder, ainda mesmo pondo de parte tudo quanto a tradição pode colorir pelo maravilhoso, é que

Pomponio Mela, de accordo com toda a antiguidade, diz que jámais a Assyria attingiu um tão alto grão de esplendor como na época em que reinou Semiramis.

E, se é verdade, como nol-o affirma Mr. Guillemin<sup>1</sup>, que Alexandre encontrara o seu nome inscripto sobre as fronteiras da Scythia, considerada então como o limite do mundo, o seu poder é inquestionavel que se estendera muito alem do que possuia Nino; e a grandeza de seus feitos, já em parte narrados no decurso d'esta vida, foram de tal ordem, que, segundo o historiador Polyen, a propria Semiramis não pôde esquivar-se de as resumir e apontal-as aos vindouros, dizendo com toda a imponencia e majestade:

«A natureza concedeu-me um corpo de mulher; minhas acções porém fizeram-me hobrear com os mais valentes homens. Eu tenho governado o imperio de *Indo*, que se estende, ao oriente até o rio Hinaman (Indo), ao sul até ao paiz do incenso e da myrrha (Arabia Feliz), ao norte até aos Sakas e os Sogdios. Antes de mim nenhum Assyrio teve a audacia de lançar seus olhos sobre o mar; e eu vi quatro, até então nunca abordados, os quaes submetti todos ao meu imperio: tão longinquos se achavam elles!

«Forcei os mais suberbos e majestosos rios a sahirem de seus leitos segundo me aprouve, a fim de vel-os regar os sitios e logares de maior utilidade. Fiz, alem d'isto, construir fortalezas inexpugnaveis, abrir estradas através dos mais inaccessiveis rochedos, semear a minha prata por caminhos, onde apenas se podiam perceber os vestigios de animaes ferozes; e, no meio de tantas preoccupações, ainda achei tempo para meus prazeres e não esquecer os meus amigos.»

<sup>1</sup> Vid. *Histoire Ancienne de l'Orient*.

Taes são as brilhantes acções d'esta heroína, que alguns historiadores têm querido deslustrar por outras, que demasiadamente fazem repugnar as almas castas; mas, alem de muitas d'ellas se acharem convenientemente refutadas por Mr. Freret<sup>1</sup> e outros escriptores eminentes, nós diremos com o referido auctor que, por mais dissolutas que fossem as acções de Semiramis, jámais poderiam ter egualado os loucos e desabridos excessos de um Alexandre, de um Cesar e de outros muitos heroes, que, apezar de tão negras sombras, não deixam de brilhar com esplendor na galeria da posteridade.

Digamos com franqueza e imparcialidade uma cousa, de que talvez muita gente não goste.

Ha nos homens, em geral, uma tendencia para lançar o estigma da infamia na bella frente da mulher, quando uma ou outra nuvem lhe vem empallidecer o raio divino, que colora e matiza a sua delicada argila; em quanto que elles, transbordando muitas vezes de excessos, cingem orgulhosamente a frente com os louros de uma vaidade indigna, brilham de entusiasmo quando calcam aos pés a flor mimosa do pudor, e apontam á multidão, com os labios ainda humedecidos do cynismo, as victimas que foram devoradas pelas lavaredas impuras de suas paixões!

Elles escarnecem até dos que não sabem trilhar os seus *denodados* passos!...

Elles, os *fortes*, exigem com a maior severidade, d'essas naturezas frageis, todo o vigor e robustez para resistirem aos embates dos seductores Alcibiades; querem que á belleza dos anjos ellas ajuntem a fortaleza dos Hercules e a virtude dos sanctos; em quanto que elles,

<sup>1</sup> Vid. *Abrégé Chronologique de l'histoire d'Assyrie*, etc.; *Mémoires de Littérature*, etc.



os Sansões, os poderosos da terra, toleram e deixam-se cobardemente assaltar pelo cortejo de todas as paixões abomináveis, e curvam a nobre frente de seus pensamentos aos instinctos cegos, e, esquecendo-se de que são homens, vão cahir no tremedal impuro, no Asphaltite da corrupção, onde só vivem as putridas animalidades.

Cegos, intolerantes e injustos, eis o que são esses homens, para não dizer outra cousa.

Para mim, esta mulher tem um não sei quê de sublime e majestoso, que me fôrça a dizer: — Ella foi grande! Ella provoca a minha admiração no mais alto gráo. Ella seduz-me pela sua belleza, deslumbra-me pelo seu valor, e arrasta-me pelas suas altas e maravilhosas empresas a repetir sempre: Ella foi grande!

Se algum lado mau existe na sua vida, eu não o vejo, eu não posso ver, eu não o posso crer, porque para mim a mulher é a fonte perenne do bem, é a fonte de todas as maravilhas, é o balsamo de todas as consolações, é a origem de todas as immortalidades. Sem ella não ha na terra senão aridez, grosseria, egoismo e morte.

Se alguma ha que manifesta o virus da maldade, aprofundae bem, segui o fio inextricavel d'essa maldade, que lá topareis no fim com o anjo mau, que pela alta noite esvoaçou do coração do homem para ir vasar o seu fatal veneno no seio alabastrino e descuidoso da pobre Eva.

Onde apparecer uma mulher má, procurae a causa, e lá encontrareis um homem, que a fez á sua imagem.

Ella de per si é sempre boa.

Sua maldade provém do homem, seu carrasco e seu

algoz, quando ella é um anjo; seu escravo, quando ella por sua propria causa se transforma em serpente.

Semiramis é a concentração de todos os grandes prodigios que se têm revelado em ambos os sexos na antiguidade.

Com effeito, sahir do abysmo profundo da obscuridade e manifestar-se ao mundo com a formosura de uma Laïs, a instrucção de uma Aspasia, e a voluptuosidade de uma Cleopatra — eis a mulher.

Abrir, pela grandeza do seu genio, uma estrada de flores, sentar-se num dos maiores thronos da terra, assignalar o seu reinado pelas conquistas de um Alexandre, firmal-o com a energia de um Cesar, e administrar-o com a sagacidade e esplendor de um Pericles — eis a heroína.

Semiramis é, emfim, uma d'estas glorias, que se tornou immaculada pela travessia de muitos seculos, e que por isso só deve apparecer-nos agora com o rosto radiante d'aquella luz, que serenamente dardeja seus puros raies nos immortaes Elysios.

Purificada, se alguma mancha teve, pelas ondas seculares, que têm perpassado pela sua majestosa fronte, animada pelo raio divino da immortalidade, eil-a sempre brilhante de juventude, esta filha predilecta da gloria, que em todos os tempos ha de ser fonte perenne de imaginação para o romancista, elemento fecundo para o dramaturgo, riso do bello para o poeta; e o historiador mesmo, da altura immensa da sua imparcialidade, não poderá deixar, por mais austero que seja, de se elevar á região do grandioso e expandir-se todo em lyrismo, ao tocar nesta imponente reliquia, que adornou com tão vivo esplendor o berço illustre e venerando da antiguidade babilonica.

---



SAPHO



## SAPHO DE MYTELENE<sup>1</sup>



Quando se percorre pelo pensamento a brilhante e sumptuosa galeria da litteratura grega, desde aquelles remotos tempos, em que as nevoas mythologicas se acercavam dos cumes mais elevados e pittorescos do puro céu da Thracia e da Thessalia, para se condensarem e produzirem os cantos mysticos e theogonicos, até ao esplendido seculo do immortal Pericles, nenhum vulto nos surge com tanta majestade, nenhum nos apparece com a fronte tão laureada pela realeza da poesia lyrica—como Sapho, a divina Sapho, o symbolo da poesia elegiaca, o coração de fogo, que, ao sentir a lava do sentimento fermentar-lhe no peito ardente, tambem sabia transformal-a em seguida em estrophes de harmonias immortaes.

Este prodigio da antiguidade grega, sobre o tumulo da qual já vinte e quatro seculos se têm accumulado, e que, pela massa enorme d'esse tempo, parecia dever estar obliterada a sua memoria, ao contrario, cada vez mais brilhante nol-a faz reviver aos olhos das novas ge-

<sup>1</sup> A razão por que dizemos Mytelene, veja-se a nota a pag. 122.

rações, parecendo consolidar mais seu pedestal e sustentar com mão eterna o estandarte de sua gloria.

É este o privilegio do verdadeiro genio.

Na verdade, a magia d'este nome illustre, a sympathia que geralmente tem despertado em todas as corporações illustradas das differentes nações, desde os gregos e romanos, até á illustrada Allemanha do seculo XIX;—o estremecimento quasi amoroso e de tanta admiração, que elle tem excitado em todos os corações sensiveis que rendem culto ao genio e á belleza;—é um signo evidente e perenne, cremos nós, de que seu nome vivirá em quanto a lyra dourada do sentimento vibrar no coração humano, e houver na terra um homem, que volte o seu olhar para o astro radiante do bello e da verdade.

É pois por todos estes titulos gloriosos, para nós bem dignos de attenção, que passamos a narrar os momentos brilhantes d'esta vida, que tão rapida passou, como o relampago, sobre o horisonte terrestre, e saber quaes as reliquias sagradas que escaparam á destruição do tempo, que os levitas da mais sabia antiguidade nol-as souberam transmittir, como todo o perfume de sua casta e profunda veneração.

Sapho viu surgir a meiga luz da vida em Mytelene, na formosa ilha de Lesbos, que voluptuosamente se balancêa em harmonioso rhythmno no berço de esmeralda do mar Egeo, ao sopró vivo e perfumado da vi-  
ração oriental.

Esta rainha dos prazeres, que outr'ora tanto se ufanara pela opulencia de suas brilhantes cidades, que a

circumdavam, similhando perolas para matisarem a sua ondeosa e elegante cintura de azul-celeste;—as suas formosas e variadissimas bahias, que em quieto e remanso pareciam convidar as ligeiras velas a repousar no porto amigo;—as suas montanhas e verdejantes collinas, que a recortavam em varios sentidos, affectando contornos diversos e caprichosos;—os seus jardins, os seus pomares, ensombrados de seus laranjaes, de suas figueiras, de seus loureiros, de suas oliveiras e de seus myrtos;—os seus deliciosos pampanos, que phantasticamente se expandiam pelos flancos das collinas, formando: aqui festões, alli grinaldas, acolá graciosas e fluctuantes espiraes, a mostrarem ao viajante o dourado bago;—os seus marmores, as suas agathas e bellas pedrarias, que pareciam querer rivalisar em brilho com os seus lagos, com as suas fontes e crystallinos arrosios, que se desfiavam em perolas brilhantes, através da mais luxuosa e ridente vegetação;—a mais suave atmosphaera, o mais fecundo solo, com um horizonte que se perdia na orla do infinito:—eis a sua riqueza natural.

Ajunte-se agora a opulencia de seus laboriosos habitantes, o seu florescente commercio, a sua industria, as suas artes, a formosura de suas mulheres, ardentes como o sol dos tropicos, bellas como as rosas de seus jardins, seductoras como os perfumes de seus bosques;—a magnificencia de seus primorosos templos;—o lyrico de suas poesias;—a majestade de seus canticos divinos;—a sumptuosidade deslumbrante de suas festas;—a volúpia suave de suas danças;—a harmonia inebriante de sua musica, fonte perenne, d'onde jorravam espontaneamente os mais bellos hymnos e as mais ricas vocações:—e ahi veremos a natureza abraçando-se carinhosamente com a arte.

Voltem-se agora os olhos para o céu dourado da historia, e veja-se como d'alli surgem do templo augusto das celebridades lesbienses, Arion, Terpandro, e o fogoso Alcêo, aos quaes a poesia e a musica grega tanto devem pelas suas maravilhosas invenções; olhe-se mais alto ainda, olhe-se para aquelle vulto venerando, que lá desponta aos clarões da sciencia grega, que pelos seus passos lentos e compassados parece revelar o declive da idade e a profundeza da reflexão; aquelle nobre vulto, que em suas maximas d'ouro dizia: «Antes de governares os outros, aprende a governar-te a ti mesmo»; aquelle vulto, que ao lado de sua corôa de sabio teve tambem a gloria de libertar sua patria do jugo atheniense, de abafar as divisões intestinas, e dar-lhe as mais sabias leis, abdicando em seguida o supremo poder, como o fizeram Solon e Lycurgo; um em Athenas, o outro em Esparta, com receio talvez de que o sopro vil da tyrannia, que já havia transformado as idéas de Periandro de Corintho, o não fosse tambem contagiar, tornando-o ambicioso tyranno, em lugar do mais extremoso pae de sua patria; olhe-se bem para esse grande vulto, e reconhecer-se-ha logo a physionomia do magestoso Pittaco, uma das mais nobres celebridades de Lesbos.

Se agora confrontarmos este esboço rapido e imperfeito da opulencia passada com o estado presente, em que se acha a patria da immortal Sapho, o coração se nos confrange de dor, a indignação sobe ao seu auge, quando nos lembrarmos que aquella formosa ilha, que tanto fizera para sustentar heroicamente a sua autonomia, aquella ilha, que teve o arrojo glorioso de sacudir o jugo dos infatuados persas, em o memoravel templo de Xerxes, aquella ilha, onde o genio tinha os seus mais



gratos incensos, o amor os seus mais sumptuosos templos, a liberdade os seus altares, a vida um dourado horisonte a perder-se no infinito das aspirações, se ache agora avassallada pelos grilhões do mais estúpido e somnolento povo, a Turquia, que mal accorda ao valente troar do civilisador canhão do seculo XIX.

Foi pois na bella cidade de Mytelene, capital de Lesbos, que pelos annos 612 antes de Christo nascera a illustre Sapho.

Seu pae, segundo a opinião mais provavel, a de Herodoto, chamava-se Scamandronymo, e sua mãe Cleide.

Aos seis annos já se achava involta na luctuosa tunica da orphandade.

Vê-se pois que o riso angelico d'esta idade, que por entre os labios lhe brincava, não pôde ser fruido por muito tempo d'aquella que lhe dêra o ser, e que ella tambem mal podêra entrever as delicias do piedoso e sancto collo maternal.

Privada pois d'este doce amparo, que é o sustentaculo da infancia, e sem a qual esta tenra e delicadissima idade volveria rapidamente ao nada, bem dolorosa devia ser, por certo, a infancia da bella Sapho.

Mas, se o dia tremendo do martyrio é a vespera da immortalidade; se é preciso que o pranto, o negro pranto, venha molhar a miudo as faces do genio, pelo menos uma das ridentes estações da vida, para que a esplendida flor da immortalidade desabroche um dia no jardim da terra ou do céu; se esta triste verdade se acha confirmada pelo testemunho de Homero e Camões, e por todos os grandes genios que têm avultado na ca-

mada dos seculos posteriores, nada deve surprehender-nos que Sapho viesse tambem, logo ao despontar da existencia, cahir no dominio d'esta lei fatal, como o astro, ao surgir das profundezas do nada, resvala logo para a ellipse que lhe fôra traçada com dedo de fogo na esphera da immensidade.

Ella devia pois soffrer dolorosamente, porque o berço da orphandade tem espinhos mui dilacerantes: que o digam os que um dia soffreram tão irreparavel perda.

Sapho teve tres irmãos, que partilharam com ella o triste luto da orphandade. Um d'estes chamava-se Charaxus, que os biographos de Sapho nos indigitam como um perdido forasteiro, pelo delirante amor que lhe inspirára Rhodope, a formosa e tão celebre egypcia, por cujas seducções dissipara todos os seus bens e se vira, arrastado a uma completa ruina.

Este louco procedimento causou mais tarde grandes desgostos a Sapho, que vivamente censurara seu irmão por aquelle desvario.

---

Entretanto desenvolvia-se esta criança, a quem Deos fadara com a realza do genio.

A musica e a poesia, estes dois cherubins da harmonia, haviam baixado das alturas celestes no florido dia do seu nascimento, para cingir-lhe a viçosa fronte com este duplo diadema, que symbolisa tudo quanto o homem pode conter de mais intimo nas profundezas d'alma e de mais divino e harmonioso no coração.

Em breve o candido botão d'esta flor tomou todo o brilho e a majestade da rosa.

Exhalando todos os suaves perfumes da mais deslum-

brante primavera, com a belleza d'alma a radiar-lhe na sua frente de vinte annos, com uns olhos que traduziam todo o fogo divino, que reinava no imperio do seu genio; com uma lingua doce, harmoniosa e flexivel, como era a grega, para exprimir todo o arrojo e majestade do pensamento e as mais candidas graças de seu espirito; com uma lyra d'ouro para traduzir todas as suaves harmonias do sentimento; com todo este cortejo de graças e prendas singulares, que uma só bastára para colorir e compensar maravilhosamente toda e qualquer imperfeição em que a natureza physica houvesse incorrido: com todo este thesouro de tão raras prendas, o riso perfumado e vaporoso do thalamo nupcial não se fez esperar.

Com effeito, entre os numerosos admiradores, que aspiravam á mão de Sapho, a sorte destinára-lhe um rico habitante da ilha de Andros, que estremecia e suspirava ardentemente pela posse de tão raro thesouro.

Este rico habitante de Andros era Cercyla, que teve a gloria de lhe cingir na frente a grinalda de esposa.

D'esta sancta união, que o divino raio do amor havia coroado, viera-lhe cedo uma linda filha, que tivera o nome de Cleis, que veio a ser o delicioso penhor, a garantia indestructivel da mais doce paz e felicidade entre estes ricos consortes.

Se agora nos perguntarem por quanto tempo se prolongou este paraizo de felicidade, este divino estado, que os proprios anjos invejam, quando elle é inspirado pela attracção irresistivel de dois corações que se amam e se desejam confundir numa só aspiração, num só desejo, num só dever: o de se amarem reciproca e eternamente; nada podemos dizer, porque nada se sabe realmente a este respeito: do que porém não resta du-

vida é que o véo lúgubre da viuvez lhe viera primeiro enlutar a alma e fazer chorar a perda irreparavel de seu esposo.

Desde então a sua lyra d'ouro emmudecera, e por muito tempo apenas pôde tirar de sua harpa celeste o som lúgubre do threno ou a voz plangente da elegia.

Por muito tempo uma profunda e luctuosa melancolia lhe inundara a existencia toda.

Entretanto, esta provação terrivel, por que acabava de passar, este golpe profundo para uma alma tão sensivel e impressionavel como a de Sapho, foi tomado como uma advertencia celeste, pois, d'ahi em diante, em lugar de cultivar imperfeitamente a musica e a poesia, consagrára-se com mais afan ao seu culto, e encontrára não pouco lenitivo para a saudade sempre viva do caro esposo.

Isto porém ainda não era tudo.

Um espirito vulgar podia resignar-se a este estado exclusivo, e assim terminar seus dias na obscuridade; mas Sapho, como os astros vitaes, queria ir mais longe, queria que os brilhantes raios de seu genio fossem aquecer e fecundar as plantas e sementes que podiam definir por falta de sua benefica luz.

Alma ardente e fecunda, não podia consentir que o seu genio e o thesouro dos seus conhecimentos se esterilisassem no cofre avarento do egoismo; alma formada para expandir-se abertamente aos raios dourados da sympathia, que lhe deviam inspirar todos os seres que tivessem um coração para sentir e uma faisca de intelligencia para comprehender, ella resolvera por isso abrir uma escola de poesia e de musica para nella receber a flor de ambos os sexos, que desejassem iniciar-se naquelle tabernaculo mysterioso, onde o raio divino

da poesia baixava entre a majestade dos hymnos e a sublimidade das harmonias.

Em breve a fama de sua eschola soou bem longe, e a mocidade de ambos os sexos alli pressurosa acorreu para ter a gloria de conhecer e ouvir esta celebridade, que, além da perfeição com que executava todos os instrumentos de musica, conhecidos então, segundo nos assegura Suidas, era soberana na poesia e versada eminentemente nos diversos ramos de litteratura,— este iris de alliança entre a cupula do bello moral e a do sublime intellectual.

Elevada ao zenith da celebridade pelo dom precioso do seu genio e das raras prendas do coração; cercada de todos os prestigios, que em geral promove uma posição elevada; depois de ter sabido inspirar o delicioso gosto da musica e da poesia, entre as suas compatriotas, com um enthusiasmo, inexprimivel; ella, que até alli era, para assim dizer, a alma de todas as solemnes festividades, o modelo por onde se aquilatava tudo que de mais bello e gracioso havia na esphera das bellas letras e artes, viu de repente toldarem-se os horisontes de sua fama.

De repente surgiram d'um e outro ponto certos rumes confusos e desagradaveis, que, como vulcões de negras nuvens se conglobavam para toldarem de todo em todo o esplendido astro da sua gloria.

De repente tudo mudou: o que até ahi era bello e inoffensivo, passou a ser objecto da mais severa e encarniçada critica.

A linguagem ardente, colorida e metaphorica, que a abrasava ao passar-lhe pelos igneos labios, proveniente do seu temperamento extremamente sensivel e apaixonado; a ternura amorosa e expansiva, que ma-

nifestava aos seus discipulos, o que em nada deve surprehender-nos, pois todos sabem que os gregos em geral, pela elevação de sua fina sensibilidade, nada podiam exprimir que não fosse colorido e scintillante de imagens, abrilhantado de sublimes metaphoras e arrojadissimas hyperboles, mesmo no tracto familiar; o zelo extraordinario, que despertára a superioridade do seu talento, entre as damas da mais alta hierarchia, que se viam humilhadas perante a soberania do seu genio; o despeito de alguns seus discipulos indignos, que tinham em mira profanar a flor do seu pudor ou serem os alvos culminantes de sua predilecção; em fim, a rivalidade<sup>1</sup> que sempre provoca o apparecimento d'um tão maravilhoso genio: tudo isto contribuiu, tudo deu azo, tudo deu origem a que seus inimigos envenenassem, e lhe pervertessem os mais innocentes costumes e os mais involuntarios gestos pelo sopro negro e rasteiro da aleivosia.

Entretanto, da altura sublime do seu genio, Sapho sorria-se desdenhosamente, ou lamentava todas aquellas miserias, que o espirito baixo da inveja originára. É neste caso que ella podia dizer a essa turba esfaimada das bellas reputações alheias, como mais tarde dissera Pindaro aos seus invejosos: «Jámais os gritos impotentes dos passaros timidos e zelosos poderam deter o arrojo audacioso da aguia, que alça seu vôo olympico pelo azul da immensidade.» Sim, é por isso que ás mais

<sup>1</sup> Entre as rivaes de Sapho citam-se as poetisas Gorgo e Andromeda, e entre suas discipulas, a que se tornou mais celebre foi Erinna, que morrera na flor dos annos, aos 18, deixando já muitas composições, que o tempo destruiu. Alguns fragmentos, que nos restam, provam que ella era digna de passar á posteridade ao lado de sua mestra.

furibundas e grosseiras calumnias Sapho desdenhava corresponder; ou, se correspondia, era apenas com a baga subtil da mais pungente ironia, que era bastante para esmagar e produzir a maior explosão entre a chusma d'aquelles raivosos pygmeus, seus detractores.

Irritados em extremo, e convencidos de que não podiam arcar com vantagem contra aquella que sabia manejar tão bem a arma do desdem, resolveram por isso forjar accusações tão infernaes, que a final conseguiram banil-a de Mytelene para as costas da Sicilia.

Sobre este banimento opinam alguns biographos que a sua verdadeira causa fôra a parte que realmente ella tomara na conspiração que Alcêo, este amante ardente da liberdade, tramára contra Pittaco, o sabio Pittaco, que então reinava em Mytelene. Estas duas versões, porém, segundo a opinião d'um illustre biographo, podem perfeitamente conciliar-se, admittindo que as referidas accusações partissem dos seus inimigos, que assim achavam um pretexto plausivel e opportuno para se vingarem d'esta illustre mulher, que não tinha outro crime alem da grandiosidade do seu genio.

Genio! fatal dom, que tantos dissabores custas!...  
Dom fatal, que tantos abysmos precisas transpôr, para  
alem divisares então os magicos esplendores do sol im-  
mortal!...

Sapho foi pois exilada para o bello céu da Sicilia, onde permaneceu por algum tempo, tragando o calice amargo do desterro.

É alli que este Etna de fogo celeste foi contemplar um dos Etnas do fogo terrestre, e exhalar sua poetica alma em plangentes cantos. É alli que nem o ar em-

balsamado do patrio jardim de Theocrito, onde mais tarde elle fôra colher as mimosas flores do idyllio, com toda aquella singeleza e graça que lhe era nativa; nem o riso florido das campinas, nem a fresca doçura dos seus valles, nem o matisado brilho de suas flores, nem a limpidez do seu céu, nem as correntes vagabundas do Mediterraneo, nem mesmo o olhar brilhante do sol siciliano poderam seccar-lhe o doce pranto da saudosa patria.

E porque? É porque tudo se transforma em lucto e escuridão, nada pode aprazer a uma alma sensivel e patriotica, quando o ar que ella respira traz comsigo o halito duro e oppressivo do desterro!

Nada se sabe ao certo do tempo que alli jazera, nem quando regressára para a sua cara Mytelene; o que é inquestionavel, porém, é que voltára ao fim de certo tempo ao seu amado e saudoso ninho, e que d'alli vira declinar serenamente o astro radiante de sua poetica vida, julgando-se bem feliz por o ver desaparecer sob o mesmo céu em que o vira surgir, quando seus olhos se abriram ao mundo.

---

Depois da morte d'este genio extraordinario todos os odios se calaram. Quando se transpõem os umbraes da eternidade, todas as rivalidades desaparecem, todas as invejas dormem, porque o logar deslumbrante e appetecido fica á mercê das pequenas competencias, das nullidades insaciaveis e zelosas de todas as posições consideraveis. Este, porém, não podia ser preenchido pelos Zenões da terra, porque era um dom do céu.

Era morta a bella Sapho!...



As musas do Helicon cobriram-se de lucto e deixaram por muito tempo de desferir seus harmoniosos cantos.

Seu corpo pendeu para a terra; sua alma, porém, voou ao imperio das estrellas nas azas da immortalidade.

Então surgiu uma nova geração, com a fronte laureada pelas rosas da primavera, os olhos faiscantes de entusiasmo, os labios rescendentes de hymnos, o coração a trasbordar do mais puro reconhecimento, que, além de erigir um majestoso tumulo á sua memoria, fez mais—fez gravar a portentosa imagem nas suas moedas, para que a mais remota posteridade tivesse a gloria de conhecer os traços physionomicos da famosa rainha da lyra grega, e soubesse como se honrava a memoria do genio feminil de Lesbos.

Ao render esta augusta homenagem á scentelha sagrada de Sapho, mal sabia Mytelene que assentava tambem o pedestal de sua immortalidade, que evitava por essa fórma o esquecimento dos vindouros, que escapava á fouce destruidora do tempo, e salvava-se das contingencias physicas do globo; pois, ainda que num dia de azedume as vagas furiosas do mar venham a carregal-a para as profundezas do oceano, jámais o mappamundo deixará de apontar no mar Egeo: Eis alli a patria da immortal Sapho.

Além de Lesbos, tambem honrará a memoria d'esta illustre poetisa a Sicilia, que lhe elevou uma sumptuosa estatua, para que as gerações futuras soubessem que por alli passára a maravilha do tempo, a decimã musa, que na Grecia se chamara—Sapho de Mytelene.

---

Se agora nos perguntarem: que monumentos poe-

cos deixou este sublime genio para attestar a sua immortalidade? Respondemos, com a historia na mão, que foram não menos de nove o precioso legado, os quaes mereceram todos os mais honrosos elogios dos mais celebres architectos, como: Socrates, Aristoteles, Platão, Plutarcho, Atheneo, Denis de Halycarnasso e Longino; porém de todo esse immenso thesouro o tempo apenas nos concedeu a gloria de possuirmos alguns fragmentos, que se acham dispersos pelos differentes historiographos: um hymno em louvor de Venus, e uma ode dirigida a uma senhora, que nos é citada, com especial menção, por Longino no seu Tractado do sublime, traduzida por Boileau Despreaux, imitada depois pelo abbade Dellile. Esta ode acha-se em versos saphicos, assim chamados por este rhythmo ter sido inventado pela poetisa immortal.

Antes, porém, de darmos a conhecer esta preciosa perola de seu genio, permitta-se-nos que façamos menção de algumas maximas profundas, que revelam bem o seu grande genio, o seu espirito e o seu ardente amor pela virtude, pelo bello e por tudo quanto ha de grande.

O ardente Alcêo, o famoso poeta lyrico e inimigo terrivel da tyrannia, a que já tivemos occasião de alludir, havia concebido uma ardentissima paixão pela divina Sapho; e num certo dia resolveu-se a manifestar-lh'a da maneira seguinte: «Sapho, eu desejava fallar-vos; tinha muito que vos dizer; mas um não sei que me retem a lingua e me faz subir o rubor ás faces.»

Sapho, percebendo a fonte do embaraço, respondeu-lhe: «Alcêo, se a malicia não habitasse em vossa lingua, se o vosso coração tivesse o perfume da innocencia e

a continencia do sabio, estou certa que ella não sentiria embaraços, nem a vossa fronte o rubor que manifestaes.»

Em presença d'esta resposta, digna d'uma mulher que estava na altura de Sapho, retirou Alcêo as suas pretensões, levando esta bella lição de moral.

Agora vamos ver como esta illustre poetisa, que tão calumniada tem sido, injustamente, pensava a respeito das riquezas e dos prazeres da vida:

«Eu sinto amor pelos prazeres, mas não menos pela virtude, e julgo-me feliz, pois nada ha mais perigoso no mundo do que a riqueza sem ella. A verdadeira felicidade na terra, está na sublime alliança da virtude com a riqueza.»

Por aqui se vê como Sapho, através da flor deliciosa do prazer innocente, tinha sempre em mira respirar os divinos perfumes da virtude, e quão funesta reputava a riqueza quando procurava divorciar-se d'ella.

A experiencia do mundo social deu-lhe occasião para dizer: «Esta pessoa é distincta pela sua figura, aquella pelas suas virtudes: uma parece bella ao primeiro olhar, aquella não o é menos ao segundo.»

É uma verdadeira advertencia para aquelles que só miram os outros através das apparencias; é uma verdadeira lição para os inexperientes e enfatuados, que miram tudo superficialmente. É uma verdadeira distincção entre a belleza physica e a belleza moral; é a apparencia distinguindo-se da realidade; é a belleza eterna separando-se do contingente.

Para mostrar a importancia do hymeneo e do quanto vale a mulher quando unida ao homem, eis como ella se exprime, por esta bella comparação: «A mulher que tem um esposo para a proteger, é como a flor que se

desvanece toda num jardim, onde nada tem a receiar da temeridade dos transeuntes.»

Pelo contrario, a mulher que se acha entregue a si mesma, ella a compara ás flores do campo, de que ninguém faz caso e todos calcam aos pés.<sup>1</sup>

Amante do bello, da virtude, e da instrucção, Sapho desejava que todas as mulheres fossem cultoras das letras, principalmente as que avultavam na sociedade pelas suas riquezas, pois essas estão mais no caso de o fazer. Vendo, porém, que muitas, orgulhosas do seu nascimento e de suas riquezas, de nada mais curavam, eis como ella as censura e lhes inspira o amor das letras e da poesia:

«Depois de mortas, ninguém mais se lembrará de vós, ó filhas de Lesbos.

Nenhum vestigio de vossa passagem deixareis na terra; a posteridade desconhecerá completamente vossos nomes, porque não quizestes respirar os perfumes das rosas de Pieri.<sup>2</sup>

Vossas almas vaguearão sem gloria pelas solidões tenebrosas de Hades, voltejando vergonhosamente em torno das sombras dos mais obscuros mortos.»

Isto basta para dar a conhecer a grandeza e a elevação do genio de Sapho.

Agora passamos a dar a traducção que podêmos obter das nossas debeis forças, traducção, que, ainda que imperfeita, não deixará talvez de dar uma idéa do

<sup>1</sup> Vid. *Histoire de la littérature Grecque*, par Alexis Pierron.

<sup>2</sup> Região da Macedonia, sobre a costa occidental do golpho Thermaico. Este nome vem do monte Pierio, onde a mythologia fazia a morada das Pierides, filhas de Piero, rei da Macedonia, que disputaram ás musas o preço do canto.

primor poetico, do clarão sublime que animou o original. Eil-a:

Feliz quem junto a ti, por ti suspira,  
E a doce luz d'esses teus olhos gosa;  
Ah! tua meiga expressão, e o teu sorriso  
Te eguala aos deoses!

Quando te vejo, viva chamma eu sinto  
De veia em veia perpassar-me o seio;  
E, no transporte ethereo de minh'alma,  
Eu muda fico!

Nada mais oiço!... o meu olhar se turva;  
Não mais respiro; que d'lirante sonho!...  
Ai! toda eu tremo e me perturbo toda;  
Adeus, eu morro!...<sup>1</sup>

Por aqui se pôde avaliar o dom maravilhoso, que a bella Sapho possuia, de desenhar sobre a tela da poesia a faisca ardente que lhe abrazava o peito.

Quem, melhor do que ella, poderá retratar as impressões da belleza, as lavaredas do amor, as paixões mais profundas, os quadros mais risonhos que a natureza e o mundo nos offertam? Quem, com mais vantagem, tinha o dom de manifestar a essencia mysteriosa d'alma, pintandò-a em quadros variados ao infinito, por meio do brilho deslumbrante da metaphora ou da sublime hyperbole?

Com effeito, tudo se anima, tudo se personifica ao sopro ardente e vivificador d'esta bella alma.

Veja-se como, na ode que acabamos de citar, alli se sente estremecer o peito, turvarem-se os olhos, e a

<sup>1</sup> Isto é apenas a traducção, de algumas estrophes, e não a ode toda. Adiante damos uma traducção feita por Filinto Elysio, que de certo será preferivel á nossa, e com razão, pois Filinto era Filinto (Vid. pag. 126).

alma, num violento rapto, ser impellida pela torrente impetuosa das poixões até perder-se na mais elevada região do mais delirante amor!

Veja-se como o verso, ao correr todo agitado por entre a vehemencia desordenada do amor, vai cahir sempre, como enebriado, entre o matiz da idéa e a doce harmonia.

A alma mais fria não pôde resistir ao bello conjuncto das circumstancias imperiosas, violentas, naturaes, e tão felizes, com que ella sabe colorir os seus bellos assumptos, produzindo sempre, segundo a competente expressão de Longino, uma das fontes mais mysteriosas do sublime.<sup>1</sup>

Na verdade, não nos cansamos de o repetir: ninguém, ao ler um só verso d'esta maravilha grega, poderá deixar de se impressionar; ninguém. O que tentasse desdenhar-lhe o sublime do pensamento, seria arrastado pela magia da fórma. O rebelde de coração não poderia sel-o do ouvido.

Tal era a singularidade d'esta musa tão celebrada da antiguidade, reverenciada nos tempos modernos, a qual nem o proprio Pindaro pôde mais tarde exceder, nem pela invenção do rhythmo, nem pela doçura das graças, nem pela delicadeza dos mais ternos e melancolicos sentimentos<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Apesar de o sr. F. Freire de Carvalho não se conformar com esta opinião de Longino, — nós, respeitando muito o profundo saber e a competente auctoridade do illustre conego, não deixamos de seguir a Longino, pois, além de ser grego e de puro gosto, estava mais no caso de avaliar se a ode de Sapho era sublime — ou propriamente bella, como quer o sr. Carvalho. Vide *Lições de poetica* — *Crítica Litteraria* ou *Metaphysica das bellas letras*, pag. 49, por F. Freire de Carvalho.

<sup>2</sup> Os que julgarem exaggerado o nosso dizer, queiram ver: *Cours de littérature française*, par Villemain.

A litteratura lamenta profundamente que o tempo não tenha respeitado os livros d'este bello genio; e ella tem razão. Pois, quão grandioso não seria o livro em que Sapho tivesse vasado toda a divindade de sua alma, toda a lava sublime que lhe escaldava o estro poetico?...

Que superabundancia de vida! Que torrente de idéas e de nobres sentimentos deviam jorrar d'aquella mysteriosa alma?!

Com que violencia lhe havia de pulsar o ardente coração!

Com que impetuosidade lhe havia surgir a onda do sentimento até debater-se no labio ardente e extinguir-se por fim em estrophes da mais celeste harmonia!

Como aquelle bello rosto devia illuminar-se, naquelles momentos solemnes, em que ella, ao contacto do raio divino, a transbordar de enthusiasmo, fazia, talvez sem o saber, a apotheose da sua alma!

Como devia parecer radiante, naquelle momento em que, depois de alçar as azas da inspiração ás regiões ethereas, se achava a sigillar com os deoses, e, como Psyche, tomar, das mãos de Hebe, o copo doirado, para a longos tragos libar o nectar da immortalidade!

Ah! tudo quanto existe de mais divino no coração do homem, diz M.<sup>me</sup> de Stael, fica sepultado nas profundas e mysteriosas regiões da alma, por falta de expressão; e eu digo: ah! tudo quanto a humanidade tem revelado de mais sublime e divino acha-se occulto no cofre avaro e implacavel do passado!...

Concluindo, diremos: ha dois mil quatrocentos e oitenta e tres annos Sapho luctava, em Mytelene, contra as trevas, contra as invejas, contra as calumnias e inimizades, não só dos homens positivos e egoistas, mas das mulheres altivas e zelosas, que apenas assentavam

o pedestal de sua grandeza nas riquezas, isto é, no que pertence á terra e nella fica, sem se elevarem, um momento sequer, no que ha de grande e immorredoiro.

O que se dava então com Sapho, dá-se ainda hoje, desgraçadamente, com D. Antonia Pusich, vulto majestoso, coração aberto, nobre e sympathico, poetisa sublime, que a posteridade ha de fazer tomar assento, estamos certos, ao poetico lado da Staël franceza, não só pelo seu talento, mas pela sua eloquencia e amor á liberdade; é o que ainda hoje se dá com D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a inspirada e tão sympathica auctora do poema: *Uma primavera de mulher*, e de outras producções brilhantes, que têm enchido de admiração os seus leitores, conquistando-lhe assim um logar muí distincto entre as poetisas contemporaneas; é o que se dá com D. Francisca Wood, romancista distincta e de grande erudição; é o que se dá com D. Guiomar Torrezão, distincta escriptora lisbonense, alma delicada, cheia de talento e sedenta de luz; é o que se dá com D. Marianna de Andrade, maviosa poetiza e auctora dos *Murmurios do Sado*; é o que se dá com D. Maria Ribeiro, litterata distincta e sublime dramaturga brasileira; é o que se dá com D. Amelia Janny, rola plangente do Mondego, auctora da bella poesia — *A Guerra*, coração expansivo, sacerdotisa sublime, sempre de olhar attento para o fogo sagrado que se eleva no templo da liberdade e da civilisação, anjo de paz, que annualmente se ergue, com sua fronte radiante de luz, na associação dos artistas de Coimbra, para alli saudar os progressos sempre crescentes d'esta bella e util instituição, cuja fundação se deve ao ex.<sup>mo</sup> sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernades, ex-presidente e seu tão incançavel protector e amigo; é o que se dá



com muitas outras illustres senhoras, tanto de Portugal como do Brasil, que desejam com afan elevar seu sexo ao cenaculo da luz.

A lucta das trevas com a luz é pois antiga e bem antiga, mas nem por isso as heroínas do progresso devem desaminar.

Lembrem-se, as que se sentirem esmorecer um momento ao pezo da cruz iniciadora, que é nas grandes luctas que o genio sobresaé e se ennobrece; que é dos fracos — o esmorecer, recuar e succumbir; dos fortes — avançar, progredir e vencer a propria morte. Sim, a propria morte se pôde vencer: sabeis como, ó filhas da luz?

É desprezando invejas mesquinhas, abafando odios injustos, e vencendo deshonestas paixões; é rendendo culto á verdade, á justiça, á bondade e á belleza; é venerando todas as grandes idéas; é respeitando todos os nobres sentimentos; é adorando todos os progressos compativeis com a dignidade humana, todas as luzes, emfim, que forem conduzindo a humanidade para aquelle ridente paraizo onde brilha o sol sem mancha, o sol do bem, do bello e da verdade.

É para lá que caminhava a Sapho de Lesbos, é para lá que devem caminhar todas as Saphos do seculo XIX, todas as Sands, todas as mulheres sublimes, todas as ricas organizações feminis, que sentirem na frente a chamma etherea do talento, e no coração o perfume dos mais augustos sentimentos humanos.

## NOTAS

A razão por que dizemos Sapho de Mytelene... (pag. 101).

Dizemos Sapho de Mytelene, em opposição a uma Sapho, tambem pertencente á ilha de Lesbos, mas nascida na cidade de Eresia, que vivera pelos annos 300 antes de Christo, segundo se infere do triste acontecimento de Leucade, como adiante veremos. É a esta Sapho, que se tornara celebre pela sua formosura, que se devem attribuir o desgraçado amor de Phaon e o salto de Leucade, e não á sua illustre homonyma, como por muitos seculos se tem erroneamente julgado.

Como este erro se ache profundamente inveterado, mesmo entre os espiritos mais cultos, precisamos, em attenção ao publico e para desculpar a nossa ousadia, dar a razão por que omittimos dois factos tão importantes, ao esboçarmos a vida da immortal poetisa de Lesbos.

As questões mais geraes, que se offerecem, relativamente á existencia de Sapho, são:

Primeiro: houve uma só, ou mais Saphos?

Segundo: e, provada a existencia das duas, que é hoje questão resolvida, para os que tiverem acompanhado os passos da sciencia archeologica, quaes são os factos, que, real e conscienciosamente, se devem attribuir a uma e a outra?

Eis os dois problemas a resolver em face da auctoridade, dos dados historicos e do raciocinio. Vejamol-os.

A opinião dos que affirmam a existencia d'uma só Sapho, é insustentavel, apresentada hoje, apesar de Mr. Hardion e seus partidarios affirmarem o contrario. Para refutal-a bastára-nos oppor-lhe as auctoridades antigas de Nymphis, de Suidas, de Atheneu e de

Eliano, que nos parece estarem mais no caso de saber se tinha havido mais d'uma Sapho. Ora, todos estes auctores discordam apenas em quanto aos factos pertencentes a esta ou áquella Sapho; mas, no que diz respeito á sua existencia, estão todos de harmonia.

Abandonemos pois esta questão, que morreu completamente com a descoberta das medalhas que o anno de 1822 fornecera á sciencia archeologica.

Passemos ao segundo problema, que é o mais melindroso.

Os biographos antigos e modernos têm, geralmente, attribuido dois factos a Sapho de Mytelene, isto é: o seu cego amor por Phaon, e o salto de Leucade, consequencia fatal d'essa desgraçada paixão.

Este erro enraizou-se de tal fórma, com o perpassar dos seculos, que ainda hoje, apesar das provas mais luminosas, será difficil dissipal-o.

As auctoridades seductoras de Ovidio e de Horacio, entre os romanos; as tão auctorizadas de Barthélemy, Villemain e Lamartine, entre os francezes; não fallando de muitas outras, que seria fastidioso enumerar, têm concorrido para engrossar as fileiras e tornar estes factos como incontestaveis. Em opposição, porém, a estas tão respeitaveis, deslumbrantes e sympathicas auctoridades, temos outras, de não menos importancia e criterio, de não menos valor e saber, attendendo ao tempo em que viveram, isto é: Herodoto, Atheneo, Antipatro, Eliano, etc.; e, além d'estas valiosas auctoridades, temos mais: temos provas materiaes, que são, para assim dizer, um testemunho vivo, irrefutavel e profundamente eloquente, como veremos adiante.

Herodoto, o pae da historia, ao tractar da vida de Sapho de Mytelene e de sua familia, nada, completamente nada, nos diz sobre a funesta paixão de Sapho pelo insensível Phaon, nem do tragico fim de Leucade, com quanto em suas narrações se apraza em des-

cer aos factos mais minuciosos. Ora, o silencio d'este illustre historiador, sobre factos de tanto vulto, é uma prova, negativa, é verdade, mas irrecusavel, pois ninguem se lembrará de nos objectar que este silencio proveio de ignorancia, de descuido, ou de má fé; portanto, o argumento baseado no silencio de Herodoto, neste caso, é uma prova, que ninguem de boa fé recusará admittir.

Antipatro de Sidon, ao compor um epigramma sobre o tumulo de Sapho, não só guarda pleno silencio sobre o salto de Leucade, mas diz positivamente que ella morrera tranquillamente na terra de seu nascimento, onde lhe fôra erigido um sumptuoso monumento.

Este argumento, sendo negativo até certo ponto, como o de Herodoto, já diz mais: affirma positivamente que morrera tranquillamente em Lesbos: logo não podia ser a victima de Leucade, nem tão pouco a Sapho de Mytelene, de quem procuramos arredar estes factos. Eis pois uma segunda prova.

O erudito Nymphis, na sua viagem á Asia, diz: «Sapho de Eresia ama apaixonadamente Phaon.»

Esta terceira prova não precisa de commentarios, pois, bem clara e positivamente, defende a Sapho de que tractamos, isto é, a de Mytelene.

Para corroborar estas auctoridades temos ainda a grande auctoridade de Strabão, que, ao indagar a origem do bizarro costume de afogar nas ondas de Leucade um desgraçado amor, diz que não encontrara testemunho mais antigo d'esse extravagante uso, consagrado pela religião antiga, além do poeta Menandro, que positivamente diz: «Sapho foi a primeira a dar o salto de Leucade.» Ora Menandro vivera entre os fins do IV seculo e começo do III, antes de Christo. Logo a existencia de Sapho, que foi victima da paixão por Phaon, não podia ser a de Mytelene, visto já

ter-nos mostrado a auctoridade de Herodoto ella ter vivido pelo seculo v antes de Christo.

D'aqui se conclue tambem, ou se explica a razão por que Herodoto não nos fallara do salto de Leucade, nem da paixão de Sapho por Phaon; pois a de Mytelene nada tinha com isso, e a de Eresia ainda estava por nascer.

Além d'estas provas, baseadas na auctoridade dos mais eminentes historiadores antigos, temos modernamente provas materiaes incontestaveis, que são: duas medalhas achadas, una na Sicilia, nas ruinas de Agrigento, em 1822, publicada por Mr. Steinbuechel, director do gabinete de Vienna; e a outra, na Grecia, no mesmo anno; as quaes confirmam a distincção que fizemos sobre a existencia de Sapho de Mytelene e de Eresia, e de que só esta ultima podia ser a amante de Phaon, a victima do seu amor.

Se agora quizermos raciocinar um momento sobre alguns factos da vida de Sapho de Mytelene, ainda encontraremos provas abundantes para dissipar as duvidas dos mais escrupulosos:

Basta recordar-nos de que Sapho, segundo o affirmar Herodoto, censurara asperamente a cega e desordenada paixão de seu irmão pela formosa Rhodope, a cortezã egypcia. Ora, era possivel que ella ousasse fazer-o, sendo amante de Phaon?!...

Se Sapho fosse uma mulher de tão desordenada vida, como a querem fazer certos biographos, era possivel que Alcêo, seu contemporaneo, tão altivo e tão brioso, se lhe dirigisse a manifestar tão timidamente seu amor? <sup>1</sup>

E, concedendo por um momento essa anomalia, era presumivel que Sapho, sendo essa Sapho impura, lhe respondesse com tanta nobreza e moralidade?

<sup>1</sup> Alludimos áquella tímida manifestação de Alcêo a Sapho, de que já fallámos a paginas 114.

Todos esses factos pois, e muitos outros, que poderíamos agrupar, provam á saciedade: que a Sapho de que tractamos não foi a Sapho cortezã, não foi a amante de Phaon, não foi a victima do salto de Leucade, nem essa belleza celebre de que falla Atheneo; mas a Sapho pura, a Sapho nobre, elevada, instruida, majestosa, poetisa divina, que a posteridade abraçou carinhosamente contra seu peito, e os seculos proclamaram: Immortal.

Isto é apenas a traducção (pag. 117):

Feliz quem, junto a ti, por ti suspira  
E as fallas te ouve, que o prazer lhe entranham,  
Vê teu meigo sorriso deleitoso!  
Essa dita a dos Numes não iguala.

Sinto de veia em veia a subtil flamma  
Coar, quando te vejo, em todo o corpo;  
E no arroubo, em que esta alma se me prende,  
Busco a voz, busco a lingua; ambas deixaram-me.

Nuvem de confusão nos enleia os olhos,  
Já nada escuto, languida esvaneço,  
Gelo e fogo me investe: eu tremo, eu morro;  
Quem nada seu possui, tudo arrisca, etc.

(Traducção de Filinto Elysio.)



CORINNA





## CORINNA

Corinna! que de recordações não desperta este poético nome!... Quem, ao pronuncial-o, se não lembrará logo da supposta Corinna de Ovidio<sup>1</sup>, que lhe occasionára o seu desterro para as inhospitas solidões da Scythia? Quem, ao pronuncial-o, se não lembrará da *Corinna* de M.<sup>me</sup> de Staël, desde aquelle momento em que ella, com todo o seu genio, com todo o seu coração e divina eloquencia, se apresenta coroada no Capitolio; desde aquelle momento brilhante e solemne em que ella canta: «La gloire et le bonheur de l'Italie!» até ao seu ultimo canto, aquelle canto profundamente triste e commovedor, em que ella diz: «Souvenirs de l'enfance, adieu! Vous, qui dans mes écrits avez trouvé des sentiments qui répondaient à votre âme, ó mes amis, dans quelque lieu que vous soyez, adieu!»

Entretanto nenhuma d'essas é a Corinna de que vamos tractar: não; ella não é franceza, nem italiana, nem romana, — é grega, que quer dizer — o ideal em todo o seu vivo esplendor.

<sup>1</sup> Era Julia, filha de Augusto, o imperador romano.

Entre as flores brilhantes, que decoram o esplendido jardim da poesia grega, Corinna é inquestionavelmente uma das que mais deslumbra e seduz o olhar do contemplador, já pela elegancia e magnificencia das fôrmas, já pelo brilhantismo das côres, já emfim pela suavidade dos seus perfumes poeticos.

Ella é uma d'estas bellas heroínas, que, não contentes de já terem conquistado um throno no imperio da belleza, quiz mais — quiz cingir a fronte com a grinalda immortal da poesia lyrica, conquistada por mais de uma vez nas ridentes planicies da tão celebrada Olympia.

Divindade celeste pela scentelha sagrada que lhe illuminava a fronte augusta, anjo da terra pela belleza plastica; ella merece e muito, por este duplo titulo, a nossa humilde veneração.

Antes, porém, de percorrermos as phases brilhantes que formam o cyclo doirado da sua immortal existencia, permitta-se-nos um lance de olhos pelo solo em que tivera a gloria de nascer.

---

Na Grecia, ao noroeste da patria de Pindaro, Thebas, achava-se antigamente, quasi entre as fronteiras da Attica e da Beocia, debruçada elegantemente, sobre o cimo d'uma pittoresca montanha, uma linda cidade, que reclamava a attenção do viajante, não só pela grandeza de suas casas, que se distinguiam pelos seus imponentes vestibulos, mas tambem pelo brilhante e variado colorido de suas pinturas, que lhe davam uma apparencia assás agradavel.

Aos pés corria-lhe, através de frescas sombras, descrevendo graciosas espiraes, sobre uma planicie de

verdura e flores, o pequeno rio Thermendon, que pelo estio se deslisava tão silenciosa e mansamente, que ás vezes parecia, pela sua apparente immobilidade, que, tendo perdido de todo as forças, adormecera por fim aos ardores caniculares; outras vezes porém, no inverno, com a affluencia dos seus tributarios, mudava de tom, e passava, não mais como um triste mendigante, mas opulento, rapido, arrogante e violento, como um desvairado conquistador, esbravejando mesmo, ao sopé da montanha, como querendo abalar-lhe os fundamentos e dar de chofre no seu leito com os pacificos habitantes.

É a politica dos vencedores para com os vencidos; é o que fazem os fanfarrões politicos quando se aquecem aos raios da prosperidade; fugindo porém, e bradando cobardemente ao menor sopro do infortunio.

Os habitantes d'esta cidade eram dotados de costumes simples, frugaes, amantes da justiça, hospitaleiros e muito laboriosos na agricultura, arvore regada com o suor de seu rosto, d'onde tiravam os pomos de oiro, e viam correr alegremente o Cedron da prosperidade entre as perolas da paz e os rubins do amor, o amor socegado e pastoril, que parecia convidal-os a fruir num pavilhão de azul as doçuras campestres e adormecerem ao som d'um casto idyllio entre rosas de eterna primavera.

Esta cidade era Tanagra.

Foi allí que, pelos annos 500 antes de Christo, nasceu a bella e immortal Corinna.

Descendia d'uma illustre familia, como descendem quasi todos os grandes vultos da Grecia, que têm sobre a mudez de seus tumulos o manto venerando dos seculos.

Sabe-se que seu pae se chamava Acheledoro, e sua mãe Pocracia. Nada mais.

Bem cedo dera indícios do que mais tarde havia de ser, já pela curiosidade e viveza, já pelos primores do ingenho e galas da imaginação que lhe transbordavam ao exprimir-se sobre os objectos mais simples, revestindo-os sempre dum luxo de imagens, d'um colorido e graças tão aquilatadas, que faziam pasmar seus progenitores.

Estas disposições naturaes eram fortificadas pelos esplendores d'uma natureza rica e varjada, que a convidava a assistir, de dia, a esse espectáculo eterno, e sempre curioso, que se desdobrava desde o sorriso pudibundo da aurora, até ao momento solemne em que o astro-rei da criação atira com seu manto de purpura ás nuvens, e vai occultar sua fronte de fogo nas fimbrias doiradas do occidente; de noite á magica illumination do templo augusto de Deus para voar nas azas da phantasia por entre aquelles mysteriosos pavilhões de oiro, que semelham estações encantadas, que de espaço a espaço se acham disseminadas pelos páramos da immensidade, a fim de darem pousada amiga aos peregrinos, que da terra marcham com a fronte illuminada pelos esplendores da fé para a suspirada Jerusalém, a Jerusalém universal.

As tendencias poeticas, que de dia a dia se revelavam ardentemente ao menor aceno, ao menor olhar de Corinna, estavam advertindo a seus paes que seria injuria, e um ultraje aos deoses, o não curarem da educação de tão nobre e maravilhoso ingenho, que a natureza não concedera de certo para ficar inutilmente obscurecido e sepultado entre as agrestes montanhas de Tanagra.

Sob o peso d'estas considerações o pae de Corinna

volve os olhos em roda de si para ver quem seria a preceptora, que devesse tomar a missão de velar por este tão raro thesouro.

Felizmente, existia então, por aquelles tempos, uma illustre mulher grega, já celebre como poetisa, que havia inaugurado uma eschola de poesia e musica para ambos os sexos que desejassem cultivar e desenvolver estes dons maravilhosos.

Esta mulher — era a illustre Myrthes d'Anthdon.

Foi aos cuidados d'esta illustre poetisa que Acheledoro confiara Corinna, que desde logo soube inspirar a sua mestra a mais viva sympathia pela doçura e amenidade de seu character, fazendo-lhe ao mesmo tempo conceber as mais lisongeiras esperanças pelo brilho de sua estrella poetica, que tão visivelmente lhe scintillava na curva harmoniosa de sua bella fronte.

Foi alli, naquella mesma eschola, que algum tempo depois apparecera o grande e fogoso Pindaro, para receber as lições da illustre Myrthes.

O amor, que desde logo annunciou este glorificador dos heroes e semi-deoses, de cultivar ardentemente, ao som mavioso da lyra, o seu genio poetico, a viveza e arrojado de suas idéas, os rasgos brilhantes e eloquentes, que proferia, sempre adornados das mais variadas flores poeticas; a tendencia para o maravilhoso, que quasi sempre se revela nos grandes genios; aquelle olhar, que se transmudava com a rapidez do pensamento, passando do mais sereno e modesto repouso para os ardentes e convulsivos movimentos de enthusiasmo, fitando em cheio o astro deslumbrante da sua gloria quando o via surgir por entre os esplendores da esperanza, como a aguia, ao romper da manhã, antes de alçar seu vôo altivo dos pincares mais elevados, fita

com olhar sereno o sol radiante do universo: tudo isto foram valiosos titulos para conquistar a sympathia e admiração de Corinna, que desde logo concedera ao seu illustre condiscipulo todas as atenções e amabilidades que comportava a delicada jerarchia de seu sexo <sup>1</sup>.

O laço da idéa e do sentimento poetico, ligou desde logo estes dois heroes, que mais tarde haviam de vir a disputar ardentemente os louros da gloria nos estadios da famosa Olympia.

Em quanto, porém, não chegava esse dia glorioso, que o véo do porvir occultava, Corinna manifestava sempre a mais viva admiração ao talento de Pindaro, fazendo tão alta idéa do seu merecimento, que chegou a censurar sua propria mestra, por ousar disputar a palma da victoria a este colossal poeta.

Entretanto, ella que assim pensava, até alli, de sua mestra, veio mais tarde a formar uma tão alta opinião de seu proprio genio, que não temeu imitar a nobre ousadia de Myrthes, com a differença — que aquella pagara bem caro a sua temeridade, pois fôra vencida; em quanto que a bella Corinna triumphara sempre de seu rival, alcançando os louros da victoria em todos os certames poeticos.

A corôa d'este brilhante successo, contra um rival tão gigantesco, deu tal animosidade, de ahi em diante, a Corinna, que jámais o titanico arrojo do famoso Pindaro pôde, com a flamma deslumbrante de seu genio, arrancar-lhe a palma da victoria.

Entretanto, a tenaz irritabilidade de Pindaro não lhe consentia ficar vencido por uma mulher, embora essa

<sup>1</sup> Com quanto, segundo o dizer de M.<sup>me</sup> de Staël a Napoleão I, «o genio não tenha sexo.»

mulher se chamasse Corinna; por isso provocava-a sempre orgulhosamente para diversos certames poeticos, que se davam nos differentes jogos Olympicos, Pythicos, Nemeos e Isthmicos, instituidos e consagrados pelos gregos aos seus deoses; porém em todos elles Pindaro ficava sempre vencido.

Cinco vezes travara elle ardente lucta com tal rival, e em todas cinco o brado jubiloso da victoria resoára sempre: Viva Corinna!

No emtanto, apezar d'estas crúas decepções, Pindaro saía vencido por entre as multidões, mas não curvado, nem cabisbaixo. O seu olhar, ao passar através d'aquelle povo delirante e ébrio de glorias, não era o olhar timido e desorientado de pygmeu, mas o de altivo e nobre leão. Seus cabellos fluctuavam ao vento da derrota, como se houvessem sahido do bafejo glorioso d'um combate.

Um não sei que lhe dizia interiormente que elle, apezar de vencido, era superior á sua rival.

Este presentimento do genio, este olhar luminoso, este aviso interior, este clarão vivo e prophetico, que se revela no sanctuario da alma aos-grandes homens, nas mais duras provações da vida, dava-lhe tanta audacia, tanto valor, um tal ar de superioridade e de nobre elevação, que o fazia desprezar e arrostar todos os malignos dicterios e obstaculos que se lhe oppunham para chegar ao seu completo triumpho.

E não se enganava, nem o seu genio lhe mentia:— mentiam-lhe os homens, mentiam-lhe as invejas rasteiras de todos os tempos, que andam em guerra surda e odienta contra quem procura subir ao pantheon da gloria, elevado pela honra, pelo trabalho e pela nobre independencia.

Entretanto, Pindaro não podia dissimular o seu despeito ao lembrar-se das suas derrotas poeticas; por isso, num d'estes momentos, por assim dizer involuntarios, elle vingava-se em sugillar os seus juizes, taxando-os de estolidos e iniquos; desabafa-se em disparar as mais virulentas settas contra Corinna; sacode uma chusma de epigrammas sobre a cabeça inepta do povo; e, lançando depois um olhar de desprezo sobre todas as invejas — volta á sua cara Thebas, para alli embuçar-se na sua querida solidão, apurar as suas bellas composições, conceber outras, e assim, curando de aperfeiçoar todos os seus trabalhos, esperava convulsivamente por aquelle momento solemne, por aquelle momento supremo, que devia fazel-o subir ao pinaculo da gloria, e dar-lhe a plena immortalidade.

Qual seria, porém, a razão por que um poeta tão grande e sublime, como Pindaro, se deixava assim vencer por Corinna?

Eis a pergunta, que já em seu tempo se fazia e que ainda hoje todos repetimos.

Segundo Pausanias, Corinna devia aquelles triumphos ao uso que fazia do dialecto Eolico, que muito de proposito empregava nas suas bellas composições, por ser mais facilmente entendido das multidões, que se acercavam dos jogos e festas populares; em quanto que o do seu rival, Pindaro, era Dorico, isto é, muito menos accessivel ao intellectual desenvolvimento popular.

Mas, além d'esta grande vantagem, Corinna tinha outras mais irresistiveis, que a deviam fazer exalçar, ainda mesmo que muito inferior fosse o seu genio poe-



tico: era a sua belleza, eram as suas graças, eram, em fim, aquella doçura no olhar, aquella molleza na voz, aquella todo harmonioso e inexprimivel, que a devia fazer brilhar aos olhos de seus juizes como uma radiante divindade.

Pindaro possuia a linguagem dos deoses, — Corinna a dos mortaes; — elle fazia-se entender dos heroes, — ella d'uns e outros.

Elle, em fim, era homem; em quanto que ella tinha nas suas mãos o thalisman que fez desaparecer Troia, atirar com Sansão ás garras dos philisteos e entregar a cabeça de Holofernes ás delicadas mãos da formosa Judith.

Eis o segredo principal de suas victorias.

Longe estamos, porém, repetimo-lo, de suppor que fosse estê o seu unico condão, pois ella devia realmente ter muito merecimento, como poetisa; mas queremos significar com isto que o dom fatal da belleza, como lhe chama Byron, aquella dom que immortalisou Helena, Dallila, Judith, Esther, Laïs e Phryné, devia fazer pender muito a balança dos juizes para o seu completo triumpho.

Vejamos agora o logar da sua predilecção.

Corinna residia, ordinariamente, em Thebas, na famosa capital da Beocia, onde os monumentos mais tradicionaes e historicos se accumulavam por meio dos mais frisantes contrastes, como para nos fazer recordar, d'um lado o seu fundador, Cadmo, conduzindo da Phénicia em uma das mãos a luz do espirito com o alphabeto — na outra, a cornocopia da riqueza e prosperidade com o commercio e a agricultura.

D'outro lado, porém, o que vemos?

É o desgraçado Laio cahindo aos golpes fataes de Oedipo, para se cumprir o terrivel vaticinio do oraculo, é a astucia enigmatica da Esphinge, vencida a final; é o horrivel incesto de Jocasta consummando-se; são, em fim, os monstruosos fructos de Eteocles e Polynice lançando as labaredas da destruição sobre a opulenta Thebas, labaredas, que só se extinguiram com a effusão sanguinaria dos famosos epigonos.

Ainda mais: d'um lado, vemos os muros de Thebas levantarem-se aos cantos harmoniosos de Amphião; d'outro, vemos esses mesmos muros cahindo e nivelando-se ao pó da terra, ao sopro violento e impetuoso de Alexandre.

Mas, deixando estes contrastes desanimadores, que nos fazem ver o nada do mundo, lancemos os olhos para fóra d'aquelles desgraçados muros, e vejamos como nas paginas immortaes da historia apparecem álli mui vivos os nomes brilhantes de Leuctres, de Platéa, de Choronea, de Ascra, de Thespies, de Anthdon e o do Hellicon, que nos fazem logo lembrar as celebridades que se lhes associam, isto é — Epaminondas, Mardonio, Philippe de Macedonia, Plutarcho, Hesiodo, Phryné, Myrthes, e emfim a côrte immortal das Musas, aonde, segundo o poetico e brilhante dizer de Eugenio Pelletan, Hesiodo fôra aprender da propria bocca das Musas as suas graciosas e encantadoras fabulas.

Era alli, dentro d'aquelles muros tão ricos de tradições, e cercado de opulencias historicas, que se achavam encerrados os dois rivaes — Corinna e Pindaro.

Era alli que elles entreteciam a corôa virente da immortalidade; é d'alli que elles, embalados em doirados sonhos, lançavam os olhos para a formosa Olym-

pia, e esperavam anciosos por aquelle dia glorioso, por aquelle momento de delirante jubilo, em que suas fontes olympicas deviam ser coroadas aos applausos phreneticos d'aquelle povo sedento de gloria e immortalidade.

Na verdade, quando se considera, ainda hoje, através de tantos seculos, o amor da gloria entre os gregos; quando se nos afigura a brilhante cidade de Olympia majestosamente assentada na margem direita do amoro-so Alpheo <sup>1</sup>, mui proxima do monte Saturno, parecendo sorrir-se desvanecida pela decoraçãõ dos mais sumptuosos templos, como os de Jupiter Olympico, de Juno, do Senado, do theatro, das bellas e innumeraveis estatuas de bronze e de marmore para representar os deoses e eternisar os heroes; os seus bosques sagrados, exhalando os perfumes da immortalidade, os seus immensos thesouros, os tropheos que por toda a parte se elevavam, os carros de triumpho cruzando d'um a outro lado, as corõas, as grinaldas e os festões, fluctuando ao sopro balsamico da mais viva alegria; as ondas mivediças dos mais longinquos povos, abordando áquellas ridentes planicies, já por mar, já por terra, todas ridentes de anciedade por assistir á primeira solemni-dade da Grecia; — os carros dourados, dos reis e prin-cipes mais opulentos, cruzando e voando pela planicie; o relinchar altivo dos ginetes, que fremem de im-paciencia por attingir o termo a que se dirigem; quando

<sup>1</sup> Este epitheto não é infundado; pois, segundo a mythologia, o deos d'este rio enamorara-se tanto de Arethusa, nympha da Elida, certo dia em que ella fôra banhar-se em suas crystal-linas aguas, que, para fugir á sua amorosa perseguição, vira-se obrigada a implorar o soccorro de Diana, que a transformara em fonte. O Alpheo correu logo a misturar suas aguas com as de Arethusa.

consideramos tudo isto, não podemos deixar de dizer :  
— É alli que se achava o esplendor e a vida!

Se depois voltarmos os olhos para os estadios, e quizermos ver:— aqui o logar privilegiado dos juizes e presidentes dos jogos; alli a corporação esplendida de sacerdotisas de um certo templo, que, com uma excepção ao seu sexo, tinham a prerogativa de assistir a estas solemnidades ; — além as longas e espessas fileiras dos innumeraveis espectadores, onde se acham, não só os plebeos, mas numerosos reis, que, não contentes das magnificencias reaes, alli iam tambem disputar ao lado do plebeo outra corôa mais gloriosa — a corôa da immortalidade ; — mais além os athletas, já preludiando o combate, entrelaçando-se de parte a parte como serpentes, e medindo-se reciprocamente d'alto a baixo, como querendo tirar indicios de qual d'elles seria o vencedor ; — e, assim de seguida, ver os mais sumptuosos carros e soberbos cavallo enfileirados e esperando sóffregos o momento que deve fazel-os entrar na liça ; — ouvir de repente resoar nos ares o clarim, e vel-os logo avançar e partir com a velocidade da flecha, deixando após de si espessas nuvens de poeira ; ouvir depois, ao som de estrepitosas palmas, o nome do victoriado ; quando nisto consideramos, não podemos deixar de exclamar :

É alli que se achava a força e a gloria !

Se, depois, considerarmos os applausos e as saudações, que como nuvens de flores caiam sobre as fronte dos athletas ; como o filho obscuro da mais solitaria idéa ia sentar-se na galeria dos heroes ; ver percorrer seu nome, até então sem significação, nas aureas azas da fama, ultrapassando os mais longinquos pontos da Grecia ; depois, chegar ao ultimo dia da solemne festi-

vidade, ver aberto de par em par o templo augusto da gloria, para nelle entrar de frente erguida, e lá receber a corôa da immortalidade, ao som dos magicos hymnos da victoria; depois, sair por entre uma multidão de applausos; ver as corôas de flores espargidas sob seus pés, receber os abraços de regosijo e de sympathia, as lagrimas espontaneas, filhas do mais ardente enthusiasmo de seus paes, de seus parentes e amigos; ver a natureza a estender o manto azulado de seu esplendido céu, o zephyro estremecendo amorosamente a folhagem dos bosques sagrados com o seu doce e perfumado bafejo; sentir o brilho esplendido do sol a animar com o seu olhar de fogo aquella atmosphaera jubilosa; todos os diferentes orgãos da creação alli reunidos, como para num mysterioso côro manifestarem e renderem suas homenagens áquelles heroes inebriados de tanta gloria: eis, além da vida e da força, do esplendor e da gloria, — alguma cousa de mais terno, de mais grande e de mais divino:

É o abraço de admiração na terra, — e o beijo da immortalidade no céu da historia.

Mas, no meio d'aquelle paraizo de celebridades, não eram só as conquistas da materia que alli se obtinham: não; o espirito tambem tinha uma grande esphera reservada para estender e ostentar as suas brilhantes e mysteriosas manifestações.

É alli que um poeta como Pindaro, e uma poetisa como Corinna, podiam subir ao capitolio da gloria, e, lançando mão da lyra, entoar, ao som de harmoniosos hymnos, as odes divinas, que deviam celebrar a omnipotencia dos deoses e louvar os feitos dos heroes.

É alli que elles podiam encontrar todos os elementos vivos de suas grandes composições, que, assimillados e convertidos em substancia propria, dão, ao contacto do raio fecundo da inspiração, esses sublimes cantos, esses modelos immortaes, que passam incolumes através dos séculos, e despertam sempre a admiração da mais remota prosperidade.

É alli que um pintor como Apelles, um esculptor como Phidias, um philosopho como Pythagoras e Platão, um historiador como Xenophonte e Thucydides, todos os genios, todos os artistas, todas as intelligencias numa palavra, podiam encontrar um manancial inesgotavel, um oceano vivo dos mais variados modelos para formar o ideal de suas composições artisticas.

Alli havia logar para todos que amassem o trabalho e sonhassem com a gloria.

Por isso todos alli accorriam avidamente, desde o simples plebeo até ao mais poderoso rei; e por bem pagos e felizes se julgavam quando lá recebiam um louro, um aperto de mão, um simples olhar d'aquella majestosa multidão.

Na verdade, quando vemos o grande Themistocles, depois da batalha de Salamina, já coroadado pela mais brilhante victoria, apparecer nos jogos olympicos, e alli, depois de ser abafado pelos applausos da multidão, confessar que era o dia mais feliz da sua vida; quando Pythagoras, Platão, e outros illustres philosophos, não desdenhavam aquellas saudações; quando vemos um sabio como Chilon e Diagoras de Rhodes, morrerem ao peso do praser que sentiram de verem seus filhos coroados naquelles famosos jogos; quando se nos aponta a cabeça do athleta Cleomedes, desvairado, completamente doido, por se ver privado da corôa triumphal,

que esperava obter numa d'aquellas luctas immortaes : bem se pôde avaliar e comprehender qual a grande influencia, o grande estímulo, que exercia sobre o povo grego esta tão celebre instituição, e quantos esforços e sacrificios eram empregados para attingir ao ideal, tanto nas bellas letras como nas sciencias e artes.

Depois d'esta longa digressão sobre os jogos olympicos, que se nos perdoará, pois não podêmos resistir ao desejo de escrever duas linhas ao tocar nesta tão singular instituição, diremos que foi alli, ante o povo mais celebre da terra, que a bella Corinna teve a gloria, como já dissemos, de vencer nos certames poeticos ao famoso Pindaro.

É d'alli que ella muitas vezes regressava para a sua Tanagra ou para Thebas, involta no seu manto de purpura, sobre o carro triumphal, com a fronte engrinaldada pelos louros da victoria e o olhar perdido na immensidade do céu.

É alli que ella viu, por mais de uma vez, coroados todos os seus esforços titanicos para vencer o athleta da poesia grega, — tornando-se assim a admiração pasmosa de seus contemporâneos e a eterna veneração dos seculos.

É assim que vivêra, por muito tempo, de triumpho em triumpho, de gloria em gloria, esta filha predilecta do Parnaso grego, até aos seus ultimos momentos, que, com quanto não saibamos quando terminaram, nem como, presumimos todavia que fossem sempre bafejados pela suave brisa da prosperidade e visse o ultimo raio do sol da vida despedir-se serenamente, através dos

frondosos platanos e dos loureiros-rosas, voando numa estrophe embalsamada dos seus divinos cantos para a região aureo-azul dos immortaes.

Logo depois de sua morte lhe fôra erigido um tumulo no logar mais elevado de Tanagra.

Seu retrato achava-se no gymnasio, representando-a com uma grinalda na cabeça, que symbolisava os premios alcançados contra Pindaro.

De suas obras, infelizmente, apenas nos restam alguns fragmentos poeticos, que se podem apreciar na bibliotheca grega de Fabricio.

Pindaro consultava Corinna, e aproveitara muitas das suas judiciosas observações, tanto no traço de suas composições artisticas, como no emprego dos epithetos e ficções poeticas.

Conta-se que certo dia, tendo sabido d'ella que a poesia se devia enriquecer e ornar de ficções fabulosas, começara logo uma composição poetica por esta fôrma: «Devo eu cantar o rio Isménus, a nympha Melia, Cadmo, Hercules, Baccho, etc.?» Estes nomes eram acompanhados de pomposos epithetos.

Corinna, ao ver este excesso de adornos fabulosos, volta-se para elle, e diz-lhe sorrindo: «Vós pegaes num sacco de grãos para semear uma porção de terra; mas, em logar de os irdes semeando paulatinamente com a vossa mão, lhe abris de todo em todo a bocca, e deixaes repentinamente esvasiar-se <sup>1</sup>.»

Esta observação serve ainda hoje para muita gente; e eu mesmo a recebo como uma lição, que desejarei aproveitar no futuro, se já não a tenho aproveitado no presente....

<sup>1</sup> Vid. l'Abb. Barthélemy, *Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce*, t. 2.<sup>o</sup>



Corinna era dotada d'um tacto e gosto apuradissimo, attributo peculiar do seu sexo.

Os seus escriptos deviam ter um cunho primoroso, deviam reflectir aquelle aereo e inexprimivel sentimento, aquelle divino dizer, que nos faz sentir todas as mysteriosas emoções, que desabrocham no jardim d'alma ao sopro matinal da vida e entrever as delicias celestiaes, que brincam pela candida fronte dos cherubins, quando como borboletas d'oiro esvoaçam pelos calices azues que perfumam os poeticos Elysios dos gregos.

Ella era muito amavel, muito bella, muito instruida; tinha gosto delicado, genio audaz e perseverante; tinha amor ao trabalho; — sentia enthusiasmo pelos grandes primores da natureza e da arte; — adorava os deoses sem superstição; — sonhava com a gloria, e por isso ella passou á posteridade, e olha d'alli, radiante de immortalidade, a passagem de todos os seculos.



A decorative, ornate frame with intricate scrollwork and floral patterns, enclosing the text.

ASPASIA



## ASPASIA

---

Na Jônia, sobre as deliciosas margens occidentaes da Caria, banhadas docemente pelas ondas azues do mar Egeo, existia outr'ora radiantemente assentada uma cidade, notavel — pela supremacia da sua politica sobre toda a confederação jonica; pela riqueza de seu commercio, que se estendia até ao Mediterraneo; pela multiplicidade de suas colonias, que, no dizer de Plinio, foram não menos de oitenta, que semearam a idéa da civilização, desde o Hellesponto até o Ponto-Euxino; pela magnificencia e sumptuosidade de seus templos, onde os primores d'arte brilhavam em todo o seu esplendor; pela industria e perfeição de seus estofos; pelo fulgor de suas purpuras, que deslumbavam as da propria Tyro; por todos os embellezamentos, em fim, que attestam a civilização de um povo: foi esta cidade a donairoza Mileto <sup>1</sup>, «a Athenas da Jônia, a morada da opulencia, das luzes e dos prazeres,» phrases estas que, no nosso humilde pensar, exprimem synthetica e admiravelmente a phisionomia da elegante fada do Oriente.

<sup>1</sup> Vid. Abb. Barthélemy — *Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce, etc.*, t. 3.<sup>o</sup>

Mas não ficam ainda aqui os esplendores d'este rico centro: não; ao lado dos primores artisticos, a natureza, a amante natureza, tambem quiz depôr-lhe aos pés as mais ricas joias, os mais seductores talismans, entre os quaes realçava brilhantemente o amoroso Meandro, rio mui celebrado pelos illustres Plinio, Plutarcho, e especialmente pelo Anacreonte romano, Ovidio, que, no agudo dizer de Bayle <sup>1</sup>, confessa nada ter visto de mais lindo, de mais poetico; nada sobre este assumpto ha que, ao lado do colorido, ostente tanta elegancia e brilho, como a pintura, que nas suas *Metamorphoses* nos faz o poeta romano, para nos dar a conhecer a singularidade d'este rio.

Esta singularidade provinha das sinuosidades que formava, parecendo reproduzir todas as letras do alphabeto grego, desde a sua nascente na Phrygia até ás cidades de Prieno e Heraclea, entre as quaes vinha, como fatigado do longo curso, descançar em o leito de saphira do mar icariano.

Nelle admirava-se tambem, além da limpidez e transparencia de suas aguas, a belleza dos cysnes, que alli garbosamente deslisavam, ora altivos de sua nivea plumagem, que graciosamente se lhes espelhava na crystallina onda; ora espreguiçando-se indolentemente pelas floridas margens, ora deixando-se embalar docemente á tona vagarosa da corrente, onde a tepida brisa vinha, com amorosa sollicitude, bafejal-os de perfumes e lançal-os numa doce e voluptuosa embriaguez.

Se considerarmos agora os variadissimos quadros d'este magico paiz, as suas graciosas collinas, contornadas de elegantes e viçosos arvoredos, os seus ricos

<sup>1</sup> Vid. *Dictionnaire historique et critique de Bayle*.

valles, as suas campinas esmaltadas de ridentes flores e crystallinas aguas; se a vista, não contente d'esta acanhada paizagem, quizer abranger um horisonte mais amplo e majestoso, avance para a foz do Meandro, suba o primeiro ponto culminante que encontrar, e d'ahi verá abysmar-se o olhar, e perder-se a phantasia entre as magicas ondulações do mar e as vaporosas reverberações da luz.

É d'ahi que poderemos estender a vista ao longe, e, fixando-a attentamente, perguntar: que pontos indecisos são aquelles, que alem, mais alem, se vão destacando pouco a pouco do manto azul que envolve o mar em dias de bonança? — São as Sporadas, que dão as mãos ás Cycladas.

É o Oriente a communicar-se com o Occidente. É Mileto a passar-se para Athenas. São pavilhões de esmeralda que fluctuam em campinas de crystal. São formosos oasis que surgem, como por encanto, da perfumada onda, reclinados sobre seu throno de verdura, com a fronte cingida de violetas, as mãos cheias de fructos, os pés sobre tapetes de rubins, que, ao transformar num lenço de cambraia a primeira nuvem que desponta no horisonte, parecem com elle acenar para os navegantes em calmaria, e dizer-lhes: Vinde, filhos do mar, que aqui ha pavilhões encantados para o abrigo, leito de flores para o descanso, sombras de loureiros-rosas para o goso, perfumes e harmonias para os sonhos.

Considere-se agora o balsamico do ar a impregnar-se por todos os poros da epiderme; bebam-se pelo pensamento na taça dourada da luz celeste os ultimos raios que o rei da creação despede alli, através d'um manto de purpura; considerem-se, sonhem-se todos estes ele-

mentos vitaes, que em mysterioso silencio convergem na mais doce harmonia para dar á existencia toda a sua plenitude: e ver-se-ha que a vida, com o seu cortejo de graças, de bellezas e de espirito, devia alli reinar em profusão, e dar aos jonios uma tendencia para o goso e para a volúpia, que só elles sabiam desfructar debaixo do seu esplendido céu.

É alli que poderíamos dizer como o joven Novalis<sup>1</sup> «que o ar era um nectar delicioso, uma bebida refrigerante para acalmar os ardores do estio; as estrellas, fachos brilhantes, que pendiam da azulada abobada para illuminar e presidir ás danças e festins da noite; os animaes, as plantas, as flores, os vergeis, apenas magnificas provisões d'um esplendido repasto; toda a natureza, emfim, para esses convivas da existencia, um theatro deslumbrante, onde as mais ricas e voluptuosas festas se renovam constantemente.»

Foi nesta luxuosa cidade de Mileto, neste jardim da belleza, que desabrochou, ao sorriso perfumado d'um raio oriental, a vida d'essa mulher, que mais tarde havia de representar o mais brilhante papel a que se podia aspirar então entre um povo tão singular como foi o Athenjense.

Esta mulher foi Aspasia, a illustre Aspasia, estrella luminosa, que do oriente voou, radiante de luz e de graças, para revelar á favorita de Minerva o segredo da politica, a magia da eloquencia, o encanto da palavra, por meio da sua doce e harmoniosa lingua.

É d'esta nova Juno, é d'esta maravilhosa existencia, que os mais habeis pinceis já têm debuxado o esplendoroso vulto, que ousamos traçar a deslumbrante vida,

<sup>1</sup> Vide M.<sup>me</sup> de Staël — *L'Allemagne*.



bem convencidos da desproporção que existe entre a rudeza de nossas tintas e a sublimidade do quadro: — suppram, porém, os desejos onde nos escassearem os meios.

---

Aspasia era filha de Axioco: eis o que nos diz Plutarcho, eis o que nos diz Bayle e centenaes de biographos, que, com a frieza d'um chronologista, repetem seccamente o que o illustre filho de Choronêa escrevera, ha perto de dois mil annos, nas suas biographias dos grandes homens gregos e romanos.

Qual foi, porém, a posição de seu pae? Quando nasceu Aspasia? Que educação litteraria teve? Seus progressos? Quando sahio de Mileto para Athenas? Que causas teria para d'alli sahir? Eis os problemas, que nenhum biographo conhecido tem até aqui apresentado, convictos, sem duvida, da impossibilidade em que se acham de os resolver.

Não seremos nós, pois, que iremos agora, através d'essas camadas seculares, segundo o majestoso dizer de Humboldt, com os olhos vendados, e tão longe das fontes historicas, levantar o véo de tantas duvidas, abrir a urna do deposito sagrado, rasgar o sudario mysterioso, para lá sondar e decifrar tantos enigmas.

Não: a escuridão é muito espessa; outros, se os ha, que ousem descer á abobada subterranea com sua lanterna magica, e procurem a alma que animou este brilhante esqueleto; eu não, que tenho medo e pavor de encarar cadaveres e ossadas horripilantes.

Entretanto, se não temos a tocha luminosa de Champollion, nem o fio conductor de Ariadna, para entrar no medonho labyrintho, seja-nos ao menos permitido

tomar as azas brilhantes da imaginação e voar até ás encantadas regiões da hypothese, e lá ouvir o que nos diz esta complacente sibylla.

Escutemol-a.

Se é verdade que, á vista d'um primoroso quadro, onde o colorido, a luz e as sombras se acham distribuidas com maravilhosa harmonia e proporção, somos logo levados a reconhecer o grande talento do seu auctor, parece-nos que podemos, sem grande temeridade, avançar que o pae de Aspasia era um homem distincto e de posição lisongeira na sociedade; pois sem isto não poderia, principalmente na antiguidade, dar uma educação esmerada e tão litteraria, como a que possuía a illustre Aspasia.

Mui curioso seria que a antiguidade nos tivesse legado algumas paginas douradas, nas quaes nos pintasse a infancia d'esta mulher illustre.

Na verdade, como devia de ser interessante o seu desenvolvimento infantil! Que de sagacidade havia de revelar ao retorquir um argumento, como preludio do que mais tarde havia de mostrar em companhia de Socrates! Que ancia, que ardor de saber! Que facilidade em decorar! Que tenacidade em reter! Que de historietas e de gracejos curiosos com suas amigas de estudo! Que doçura na sua maravilhosa linguagem! Que magia na expressão de seu olhar, onde o raio da intelligencia devia reverberar-se através da pupilla ardente! Que perfume devia exhalar esta rosa ainda involta no virginal botão!

Ah! se um poder divino me transferisse, por um momento sequer, o seu maravilhoso talisman, se eu pudesse transpôr o portico sombrio e nebuloso do passado; se eu pudesse entrar no encantado e mysterioso jar-

dim da vida; se eu estivesse senhor do poder supremo que faz mover essas forças occultas que gyram do seio do átomo terrestre até ás profundezas infinitas, que de olhar impassivel sustenta, na extremidade d'um dedo, os alicerces incommensuraveis do universo; ah! então eu ordenara com a rapidez do pensamento que o átomo, transpondo o abysmo do nada, viesse humildemente unir-se á molecula, a molecula unir-se ao corpo, o corpo unir-se ao raio brilhante e fascinador da vida! Então eu contemplara, radiante de alegria, todas essas formas divinas que dominaram no imperio da belleza grega; oh! então eu contemplara tambem Aspasia, o prototypo da formosura, a rainha da eloquencia, o throno onde se assentavam elegantemente todas as graças de Athenas.

Mas deixemos a varinha phantastica do Manfredo de Byron e a lanterna magica do Fausto de Goëthe.

Basta de digressões, e vejamos o anno em que nasceu Aspasia, e quando saiu de Mileto.

Todos os biographos, em geral, concordam que Aspasia chegara a Athenas pelos annos 441; sendo assim, podemos computar que, não tendo então mais do que 21 a 25 annos, ella nascesse pelos annos 462 a 466 antes de Christo; devendo portanto ter sahido de Mileto entre os annos 440 a 441. Quanto ás causas, que a determinavam a sair de Mileto, é natural que, depois da morte de seu pae, vendo-se numa cidade onde os tremores politicos se renovavam frequentemente, ella por fim resolvesse ir-se hospedar no templo de Minerva, no Eden das idéas, no pantheon dos heroes, no formoso jardim de Athenas, onde o talento, as graças e a belleza eram as flores que podiam aspirar á auréola da immortalidade.

Na verdade, Athenas era então o bairro predilecto da aristocracia do genio e da belleza.

As verdejantes margens do Illyso e o perfumado mel do Hymetto tinham um não sei quê de attrahente, que fazia permanecer alli indefinidamente a todo aquelle que respirasse pela primeira vez o ar livre d'aquelle esplendido céu.

Talvez que Aspasia, quando mesmo não tivesse outros motivos para abandonar Mileto, fosse simplesmente impellida pelo desejo de viajar e pela ardente curiosidade de percorrer e admirar a galeria das maravilhas da Athenas occidental.

Fosse como fosse, o que é verdade é que a brisa, que a conduziu ao porto de Phalero, foi a mais propicia que podia aspirar, pois alli se lhe reservavam fortuna e gloria, corôas e hymnos para laurear-lhe o genio e adornar-lhe a belleza.

Antes, porém, de fazer a sua entrada no Pantheon atheniense, Aspasia esteve por algum tempo em Megara, no isthmo de Corintho, onde instituiu uma escola de politica e de eloquencia, brilhando ao lado d'estas duas flores, já tão seductoras para os gregos, uma terceira, mais deslumbrante pela belleza das fórmas, mais seductora pela magia das côres, mais inebriante pela inexprimivel suavidade de seu aroma.

Esta terceira flor era um verdadeiro talisman, que Aspasia havia conduzido comsigo do encantado jardim da Jonia.

Esta flor tinha uma virtude secreta: era a de fascinar, prender e submeter logo ao seu imperio a todos que ousassem miral-a por algum tempo e lhe aspirassem um só instante o delicioso perfume.

Esta flor symbolisa a belleza de Aspasia e o cortejo

das mais allucinantes graças que lhe adornavam o surpreendente espirito.

Logo que a sua brilhante eschola se tornou conhecida, accorreu de todos os pontos principaes da Grecia, especialmente de Athenas, a flor da mocidade para ouvirem, cheios de pasmo e admiração, as lições da magica professora.

É neste interim que apparece Pericles, o grande Pericles, chefe de Athenas, o symbolo da civilisação grega, que, attrahido tambem pela fama sonora da seductora Aspasia, pressuroso accorre, cheio de ardente curiosidade, para ouvir a famigerada voz feminina, que era então o thesouro da politica e a mais bella gloria da eloquencia attica, esmaltada pelos magicos encantos do Oriente.

Com effeito, quando Pericles ouviu esta mulher sublime, seu espirito, apezar de solido, ficara desde logo assombrado da sagacidade, finura e profundeza de suas altas e eloquentes concepções philosophicas; o seu coração, não podendo resistir á belleza e ao conjuncto de tantas graças, que se lhe revelavam ao menor aceno, rompe immediatamente o laço de esposo, que o prendia a uma sua parenta, pela qual não tinha grande affeição, e deposita sua vida, sua fortuna e sua gloria nas mãos d'esta mulher extraordinaria.

O abraço d'estes dois genios produziu uma luz maravilhosa em Athenas, representando uma das épocas mais brilhantes nos fastos do espirito humano.

O mimo e a graça jonica veio dar realce ao bello e grandioso dorico.

Fecunda união, donde brotou o brilho, a gloria e o esplendor do seculo de oiro, do seculo typo, do seculo ideal, que as civilisações mais avançadas hão de sempre

aspirar a raia do modelo, mas não o attingirão talvez, porque elle fugirá como a miragem foge ao caminhante do deserto.

Sim, elle fugirá, porque o astro peregrino, que presidia a este banquete civilizador, occultou para sempre sua fronte luminosa no véo nebuloso da eternidade.

---

O amor de Pericles por esta sublime mulher manifestava-se de uma maneira surprehendente: até na ausencia de algumas horas, de alguns minutos, de alguns instantes; pois, segundo Plutarcho, a sua ternura conjugal levava-o a ponto de não poder sahir para o senado, ou para qualquer outra parte, aonde a sua alta posição o reclamava, sem que lhe osculasse a fronte, quer ao entrar, quer ao sahir de seu palacio.

Bayle, porém, ao tractar da vida de Pericles, censura este procedimento; narrado pelo illustre Plutarcho, avançando que o acha não só singular, mas até ridiculo. Diz mais: acha que Plutarcho não comprehendeu mesmo o que leu a este respeito.

E, para comprovar esta injusta asserção, acosta-se ao testemunho de Atheneo, que, ao fallar de Pericles, assegura que elle ia ver Aspasia duas vezes ao dia, e que sempre a beijava, quer ao entrar, quer ao sahir de casa; concluindo d'aqui— que isto se referia a época em que Pericles ainda se não achava esposado com Aspasia.

Não é nosso proposito investigar até que gráo chega a veracidade do facto allegado por Bayle, isto é, se foi antes ou depois de casado, que Pericles assim manifestava a sua ternura a Aspasia; mas o que ousamos

asseverar desde já é que nada ha de ridiculo ou singular nisto; pelo contrario, sentimo-nos penetrados de respeito e admiração por ver brilhar, ao lado do esplendor de heroe do Mycla, tanto culto pela flor do sentimento conjugal, tanta veneração pelo maior primor sahido das mãos da natureza.

Sublime contraste, que nos dá a conhecer que o esplendor do politico não procurava eclipsar o sentimento mais augusto do homem — a ternura conjugal!

Parece-nos, pois, que esta censura de Bayle é inspirada por um coração duro e não aclimatado no paraizo dos mais delicados affectos, e que só pode ser apoiada por aquelles homens que reduziram o sentimento a uma especie de marmore, para o vender em seguida a algum lord traficante, que tenha a infatuada mania de construir um palacio d'esta nova especie de argila.

Mas, voltando a Pericles, o que se conclue indubitavelmente é que elle se julgava feliz da sua união com Aspasia.

E tinha razão, porque ella era a estrella doirada da sua existencia, era a lampada maravilhosa que o esclarecia constantemente nos mais intrincados e borrascosos pontos da politica atheniense.

Esta superioridade de espirito, esta ascendencia mesmo, que dizem ter alcançado sobre o animo de Pericles, tornava-a alvo das mais injustas accusações, como foram as das tremendas guerras contra Samos e do Peloponeso.

Estas accusações, porém, fundadas no testemunho de Aristophanes, não têm hoje cunho algum de veracidade, pois os que têm estudado seriamente o character d'aquella grandiosa e brilhante época e dos vultos mais

agigantados que nella fulguravam, sabem que Aristophanes era um auctor comico, que, ao lado da elegancia do seu estylo e brilhante colorido de suas imagens, sobressahia ainda mais pelo arrojo e atrevimento de sua veia satyrica, que fulminava implacavelmente todas as personagens que mais avultavam no seu tempo, tanto na hierarchia politica como na litteraria e scientifica.

Ora, Aspasia scintillava demasiadamente naquelle céu de purpura, para poder escapar ás pungentes flechadas do famoso Aristophanes, que, no seu máo humor, não poupara — nem mesmo a elevação olympica de Pericles.

Os conhecedores da historia grega sabem perfeitamente qual a verdadeira causa da guerra de Athenas com Esparta e a ilha de Samos: escusamos por isso reproduzil-as aqui, accrescentando sómente que Aspasia é absolvida d'esta funesta influencia, não só pelo illustre Plutarcho, como pelo silencio de Thucydides, que, ao tractar minuciosamente da guerra do Peloponneso, nada nos diz a este respeito sobre Aspasia, comprovando assim quão infundada é esta asserção, a não suppormos, por um grande esforço, que o esquecimento, improvavel, e a parcialidade, inadmissivel, fizessem calar a critica suda e illustrada de tão eximio historiador.

Entre todas as accusações, porém, feitas contra a bella Aspasia, a de irrelição foi, inquestionavelmente, a mais notavel, porque era considerada pelos gregos como a mais monstrosa, e por conseguinte sujeita á mais severa punição.

Ha muito que os inimigos politicos de Pericles, não tendo a coragem de o atacar pessoalmente, traçavam o plano de o opprimir indirectamente, ferindo-lhe de morte todas as affeições que lhe eram mais caras.



A religião vinha proporcionar este ensejo; ella era então o pretexto favorito, o alimento fecundo e inesgotavel de todas as especies de vinganças.

Era então, com mais terrivel consequencia, o que em Portugal é hoje o iberismo para os grandes homens que não merecem as sympathias das facções politicas.

Já então Anaxagoras e Phidias, o esplendor da philosophia e o sol da escultura, haviam soffrido, um a dureza do exilio, outro a frieza dos ferros e a sombra do carcere, por terem a desgraça de merecer a confiança e a honrosa amizade de tão grande homem.

Tudo isto, porém, não era bastante: era necessario entrar no sanctuario domestico e alli derrubar do altar sagrado da amizade a deosa majestosa, que se tornara objecto de tão reverente culto, não só pelo maravilhoso do seu espirito, como pelo encanto de sua alma.

Esta deosa era Aspasia, que em breve foi conduzida aos tribunaes, pelo crime de impiedade, e como foco d'onde partiam os mais seductores raios de immoralidade para corromper a mocidade atheniense.

Foi seu accusador o poeta comico Hermippo.<sup>1</sup>

Quando Pericles viu que a implacavel flecha da vingança vinha não só penetrar o coração de sua terna es-

<sup>1</sup> O comediante Hermippo accusara Aspasia não só de impiedade, mas de conduzir ou attrahir para sua casa mulheres formosas, que podessem alimentar a volúpia de Pericles.

A esta negra e revoltante calumnia Bayle responde sensata e maravilhosamente. Ouçamol-o:

«Je ne sais pas bien si l'on prétendit qu'elle eût fait ce maquerelage depuis que Pericles l'eût épousée; en ce cas-là le second crime eût été aussi extraordinaire que le premier; car il est presque aussi rare qu'une femme serve de maquerelle à son époux, qu'il est rare qu'elle soit sans religion.» (*Dictionnaire historique et critique, Vie de Pericles*).

posa, mas arrastal-a ao Areopago pelo crime de impiedade, seu espirito vacillou por um momento; porém, lembrando-se que era talvez mais uma oportunidade, que os deoses lhe offereciam, para fazer triumphar a sua eloquencia e confundir os seus encarniçados inimigos, um raio de esperança veio animar-lhe o coração, e ancioso esperou pelo momento supremo de ir defender a sua illustre esposa.

No dia aprasado, em que Aspasia devia comparecer no Areopago, neste tribunal, onde tão illustres personagens já tinham sido julgados, e aonde mais tarde haviam de comparecer o grande Socrates, a bella Phryné e outras celebridades gregas, Pericles apresentou-se com o seu defensor e pleiteou ardentemente a sua causa.

Em presença d'aquella voz olympica, os seus inimigos tremeram, seus juizes commoveram-se, toda a assembléa abalou-se profundamente, e, como se não fôra bastante esta eloquencia d'oiro, que fazia tremer o proprio Olympo, ainda lhe vieram em soccorro as lagrimas: tal era a commoção profunda que o dominava, tal era o seu amor, tal era o receio, apesar de ser Pericles, de não poder salvar aquella vida que lhe era tão preciosa!

Esta commoção tão violenta, estas lagrimas a borbuharem dos olhos do primeiro magistrado de Athenas, do primeiro orador da Grecia, d'uma alma tão forte e tão elevada como a de Pericles, abalou de todo em todo o Areopago; e os juizes, commovidos ao ultimo ponto, lançaram em continente sobre a graciosa frente de Aspasia a sancta absolvição.

Livre d'esta furibunda tempestade, que havia despertado a attenção de toda Athenas, Aspasia parecia d'ahi em diante brilhar ainda mais aos olhos de Pericles e de todos os seus illustres amigos.

E assim devia ser: pois salvar-se d'uma accusação d'esta natureza era um verdadeiro milagre, que só a eloquencia prodigiosa de Pericles e a sua posição podiam ter realisado.

---

Sentada d'ahi em diante, como d'antes em seu throno de marfim, com a fronte graciosamente cingida d'os mais preciosos brilhantes de Minerva, coroada pelas estrellas deslumbrantes de Venus e o sorriso das graças a scintillar no seu todo, Aspasia presidia radiante de luz ao cortejo da realza litteraria, politica e artistica, que em sua casa se reunia para avidamente admirar-lhe os encantos da palavra, modulada por aquella lingua flexivel, que sabia attrahir o ouvido pela harmonia oriental, o coração pelas ondas luminosas de sentimento, e o espirito pela elevação e arrojio dos mais sublimes pensamentos.

Ouvil-a era um prazer continuo, que se perdia entre o infinito das suas graças e a immensidade de seu espirito.

A luz das estrellas, a belleza dos anjos e a harmonia das espheras, era a trindade reinante d'esta majestade, que imperava pelo saber, seduzia pelas graças e arrastava pela belleza plastica.

Sua casa, como dissemos, era um pavilhão de luz, onde se reunia a flor da aristocracia atheniense.

Socrates, Platão, Alcibiades e as familias mais illustres de Athenas, alli accorriam com prazer para aprender a elegancia do falar, o methodo de discorrer, e o fino gracejar, sem que o ouvido mais delicado se julgasse offendido, nem o espirito mais voluvel se enfastiasse.

..

Não havia uma só nota dissonante naquella maravilhosa existencia, onde, com tanta arte e harmonia, se reuniam á luz scientifica de Hypathia a belleza plastica de Helena e a graça seductora de Cleopatra.

Com dotes tão extraordinarios, collocada na mais alta posição social pelo homem que tinha a seu lado, Aspasia não podia deixar de influir e causar sua revolução nos costumes athenienses.

Astros tão luminosos não podem passar despercebidos na atmospheria social; sua luz diffunde-se e penetra necessariamente através dos corpos menos transparentes.

Até ahí, as mulheres das mais illustres familias obedeciam cegamente á lei despotica do gynecceo, permaneciam e gravitavam alli entregues exclusivamente á simples vida domestica, pasmadas em frente d'um espelho inconstante, onde a flor da belleza material sómente se lhes reflectia um dia, ao sopro lisongeiro da primavera, para depois ir estiolar e cair nas pallidas e mephiticas sombras do outomno da ignorancia.

Expulsas do banquete da vida social e dos brilhantes theatros artisticos, assim languidamente viam de dia a dia desvanecer-se-lhes as rosas da primavera, através d'aquelle carcere solitario da vida conjugal.

Nem um só raio de luz penetrava naquellas frias abobadas, nem uma só perola de poesia resvalava naquellas frentes, nem uma só flor de ternura ia occultar-se naquelles seios de neve. Nada de augusto e grande alli pousava; nada, porque o esposo, o carcereiro severo d'aquellas victimas, não queria communicar-se com uma verdadeira esposa, não queria ver uma creatura de Deos, animada pelo mais bello espirito, onde irradiasse, através das mais ricas formas, o facho da di-

viñdade; não: elles queriam ver mulheres, sómente mulheres; estatuas frias como os marmores de suas rochas; ignorantes e estultas como suas escravas; mudas e taciturnas como os tumulos dos seus antepassados.

No meio d'esta calmaria ignara foi, pois, Aspasia, que veio lançar o pomo dourado da idéa sobre o regaço das athenienses; foi ella que as veio despertar d'aquella lethargia ignobil, d'aquella somnolencia profunda, que as inhabilitava de manifestar a scentelha divina que o Omnipotente lhes depozera no sanctuario da alma no dia da creação.

Foi ella que libertou, por assim dizer, d'aquella rude escravidão, as familias que jaziam adormecidas sobre a fria lage da ignorancia, convidando-as a tomar assento no banquete do pensamento para decorar com a belleza de suas idéas a galeria das sciencias, e a esmaltar com as flores douradas de seus mimosos sentimentos o jardim da litteratura e da poesia.

Foi ella que lhes fez comprehender o encanto e o gosto da palavra, essa imagem sonora e brilhante do pensamento, modelada ao infinito pela variedade illimitada das idéas e dos sentimentos.

Foi ella que fez comprehender que a mulher, esse rubim desprendido dos labios de Deos no dia da creação, tambem podia tomar parte na harmoniosa orchestra do pensamento para se elevar no côro magico da civilisação ao céu do porvir.

Foi ella, emfim, com o seu sorriso de Polymnia, que as convidou a derramar no calix dourado do progresso a sua gota de nectar, para que as gerações futuras podessem ir libando o delicioso espirito, e depois passal-o de mão em mão, de bocca em bocca, até tocar o labio da immortalidade.

Era isto uma verdadeira revolução operada nos costumes gregos, que devia conquistar a *sympathia* d'uns e despertar a animadversão d'outros.

Entre as illustres personagens, que frequentavam a casa de Aspasia, Cicero, segundo a narração de Eschines, diz-nos que Xenophonte e sua esposa estavam certo dia em companhia de Aspasia, e que esta tivera com elles o seguinte entretenimento: — «Dizei-me, eu vos peço, dizia ella á mulher de Xenophonte: se o ouro da vossa vizinha fosse melhor do que o vosso, qual preferieis, o vosso ou o seu? — O seu, lhe respondeu ella. — E se os seus vestidos e ornamentos valessem mais do que os vossos, quaes desejáreis, os seus ou os vossos? — Os d'ella, lhe respondeu. — Mas, se seu marido fosse melhor do que o vosso? — Aqui, a mulher de Xenophonte córou e nada soube que responder. Depois, Aspasia volta-se para Xenophonte, e fazendo-lhe identicas perguntas, o reduziu egualmente ao silencio.

Então Aspasia, desprendendo um leve sorriso, toma a palavra, e disse: «Visto que ambos recusaes satisfazer a questão sobre a qual eu tanto desejava ouvir-vos, vou responder por vós e vereis que nada ha mais simples.

Vós, Xenophonte, vós almejaes uma mulher perfeita; e vós, o melhor dos maridos.

Procurae, pois, os meios de vos tornardes mais perfectos para que assim possaes preencher os desejos que ambos tendes.»

Por aqui se pode avaliar o seu profundo espirito, e conhecer, como o notam Cicero e outros escriptores,

que Aspasia havia adoptado o methodo de Socrates, com quem ella tanto se aprazia em discorrer. Socrates tambem não desgostava menos.

Com effeito, a este respeito conta-se que Socrates, o virtuoso Socrates, tão habil em desfazer as ciladas dos Sophistas, tão prompto em confundil-os, elle, que tanto descortinava no labyrintho do pensamento, não achava meio algum de cortar os laços invisiveis que o prendiam ao cinto dourado de Aspasia, encontrando sempre um pretexto, plausivel a seus olhos, para estar junto d'ella e gozar da sua radiante presença.

Seu coração achava sempre uma grande desculpa para dar á menor accusação, que lhe podesse fazer sua consciencia.

Se conversava com ella, sempre tinha alimento inesgotavel para devorar as horas, e, por mais longas que fossem, pareciam-lhe sempre breves.

Se vinha para sua casa, sempre havia um esquecimento, sempre um não sei quê o fazia retroceder á presença da bella Aspasia; de maneira que, no dizer de alguns biographos, era já tão conhecida a predilecção de Socrates pela casa de Aspasia, que seus discipulos o não procuravam noutra parte quando desejavam falar-lhe.

Ao referirmos isto, porém, não se pense que partilhemos da opinião d'aquelles escriptores, que ennegrecem e envenenam atrozmente estas affectuosas e intimas relações, confundindo-as com as da mais torpe sensualidade.

Não. Em nosso fragil sentir todos estes sympathicos entretenimentos esvoaçavam pela esphera ideal, onde brincam sem distincção de sexo as almas que têm na frente a realza do genio e no coração a simplicidade dos anjos.

Concedo mesmo que houvesse amor; mas que amor? amor casto e simples, como o que radia no niveo seio das Graças, — descuidoso e franco, como o riso perfumado da infancia. Era este amor sublime, que adejava entre aquelles corações; amor, que as almas rasteiras e corrompidas desconhecem e são incapazes de comprehender, porque a sua grosseira epiderme segrega-os de respirar tão divino perfume.

Bem sei que os fanaticos adoradores da fôrma, os que exclusivamente se prostram aos pés da materia e se embriagam das sensações impuras e deshonestas, acham isto impossivel, e sorriem em tom desdenhoso, com ares de superior alcance, taxando de simples, e não sei de que mais, aos que sustentam e afagam amorosamente tão divinos sentimentos.

Coitados! elles têm razão, porque almas de corvo só podem ver e devorar putridos cadaveres, em quanto as aguias medem com ar sereno a vastidão do espaço e respiram os effluvios d'uma atmospheria celestial.

Não me admiro, pois, de que Socrates fosse irresistivelmente attrahido para a casa de Aspasia, como Cicero o era pela nobre romana Coerellia<sup>1</sup>, e se extiasse de a ouvir, contemplando-a tão longas horas; porque uma mulher, d'um espirito tão superior, radiante de tantas graças, não podia deixar de inspirar uma doce volúpia, uma attracção indefinivel a uma alma tão luminosa, tão sedenta do bello e tão artistica, como era a d'aquelle portentoso espirito, da sabia e virtuosa victima da cicuta.

<sup>1</sup> Coerellia era uma das mulheres mais instruidas de Roma, no tempo de Cicero, e que entregava-se ao estudo da philosophia. Cicero teve com ella uma correspondencia muito intima. Lamenta-se a perda d'essa correspondencia epistolar, que devia ser um thesouro de pensamentos nobres.



É preciso lembrar que a glorificação do bello ideal era um hymno constante que se desprendia dos labios d'estes augustos levitas do pensamento em honra da Divindade.

O bello, baixando á terra nas azas douradas da borboleta e a peregrinar entre flores, ou occultando-se na fórma graciosa e deslumbrante d'uma Aspasia, ou fluctuando nos espaços luminosos, onde reina o impalpavel e o inapercebido pelos sentidos, mais crystallino, fulgurante e puro aos olhos da razão, era uma volúpia celeste, que devorava os gregos. Seu espirito era percebido sempre por uns doces clarões, precursores celestes, que pareciam apontar-lhes além o que não tem fim, o que sempre dá, e não se esgota,—os ineffaveis gosos dos Elysios.

Sonhos sublimes! Dourados prismas, através dos quaes essas almas puras subiam tão alto! Aguias divinas: possa eu um dia, ao menos, ver com meus proprios olhos os pincaros luminosos, onde tantas vezes pousastes vossos pés, já que me não é dado seguir-vos na immensidade de vossos divinos vôos!... Ah! possa eu, ao menos, ainda dizer: Eis aqui o logar onde andou Socrates; eis alli onde voou Platão!...

Aspasia estava no auge do esplendor; seu espirito animava tudo, desde as regiões mais fulgidas da sciencia até ás cupulas douradas das bellas lettras e artes.

De repente um inesperado acontecimento veio lançal-a em profundo lucto.

A peste, que grassava em Athenas, veio arrebatallhe o seu illustre esposo, Pericles, que foi victima d'este

invisível mal pelo terceiro anno da guerra do Peloponeso, depois de lhe haver já arrebatado dos braços o unico filho, o unico herdeiro que tinha de seus bens e gloria.

Sua dor devia ser immensa pela perda d'aquelle grande genio, que havia sido seu discipulo<sup>1</sup>, seu esposo e o mais leal de seus amigos.

A perda d'este homem illustre foi irreparavel para toda a Grecia, pois ninguem mais achou o segredo de poder conter a volubilidade d'aquelle povo, a par da prosperidade e da gloria nacional.

Alguns annos depois da morte de Pericles, referem quasi todos os biographos que Aspasia passara a segundas nupcias com um homem de baixa esphera, chamado Lysicles, parecendo ter-se esquecido do immortal Pericles<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Diz-se que Aspasia dera lições de eloquencia e de politica a Pericles, em que ella era admiravelmente versada.

<sup>2</sup> Contra a veracidade d'este facto ha sérias objecções, que não são facéis de destruir. Com effeito, segundo a opinião do erudito Dominique Ricard, eximio traductor das vidas dos homens illustres de Plutarcho, só se conhecem dois Lysicles, que representaram um papel de alguma importancia em Athenas. O primeiro foi enviado com doze vasos a fim de reunir o dinheiro que era preciso para continuar a guerra contra Mitylene, e que foi morto nesta expedição pelos Carios; mas este não póde ser o Lysicles de que falla Eschines, pois fallecera um anno depois da morte de Pericles: num tão curto espaço de tempo não tinha Aspasia tempo para o levantar de tão profunda obscuridade, como se diz, e fazel-o subir aos mais altos cargos da republica.

O segundo Lysicles foi aquelle que os Athenienses fizeram morrer, por ter sido a principal causa do desastre de Choronea, como assevera Diodoro da Sicilia na sua historia; mas este Lysicles tambem não póde ser o de que tracta Plutarcho, pois para isso, era necessario que Aspasia tivesse o privilegio de viver mais de um seculo, porque a batalha de Choronea só se deu 90 annos depois da morte de Pericles.

Em presença d'este argumento não ha razões para suppor que isto fosse algum d'aquelles gracejos que os auctores comicos de

Depois da morte de Pericles ella continuou a gosar sempre da mais alta consideração em Athenas, sendo consultada nos problemas mais difficeis pelos mais altos personagens politicos.

Morreu numa idade muito avançada.

Seu majestoso busto foi encontrado ha poucos annos em Civita-Vecchia, tão celebre hoje pelas invasões garibaldinas, e foi tomar o devido logar na galeria do Vaticano a par das celebridades, que alli representam a antiguidade grega.

De seus escriptos, a antiguidade legou-nos apenas um primoroso discurso, que vem no *Menexenes* de Platão, o qual, segundo o declara Socrates a Menéxenes, elle proprio ouvira recitar, de vespera, da bocca de Aspasia em honra dos gregos mortos pela defesa da patria.

Segundo Cicero, os Athenienses ficaram tão encantados da belleza d'este panegyrico, que o faziam recitar publicamente todos os annos, e que este uso ainda subsistia no seu tempo.

Para que melhor se possa avaliar esta reliquia primorosa da antiguidade, aqui traduzimos a ultima parte<sup>1</sup>.

— Aspasia começa neste discurso por louvar os dons maravilhosos de que Athenas e a Grecia inteira era dotada pela magnificencia de sua rica e variada natureza; depois passa a historiar os gloriosos feitos praticados pelos grandes homens da republica, desde o começo das guerras Persicas, mostrando-nos, por assim dizer, os trophéos brilhantes de Marathona, de Salamina, e Platéa, com todo o esplendor e enthusiasmo de que era

Athenas tanto costumavam a ativar ás fronteiras das celebridades que se perdiam pelo azul da gloria?... (Vid. *Les vies des hommes illustres*, par Plutarque, t. 1.<sup>o</sup>, pag. 252, par Ricard).

<sup>1</sup> Vid. *Oeuvres de Platão*, traduzidas por Victor Cousin. *Menexenes ou l'oraison funèbre*, t. 4.<sup>o</sup>

capaz aquella bocca eloquentissima; considera em seguida quanto a educação moral e as boas instituições politicas concorrem efficazmente para formar um bom cidadão; após estas sublimes considerações, eleva-se nas azas dos mais patrioticos sentimentos ás regiões do bello, da justiça e da virtude; e, depois de ter despertado o valor e os mais nobres sentimentos da patria, com o esplendor vivissimo da sua palavra, Aspasia, por um d'estes movimentos arrojados, que a eloquencia inspira nos assumptos monumentaes, lança mão da varinha magica da prosopopéa e com ella abre os tumulos, levanta os mantos de marmore que cobrem os pallidos semblantes de seus antepassados, e, fingindo falar pela bocca d'elles, eis como se dirige aos seus descendentes, os Athenienses:

«Meus filhos, as vossas victorias presentes fazem reviver o nosso valor passado.

Nós poderíamos ter vivido sem honra; mas preferimos antes morrer com gloria do que empallidecer de vergonha os nossos antepassados e aviltar a nossa posteridade; pois estamos persuadidos que um homem que deshonra os seus—não merece mais viver, porque já não pode encontrar amigos, nem sobre a face da terra, entre os homens, nem, após a morte, entre os deoses.

Recordae-vos, pois, dos preceitos que vos temos legado sobre a terra; fazei com que todas as acções da vossa vida sejam guiadas pelo facho luminoso da virtude; lembrae-vos que, sem ella, tudo o que se posue, tudo o que se practica, é ennegrecido pelo carvão do vicio, e evaporado pelos ares da deshonra.

As riquezas não podem honrar a um homem indolente, a um homem que deve tudo a outrem, e que não é, por assim dizer, mais do que um vil conductor dos bens alheios.

A belleza e força não podem também ser, para uma alma fraca e viciosa, mais do que ornamentos indecorosos, que, pelo seu contraste, só fazem pôr mais em relevo a sua negra e torpe fealdade.

A sciencia, a propria sciencia, quando anda desquitada da justiça e de outros elementos, que constituem a virtude, só pôde cahir numa artificiosa subtilidade, podendo ser tudo — menos a sabedoria.

Esforçae-vos, pois, constantemente, meus filhos, empregae toda a extensão de vossas forças intellectuaes para vos elevardes acima de nós e de nossos antepassados.

Se nós, por acaso, ficassemos acima de vós, — tal victoria nos faria corar; pelo contrario, se nos excederdes, muito vos applaudiremos com isso; e vós podeis exceder-nos facilmente se, longe de baixar da ordem em que vos temos collocado, vos servirdes d'ella como de um ponto de apoio para subirdes com ardor ás mais altas e esplendorosas regiões da virtude.

Que vergonha não deve ser a d'aquelle que só é, ou julga ser alguma coisa pelo que foram os seus antepassados!

Com quanto a honra dos antepassados seja para a posteridade um magnifico thesouro, não podemos todavia consumir esse thesouro sem deixarmos alguma coisa aos nossos descendentes, como não podemos consumir o das riquezas, sem lhes addicionarmos novas; fazer o contrario seria, além d'uma vergonhosa dissipação, uma incuria imperdoavel, que uma alma nobre jámais deve practicar.»

Este trecho basta para nos dar idéa do tom sublime e da nobre simplicidade, que animávam os labios das grandes almas gregas.

Esta pequena reliquia basta para nos dar a razão

por que se diz que Pericles não desdenhava de recitar em publico os mais bellos panegyricos compostos por Aspasia; e nos explica tambem por que Athenas e a Grecia inteira se pendia toda abysmada a contemplar a radiante figura d'esta mulher phenomenal, que soube conquistar a consideração e a estima de seus contemporaneos, a veneração d'um Socrates, a sublime adoração d'um Pericles e a eterna memoria da posteridade.

Ella foi o que M.<sup>me</sup> Rambouillet e Maintenon foram no reinado de Luiz XIV, o que Staël foi no seu des-terro sob o imperio de Napoleão I, e o que outras illustres mulheres têm sido em diferentes paizes: focos luminosos, focos de attracção para onde convergem os mais bellos talentos, onde se inspiram os maiores genios, d'onde saem os mais esplendidos fochos para illuminar não só uma época, mas a mais remota posteridade.

Aspasia pertence á aristocracia d'estes genios feminis, que se elevam de frente radiante na cumiada dos seculos, não só pela sua belleza, como pela mais alta e esplendorosa flamma do genio.

Ella parece zombar do tempo, e, radiante de immortalidade, dizer ao seu brilhante sexo: Sahi da obscuridade, levantae-vos do fundo inerte do gynecéo, ó filhas de Eva; e, se quereis provar que Deus vos não fez só o primor das graças, mas o mais bello diamante da intelligencia para adornar o banquete da civilisação, que a luz da instrucção é como o sol que Deos enviara á terra para aquecer a frente de todos, para dar brilho á rosa, alvura ao jasmim, perfume ao lyrio, robustez e majestade ao cedro:

Vinde, mulheres sublimes, vinde, que nós estaremos comvosco, e a posteridade com todas nós.



PHRYNÉ





## PHRYNÉ<sup>1</sup>

---

A Grecia, este riso perpetuo da mais esplendida juventude; este jardim seductor da belleza; este augusto templo erguido ás graças; esta grinalda immortal, graciosamente tecida pelas niveas e perfumadas rosas do Helicon; este eden deslumbrante, onde os proprios deoses vinham enebriar-se da mais etherea volúpia; este paraizo, que tantas vezes fizera o proprio Jupiter abandonar a sua cõrte olympica, para vir oscular a face purpurina d'uma Leda; esta terra, que legara á posteridade poetas como Homero e Pindaro, historiadores como Herodoto e Xenofonte, philosophos como Socrates e Platão, oradores como Demosthenes e Eschines, tragicos como Euripides e Sophocles, um medico como Hippocrates, um legislador como Solon, um patriota como Themistocles, um politico como Pericles, um architecto como Phidias, um pintor como Apelles, um esculptor como Praxitelles, — esta terra, onde o homem se tor-

<sup>1</sup> O seu primitivo nome era Mnesarite; o pallor que lhe inundava o formoso rosto lhe fez conquistar depois o de Phryné.

Os oradores gregos, segundo Apollodoro, chamavam-na See-thron, e os poetas Carybde, alludindo á sua insaciavel avareza. Vid. *Fêtes et Courtisanes de la Grèce*, seconde édition, t. 4.º

nara um heroe, o genio um semi-deos, a liberdade um prodigio, o pensamento uma maravilha, o amor uma divindade, a belleza uma immortalidade: é a mesma terra que produzira Phryné, maravilha incomparavel no mundo da belleza grega.

Vejamos onde nascera, e narremos-lhe a scintillante vida.

Phryné era natural de Thespies <sup>1</sup>, cidade da Beocia, celebre pelos seus bellos e numerosos templos, entre os quaes sobresahia o de Hercules, o semi-deos pagão.

Ella era consagrada ás Musas.

Seus arrabaldes eram magnificos e risonhos.

Mui proximo levantava-se-lhe o majestoso Helicon, onde as Musas faziam resoar seus cantos divinos através dos seus odorificos e sagrados bosques.

É d'alli que jorravam, em crystallinas ondas, o pequeno rio Permesse e a fonte de Hippocréne, onde Apollo costumava passar montado no seu fegoso Pégaso, e os poetas antigos iam beber suas ethereas inspirações.

É d'alli que nascia tambem a fonte que revelara a formosura do mythico Narciso, que morrera abismado entre os fulgores da sua propria belleza para ter o gosto de resuscitar entre os inebriantes perfumes d'uma flor.

É para alli que annualmente se dirigiam os Thespianos em pomposa romaria, a fim de celebrarem sumptuosas festas em honra das Musas, do Amor, e distribuir ao mesmo tempo premios aos cidadãos, que se haviam distinguido por algum feito physico, moral ou intellectual.

<sup>1</sup> Chama-se hoje Neocorio ou Erimo — CASTRO.

Phryné descendia d'uma familia modestissima.

Bem cedo vira-se orphã de pae e mãe <sup>1</sup>.

A pobreza em que vivia obrigou-a a transpor o horizonte de sua terra natal, onde apenas subsistia pelo mesquinho commercio de alguns fructos.

O lago azul da sua terra revelara-lhe um dia a esplendida formosura, que havia de conduzil-a ao apogeo das riquezas e da celebridade.

A belleza, verdadeiro thesouro em toda a Grecia, em Athenas era mais alguma cousa — era a immortalidade.

Para alli partira na flor da vida e da belleza <sup>2</sup>.

Athenas recebeu-a jubilosa, e em breve seu nome adejou de bocca em bocca por toda a flor da aristocracia grega.

Em breve os poetas, estes levitas do bello, accorrem, cheios de enthusiasmo, a embalsamar-lhe o nome em suas estrophes amorosas, os pintores a exprimir-lhe a doçura do olhar nas suas telas de ouro, os esculptores a representar-lhe a belleza das fórmas nos seus marmores eternos: todos emfim, que rendiam culto ao bello, lhe foram depôr grinaldas na fronte e flores no regaço.

Antes de passarmos adeante, vejamos as circumstancias que deviam concorrer para lançar Phryné nos braços da fama e da prosperidade.

---

O povo Atheniense era d'um character essencialmente curioso. A novidade era quotidianamente o seu delicioso alimento.

<sup>1</sup> Apenas se sabe que seu pae se chamava Epicles.

<sup>2</sup> Pelos annos 335 antes de Christo é o calculo mais provavel.

Dotado das mais ricas e variadas faculdades intellectuaes, com uma sensibilidade de Sapho, com a imaginação d'um Phaetonte, com o capricho d'uma Venus, com a volubilidade d'um Alcibiades, com a superstição d'um Turco, elle representa ou symbolisa o que a natureza humana tem de mais elevado no espirito e de mais repugnante no corpo: o sublime e o baixo; o gracioso e o burlesco: ao lado dos Elysios o Tartaro; ao lado do templo de Minerva, Baccho ou Priapo; ao lado do Pryatanêo o ostracismo.

Elle é a mais brilhante manifestação da grandeza humana, quando guiado pelo facho divino da razão, da virtude e do gosto; a sua decadencia, quando se deixa seduzir pelo monstro do capricho, da corrupção e da grosseria.

Á parte, porém, este lado negro, este quadro escuro, que se revela em toda a natureza humana, os Athenienses estavam acima de todos os povos pelas suas luzes e pela sublime adoração que rendiam a tudo quanto era bello, adoração que a sua natureza, as suas leis e a sua imponente religião favoreciam admiravelmente.

Para a realisação das mais pequenas cousas é necessaria uma certa ordem de condições.

Com effeito, onde existem lagos, apparecem de ordinario os cysnes; aonde se estendem campinas, brotam flores; onde abundam flores, esvoaçam abelhas; onde zumbem abelhas, distilla-se e corre em dulcissimas ondas o mais perfumado mel.

É aqui pois, nesta bella Grecia, nesta terra privilegiada, que devia despontar, em majestosa ascensão, a arte esculptural, porque se dava uma condição essencial para ella e para todas as artes poderem desprender suas azas luminosas ao infinito — era a liberdade.

É pelo abraço d'esta formosa virgem que a Grecia subiu até ás cumiadas azues do Olympo, e ainda hoje lança d'alli seu olhar de Jupiter para essa vasta região, aonde o homem beija serpentinamente o pó da terra, adora extatico o monstruoso crocodilo, crê largar no Ganges a immunda corrupção, e, sem força nem energia para separar-se do seu tenebroso pantheismo, reduz a arte ao tosco symbolo, a razão á fatalidade e a consciencia a zero.

É pelo abraço d'esta radiante filha do Eterno que os Gregos tomaram assento no sanctuario da consciencia universal, se elevaram á categoria que mais honra a personalidade humana, o ser livre; levantaram columnas de marmore ao direito, templos de ouro á sabedoria, altares á belleza, louros ao genio, eternos pantheons á arte.

Além d'esta condição moral, subjectiva, geradora do direito e do dever, fonte do merito e do demerito, escudo sublime, que póde conduzir o homem ao azul da immortalidade ou fazel-o descer ao abysmo da degradação pelo abuso, havia outra, essencialmente physica, local, objectiva: era a abundancia do marmore pentelico, que os deoses pareciam ter mandado espalhar prodigiosamente em toda a Attica, para que o artista não tivesse o trabalho senão de lançar mão do cinzel, rasgar-lhe o niveo seio, e deixar-lhe impressa a belleza, a graça, o gesto e a harmoniosa attitude da fôrma humana ou a majestosa serenidade dos deoses.

Num paiz, onde era preciso esculpturar as proprias divindades, a arte não podia deixar de soltar seu vôo de archanjo e attingir o seu ideal.

O amor do bello, sob as mais variadas e radiantes fôrmas, era um dos sentimentos supremos, que dominava o delicado organismo d'este privilegiado povo.

Phryné, vindo para Athenas, não podia pois escolher um melhor juiz e apreciador de suas graças.

Athenas era um templo sempre aberto para receber todas as ordens de bellezas; Phryné podia entrar, tomar o seu altar, que os devotos não tardariam em vir ajoelhar e abysmarem-se ante os resplendores de sua formosura.

A mulher, então, tinha duas estradas a seguir: uma ia direita ao gyneceo, onde encontrava um esposo que lhe lançava o véo do isolamento sobre o rosto, para não ver mais o mundo, para não sahir a publico senão quando fosse mãe de muitos filhos<sup>1</sup>; a outra ia conduzil-a á liberdade, á luz, ás academias, como as Lasthanias, ás officinas dos artistas, a todos os espectaculos, festas e divertimentos publicos, á celebridade, emfim.

No primeiro caso, era mulher, simples mulher, que tinha por fim criar filhos e dar bons cidadãos á republica; no segundo podia ser um anjo, demonio, ou uma radiante divindade, protectora ou inspiradora das bellas letras e artes.

Os costumes athenienses não permittiam que uma mulher podesse comparecer nos divertimentos e festas publicas, nas academias, nem nas officinas artisticas, sem que a brisa da impureza lhe bafejasse a fronte.

A liberdade e a gloria só podiam ser conquistadas á custa da deshonna.

Era um prejuizo que marchava a par de muitos outros, que se haviam inoculado no cerebro d'aquelle grande povo, e que só os espiritos gigantes podiam arrostar e vencer.

<sup>1</sup> Vid. *L'histoire de l'art chez les anciens*, par Winckelmann.

Entre estas mulheres, que se denominavam — livres, havia tres ordens: na primeira sentavam-se as mulheres sublimes, ardentes sacerdotisas do bello, da luz, que se embalam ao som das mais suaves harmonias da terra, sem descurar, sem perder de vista o sonho dourado da immortalidade. Nesta ordem sentavam-se, em thronos de ouro, as Saphos e as Aspasia.

Na segunda ordem fulguravam orgulhosamente as favoritas dos reis, dos principes e potentados de ouro: eram d'essa ordem as Miltos, as Thais e as Rhodopes.

Na terceira resvalavam essas miserias Magdalenas de todos os tempos, essas desgraçadas, que o furacão da necessidade, da ignorancia e da corrupção lança ao abysmo do tremedal, que faz corar a fronte de todas as almas castas.

Phryné tomava assento entre as primeiras e as segundas.

Ella dirigia-se ao templo da celebridade sob os melhores auspicios.

Encontrava em Athenas um povo culto, jovial, curioso, fanatico adorador do bello; encontrava academias para ouvir, como as Lasthenias, prelecções sobre a belleza, sobre o sublime, sobre todos os assumptos que podiam interessar a alma humana, Deos e a natureza; encontrava pintores como Apelles, esculptores como Praxitelles, oradores como Hyperides: que lhe faltava?

A immortalidade?

Tambem ia encontral-a.

Vejamos como.

---

Quando Phryné chegou a Athenas, já não existia Pe-

ricles, nem Socrates, nem Platão, nem Phidias, nem Polycleto, nem Polygnoto, nem o caprichoso Alcibiades; mas vivia ainda um Praxitelles, um Apelles, um Aristoteles e um Hyperides; existia a cõrte esplendida da mais bella mocidade do mundo; existia a cõrte entusiastica da belleza e do luxo, que se compunha não só dos mais opulentos Athenienses, mas dos mais galantes principes e ricos estrangeiros, que de todas as partes vinham render seu culto á rainha das luzes e dos prazeres.

No meio, porém, d'este grupo brilhante de adoradores, que quotidianamente se acercavam de Phryné para depôr-lhe no regaço setinoso suas riquezas, seus amores, suas dedicações, e muitas vezes o mais esplendido futuro, nenhum de preferencia captivava a sua attenção.

Phryné olhava com desconfiança para todas essas demonstrações lisongeiras, para todos esses ramalhetes de flores, que a fanatica adoração lhe vinha lançar aos pés, rescendentes de impuras lisonjas.

Sahida ha pouco da pobreza, seu alvo era accumular riquezas, reunir thesouros, em troca d'um languido olhar, d'um doce gesto, ou d'um meigo sorriso.

Seu coração pulsava ardentemente, mas ao rhythmo sonoro das drachmas gregas.

Seu amante, no presente, chamava-se — Ouro; no futuro talvez se viesse a chamar Praxitelles ou Hyperides; mas o futuro é nuvem muito densa para os que se engolpham nas horas momentaneas.

Ella não pensava ainda na gloria, nem na immortalidade.

Embriagada dos perfumes das rosas do Pireo, não sonhava nas delicias dos Elysios.



A seiva exuberante da vida corporea não lhe deixava entrever as volúpias celestiaes.

Estava no seu periodo carnavalesco: reinava o capricho, que é a cega divindade da materia.

No emtanto a roda da vida gyra veloz, e da manhã se chega em breve á tarde, e da tarde á densa noite.

Em quanto a estrella Venus descreve sua voluptuosa curva sobre o azul dos céos, quantas Phrynés não cáem no abysmo do esquecimento!...

Esta reflexão perpassou talvez pela fronte de Phryné.

O corpo cança, sacia-se, pende e resvala para a inercia, que é o seu mundo: só o espirito se eleva aos astros, abre suas azas luminosas e procura com inexprimivel avidéz o seio do infinito.

Phryné havia passado uma noite dos mais bellos sonhos; sua fronte cingira-se das perfumadas rosas do mimoso Anacreonte; todas as volúpias da terra pareciam ter adejado pelo seu leito de ouro e purpura; as magicas luzes, os suaves perfumes, os inebriantes licores, que o Oriente confeccionava e Athenas recebia com a avidéz d'uma Bacchante, passaram por aquelles labios sequiosos.

Amanhecera o dia. Ella devia estar satisfeita, porque tinha ricos thesouros, prodigos amantes; tinha a Grecia inteira ajoelhada e a beijar-lhe, com a faminta voluptuosidade d'um D. Juan, as fimbrias douradas da sua tunica.

Engano!

Um tedio mortal se lhe enroscava na alma como um verme num bello fructo, quando a primavera está em vespervas de se lançar com todo o esplendor de suas galas nos braços amorosos do mais ardente e vaporoso estio.

Nesse dia Phryné sentira uma nuvem subtil perpassar-lhe pela limpida e graciosa fronte.

Deu ordem para não receber ninguem. Vaga tristeza lhe inundava a alma.

Se naquelle momento algum Aristippo lhe perguntasse: que tens, bella Phryné? ella não saberia dizel-o.

No emtanto a resposta era facil. Phryné gozava, mas como goza a machina: gozava, mas não amava; e o amor é o astro da vida, o amor é o foco luminoso para onde convergem todas as nossas sensações, todos os nossos sentimentos, todas as nossas idéas, todos os nossos pensamentos em voluptuosa ascensão para o céu da felicidade: sem elle todas as flores da vida estiolam, murcham e pendem como as plantas, que não apanham um raio de sol.

Phryné presentiu que as riquezas só não bastam para chegar á felicidade: era preciso mais alguma cousa, era preciso sentir um raio d'amor, sonhar na gloria e entrever ao longe esse céu que não tem nuvens, nem despede trovoadas.

Ella lembrou-se talvez da formosá Rhodope e de sua immortal pyramide, que ainda hoje fere o orgulho dos Pharaós; lembrou-se talvez de Laïs e do cinzel de Scopas<sup>1</sup>, que a immortalisara.

Nisto a tarde cáe com toda a sua melancolica serenidade sobre as cumiadas do cabo Sunio, e abandona

<sup>1</sup> Scopas, mimoso esculptor grego, nascido em Paros pelos annos 460 antes de Christo (segundo Debay foi pelos annos 421). Elle foi o esculptor das Graças. Athenas, Corintho, Epheso, Delphos, etc., enriqueceram-se de seus primores. O seu maior primor esculptural foi Aphrodita núa, ou Venus Eucharita ou graciosa, para a qual Laïs de Corintho lhe servira de modelo.

pouco a pouco a majestosa attitude do Parthenon e a irrequieta volubilidade do Pnyx.<sup>1</sup>

Em quanto o negociante dirige seus passos para o Pireo, para ver chegar a vela amiga, e procura boas novas mercantis, os amantes da volúpia encaminham-se para o Ceramico em busca d'um amoroso olhar.

Phryné sente necessidade de dissipar os tediosos vapores que se lhe condensavam na alma, aos raios d'um esplendido e amoroso sol.

Ella sae da sua magnifica habitação para o Ceramico.

Seu olhar naquelle dia não era o olhar galante e magnetico da rainha da belleza. Havia nelle alguma cousa de sombrio e melancolico. Dir-se-ia a estrella Venus obumbrada, no mais alto ponto do céu, por errante e caprichosa nuvem. Seus adoradores, ao vel-a, interrogam-se reciprocamente com olhares da mais surpreendente admiração, mas debalde interrogam a Esphinge.

No emtanto Phryné esquivã-se dos olhares curiosos, e resvala subtilmente através das sombras dos verdes platanos.

Depois de algumas voltas caprichosas, olhando a esmo em volta de tudo que a cercava, senta-se num dos bancos do jardim, apoia sua pallida fronte numa das graciosas mãos, e deixa a phantasia esvoaçar pelos espaços.

Alguns momentos depois, um vulto sonhador e sympathico perpassa de olhar errante, como quem procura alguma cousa que presentiu na terra, e vê irresistivelmente escapar-se-lhe para o céu.

Phryné, até alli indifferente a todos os olhares, que procuravam cevar-se em sua belleza, volta-se involun-

<sup>1</sup> Pnyx era assim chamado o logar onde se reunia o povo athe-niense para ouvir os grandes oradores, como Demosthenes e Hyperides.

tariamente ao approximar d'aquelle vulto, e depara com o olhar ardente d'um joven de esplendida apparencia, estremece e sente um não sei quê perpassar-lhe as veias e lançal-a entre as ondas da mais amorosa ternura.

O objecto d'esta agradável e mysteriosa sensação, escusado é dizel-o, era o predestinado Praxitelles.<sup>1</sup>

O famoso artista, que ha muito procurava no céu da arte a belleza d'uma estrella conforme o seu ideal, para revelal-a á terra sob o seu gracioso cinzel, parece encontral-a a final em Phryné, deslumbrante ramalhete da natureza, atirado á terra num voluptuoso dia em que os deoses do Olympo celebravam suas ethereas nupcias.

Foi um dia de radiante surpresa para o artista e de suprema volúpia para Phryné.

Foi um dia de amoroso enlevo para ella e de fulgida immortalidade para ambos.

O soberano artista julgava-se presa d'um sonho: tal era o primoroso conjuncto d'aquelle gracioso corpo, onde o esplendor da belleza plastica se impunha ao lado da mais pura elegancia e da mais suave harmonia!

Phryné tinha no rosto a pallidez do marmore do Hymetto<sup>2</sup> quando cae sob o cinzel do artista grego.

Dar uma idéa do reflexo divino, que animava então o seu olhar, desenhar a graciosa oval do seu rosto, exprimir o seu riso de cherubim, os seus labios de rosa; apontar o seu collo de cysne, o seu voluptuoso seio, a

<sup>1</sup> Praxitelles floresceu em Athenas pelos annos 330 antes de Christo. Era um esculptor mimoso e delicado, que fazia realçar as suas obras pela naturalidade e suave expressão dos mais ternos sentimentos. Elle foi, depois de Phidias, o mais primoroso esculptor grego.

<sup>2</sup> O marmore do Hymetto, com quanto fosse alvo, tinha a singularidade de se tornar pallido quando o artista o desbastava.

cintura de palmeira indiana; seria querer mutilar barbaramente o maior prodigio de esculptura grega, seria querer profanar a Venus de Gnido.... Quem a não viu não pôde fazer idéa. É uma maravilha artistica, que o proprio genio não poderia reproduzir duas vezes, sem se perturbar e deixar, num vertiginoso deslumbramento, cahir o seu cinzel.

Praxitelles desde aquelle momento apaixonara-se pela formosa thespiana, e, aproximando-se-lhe disse, tomando-lhe uma das mãos: — «Phryné, tu és o ideal da belleza que eu ha muito procuro através d'este procelloso mar de fealdade que inunda a terra: tu és uma belleza verdadeiramente peregrina; mas lembra-te que a natureza, como o deos Saturno, costuma lançar maravilhas de manhã, para ter o gosto de devoral-as á tarde.

O prodigio da manhã faz-se monstro á tarde, não chega á noite.

A rosa de abril não passa a maio.

Queres que o lyrio da tua formosura vice todas as manhãs, floresça todas as tardes, brilhe todas as noites, atravesse todas as primaveras, zombe de todos os estios, escarneça de todos os outomos, e olhe impassivel para todos os invernos?

Queres ser o sol da minha arte, a vida infinita do meu cinzel? — Levanta-te e segue-me, que a immortalidade será contigo!»

Phryné, que até alli ouvira com ineffavel prazer a voz entusiasta do eximio esculptor, e se deixara allucinar por aquelle olhar que reflectia o fogo sagrado do genio, desprende um meigo sorriso, como significando — sim; levanta-se e acompanha o grande artista até á sua officina, onde elle passar a mostrar-lhe todos os primores que haviam sahido do seu magnifico cinzel, como

o satyro, e lhe fez admirar as mais bellas estatuas dos famosos esculptores, Phidias, Anaxogoras, Socrates de Thebas, Polycleto, Gorgias, e outros artistas celebres.

Revelou-lhe depois os projectos que tinha em vista sobre algumas das suas futuras composições artisticas, e desde então se estreitaram entre ambos os mais intimos laços de amor e sympathia.

As frequentes visitas, porém, que reciprocamente faziam estas duas celebridades, tornaram-se visiveis, e em breve o publico atheniense foi sabedor dos amores de Praxitelles com Phryné.

No entanto Praxitelles realisa uma das suas immortaes composições — o Amor, estatua primorosa, com que mais tarde viera a brindar Phryné, e com a qual ella adornara a terra do seu nascimento, Thespies.

No auge d'estas amorosas relações aproximam-se as festas dos Eleusis <sup>1</sup>, uma das mais sumptuosas que se celebravam na Grecia.

O povo então sae em columnas cerradas da porta sagrada de Athenas, e segue a *via sacra* <sup>2</sup> que o conduzia a Eleusis.

Reinava viva animação por toda a parte; tudo canta, tudo folga.

A Grecia inteira se levanta para assistir ás festas da deosa das seáras e da abundancia.

Tudo quanto ha de grande e celebre toma o seu bastão de rômeiro e segue para Eleusis.

<sup>1</sup> Eleusis, cidade de Attica, situada a 18 kilometros de Athenas. É celebre pelo seu grandioso templo e os mysterios de Ceres que alli se celebravam. Os que desejarem saber em que consistiam estas festas e estes mysterios vejam: *Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce*, t. 3.<sup>o</sup>, pag. 65, par Barthélemy.

<sup>2</sup> Porta sagrada se chamava a porta por onde se saía de Athenas, e *via sacra* a estrada que conduzia á cidade de Eleusis.

Não ha alli um só lugar vago.

O sol que brilha então é de setembro.

Era o tempo em que as nymphas do Pireo procuravam lançar-se nos braços de Neptuno, como outr'ora as virgens de Esparta se lançavam em bellos grupos nas do Eurotas.

Foi nesta occasião que Phryné chegou tambem á praia de Eleusis, e lançou seu bello e gentil corpo no seio azul d'aquellas ondas.

Foi um espectáculo surprehendente e encantador.

Imagine o leitor uma das maravilhas da esculptura grega lançada no mar de Eleusis com a simplicidade com que a nossa curiosa Eva fora lançada por Deus no paraizo terreal.

Imagine-se aquelle gracioso corpo, ora fluctuando como um lyrio por de sobre o azul das ondas, ora movendo-se com toda a travessura d'uma bailarina italiana ou d'uma sereia da nova Australia!

Imagine-se que de evoluções doudejantes e voluptuosas, que de brincos não faria aquella gentil creatura!

Imagine-se um povo inteiro sobre as praias de Eleusis, acotovelando-se phreneticamente para mirar e remirar aquellas fórmas divinas, através da transparente e neptutina gaza!

Imagine-se que de apertões, que de acotoveladas, que de suspiros, que de ancias, que de olhares voluptuosos se não lançariam através das ondas para surprehender a ponta do mais mimoso pé, a esphericidade da mais gentil cabeça, o gracioso contorno do mais formoso seio!

Imagine-se um cysne resvalando em lago de anil, sob um céu de purpura!!...

No entanto este espectáculo não se perde, como muitos outros, na sombra d'um momento: não; através d'aquella multidão, que se prende ás margens de Eleusis para simplesmente beber pelo olhar um trago de voluptuoso enlevo, ao remirar o alabastrino seio de Phryné, ha dois artistas inspirados e amantes do bello, ha um esculptor e um pintor, que vão conduzir pelo braço á immortalidade a bella Phryné: estes artistas são — Praxitelles e Apelles<sup>1</sup>.

Foi então que Phryné inspirou a Praxitelles e lhe serviu de modelo para a assombrosa maravilha, que tem o nome de Venus de Gnido; foi então que Apelles, no momento em que Phryné saía da onda, toda cheia de gentileza, e que a Grecia inteira maravilhada bradou: «É Venus a surgir do seio dos mares;» foi então, repito, que Apelles se inspirou tambem, e compoz sob aquelle sublime modelo a sua Venus Andymina<sup>2</sup>.

Foi então que Phryné, este mimo da formosura grega, se tornou o céo do ideal, sorrindo aos olhos do artista, e lhe abriu as portas da inspiração para num amoroso arroubo realisar na pintura e na esculptura o typo eterno da belleza plastica.

<sup>1</sup> Apelles, celebre pintor de Cos, discipulo de Pamphilo, floresceu pelos annos 332 antes de Christo. Viveu na côrte de Alexandre e depois na de Ptolomeo Lago. Alexandre estimava-o tanto, que chegou a ponto de lhe ceder a sua favorita, a formosa Campaspe; e considerava o seu genio artistico de fórma que não consentia que seu retrato fosse tirado senão por elle.

<sup>2</sup> Quer dizer, Venus sahindo da onda. Este quadro, desenhado por Apelles, representa uma formosa mulher de pé, em toda a sua nudez, arqueando um pouco o joelho esquerdo, com o rosto voltado para esse lado, e occultando com a mão direita aquelle peregrino ponto, que o pejo protege, em quanto se vale da esquerda para erguer a delicada roupagem, que se acha suspensa sobre uma pequena urna de perfumes.



Sem Phryné não existiria a Venus de Gnido e a Andromina; sem Praxitelles e Apelles, Phryné não passaria á posteridade; mas sem Phryné, talvez que os artistas não fossem tão celebres.

Contraste estupendo!

Deos realisa 'na argila ephemera da humanidade o typo da belleza plastica, mas deixa-a esvair um momento depois, como um perfume pela immensidade do espaço; o homem, das profundezas do seu nada, surpreheende esse raio de belleza, escapado a furto do seio do Eterno e crystallisa-o, para assim dizer, e torna-o sensivel e palpavel, sob o marmore eterno da arte.

Sem a arte todas as peregrinas formosuras, desde o raiar esplendido da creação, teriam resvalado para o sorvedouro do nada. Sem o amoroso sorriso do artista, a belleza plastica deslumbrar-nos-ia um momento; mas depois? ah! depois, como a flor, seria arrebatada da tenra haste e lançada, á nossa vista, para o tremendo abysmo!...

Estupendo contraste!

A natureza cria, anima, mas destroe; o homem combina, reproduz, e, ao sopro do seu genio artistico, eternisa.

Qual é maior aqui: a natureza ou o genio?

Depois d'este espectaculo encantador, que tão fecundo se tornara para a arte, Phryné tornou-se um idolo da volúpia; suas encantadoras fórmãs despertaram desejos insaciaveis.

O numero de seus adoradores augmentou prodigiosamente. Entre estes apparece o celebre Euthias, advogado atheniense, homem de fortuna, bastante popular, mas d'um aspecto extremamente horripilante.

A natureza tornara-se avara para com elle, sob o ponto de vista physico.

No entanto, através d'aquelle involucro repugnante pulsava um coração sedento de volúpias, ardente, apaixonado e implacavel, quando contrariado por algum obstaculo que se oppunha aos seus intentos.

Euthias apreciava o bello, mas pelo lado puramente sensual. Era positivo como um mathematico pygmeo; tinha a sede revoltante da bacchante, e não a volúpia etherea d'um Platão.

Seu espirito resentia-se da educação calculista e interesseira que desde criança tivera.

O coração tornara-se-lhe secco e duro, completamente inacessivel aos sentimentos delicados, ternos e pundo-norosos, proprios das almas delicadas, que respiraram desde o berço os perfumes dos mais nobres e virtuosos exemplos.

Euthias achara-se tambem nas festas de Eleusis, e tivera occasião de lançar seu olhar voluptuoso pelas gentis fôrmas de Phryné. Desde então se lhe accenderam desejos vulcanicos, que só um olhar d'esta formosura podia extinguir; e teve a idéa de conquistar o coração de Phryné, consultando apenas a sua bolça, sem se lembrar da sua fealdade.

Phryné, porem, quando viu este novo Plutão, horrorisara-se e dera-lhe uma gargalhada em resposta ás suas aspirações.

Debalde foram todos os meios astuciosos, de que se servira Euthias para obter sequer um meigo riso; debalde appellou para as suas riquezas; pois riquezas thesouros tinha Phryné.

Despeitado por esta repulsa, ferido no seu orgulho, rebaixado aos olhos da sua ardente paixão, que o consumia e devorava noite e dia, Euthias jurou vingar-se, e vingar-se d'uma maneira cruel.

O crime de irrelição, como já fizemos conhecer ao tractar da vida de Aspasia, era um crime de morte entre os gregos.

Os Athenienses, com quanto civilizados, eram neste ponto supersticiosos em extremo.

As celebridades mais sympathicas e populares, logo que fossem accusadas d'este crime, ficavam perdidas na opinião publica; e a espada de Damocles cahia logo sobre a desgraçada cabeça que fosse apontada de tal impiedade para com os deoses.

Anaxagoras, Socrates, Alcibiades e Aspasia conheceram esta triste verdade.

Euthias lembrara-se, pois, d'este miseravel recurso; com o fito, a principio, de intimidar Phryné e ver se assim obtinha algum gesto complacente da bella sacerdotisa de Venus.

Engano.

Phryné sentia secreta aversão por este homem; o seu horrendo exterior obrigava-a invencivelmente a repellil-o da sua presença, sem ainda conhecer a fealdade da sua alma, que então, por este vil procedimento, se revelava d'uma hediondez inexcedivel; hediondez que de certo excedia a do seu corpo.

Euthias conduziu pois Phryné ao tribunal dos Heliastas; <sup>1</sup> accusando-a de introduzir um deos novo <sup>2</sup> e formar thiasas <sup>3</sup> illicitas de homens e mulheres, augmen-

<sup>1</sup> Este tribunal era um dos principaes de Athenas, que se compunha, de ordinario, de quinhentos membros; mas podia subir a mil, dois mil e até seis mil, conforme a importancia da causa e do delicto. Decidia das causas de impiedade.

<sup>2</sup> Segundo M. Sauppe, citado por Lonvet, este deos novo era o Isodaetes, adorado pelas mulheres d'uma virtude pouco austera: era talvez o deos orgiaco, como o suppõe Plutarcho.

<sup>3</sup> Thiasas eram sociedades que se reuniam em Athenas, em certos dias fixos, com auctorisação legal, para offerecerem um sacrificio a uma divindade e darem um repasto commum.

tando assim a corrupção d'uma maneira fatal para a sociedade grega.

Era pois uma accusação sèria, e que de certo teria conduzido Phrynè á morte, se o orador Hyperides, que a adorava em extremo, lhe não tivesse offerecido os seus recursos oratorios.

Em presença d'aquelle tribunal, procurou Hyperides refutar as accusações de Euthias; porém, no meio dos seus arrojós oratorios, vendo que os juizes se não commoviam, estava já a ponto de desesperar, quando se lembrou d'um maravilhoso recurso, — foi chamar Phrynè; e, rasgando o setinoso vestido, que lhe occultava as bellas fórmas, disse: «Eil-a, juizes: condemnae-a agora á morte; se ousaes, condemnae-a; mas lembrae-vos que ides condemnar a mais bella e radiante sacerdotisa de Venus.»

Os juizes, em presença d'aquella deslumbrante maravilha, curvaram a cabeça, deixaram cahir a penna, que estava para ferir de morte a maior formosura de Athenas, e, receiando a vingança da deosa dos amores, lançaram immediatamente sobre a graciosa frente de Phrynè a desejada absolvição <sup>1</sup>.

Esta perseguição de Euthias augmentou a celebridade de Phrynè, que d'ahi em diante ainda mais occultou seus irresistiveis encantos, apparecendo só em

<sup>1</sup> Segundo a opinião de Quintiliano, Sexto Empiricus, Alciphron e outros, citados por Mr. Lonvet, julgando Phrynè, impotente a eloquencia de Hyperides, e já proxima a ser condemnada á morte, rasgara a sua tunica, abria seu formoso seio e lançou-se de joelhos aos pés dos juizes; e estes, em presença de tão surprehendente attitude, lançaram-lhe logo o osculo da absolvição.

algumas festas e divertimentos de primeira ordem. D'ahi em diante, ella concedia seus olhares apenas a uma ou outra celebridade nacional ou estrangeira, que, arrastada pela fama da sua belleza, procurava visital-a.

Seus thesouros eram tão opulentos, que chegara a offerecer-se para reedificar Thebas, exigindo apenas uma pedra com a seguinte inscripção: «Destruida por Alexandre e reconstruida por Phryné.»

A offerta não foi acceita, mas Phryné nem por isso deixou de passar á posteridade. O que não poderam obter as suas riquezas, obteve-o o amor de Praxitelles e o genio de Apelles.

É que o amor é a fonte de todas as maravilhas, de todas as grandes creações e de todas as immortalidades. Sem elle, Deus não tivera arrancado das profundas do abysmo os maravilhosos mundos, que brilham radiantes na immensidade do espaço; sem elle, Deus não tivera resgatado do peccado original a pobre humanidade, que o fructo prohibido lançara no desterro; sem elle não tivera Magdalena banhado de perfumes os pés de Jesus, enxugando-os com as suas formosas tranças: sem elle não se immortalisara Dante, Petrarcha, Milton e Camões; sem elle, o mundo seria um deserto arido como a Lybia, frio e gelado como a Laponia, escuro e tenebroso como o inferno.

Agora, antes de terminar esta graciosa vida, vejamos uma astuciosa lembrança de Phryné com Praxitelles, e o que ella dissera do austero philosopho Xenocrates, discipulo de Platão.

Phryné visitava a miudo a officina de Praxitelles; e certo dia, depois de haver discorrido sobre o merito e belleza de algumas estatuas, manifestou-lhe ella o desejo de possuir uma das suas melhores obras; o su-

blime artista annuiu, mas com a condição de ella fazer a escolha.

Como lhe fosse difficil determinar-se por este ou aquelle primor, calou-se Phryné; e no dia seguinte apparece a Praxitelles, dizendo-lhe que o fogo acabava de surprehender a sua officina e que as mais bellas estatuas estavam a ponto de ser destruidas. «Ah! exclamou elle, levando as mãos á cabeça, estou perdido se me não salvam o Amor e o Satyro!» Então Phryné, sorrindo-se, disse-lhe: tranquilisae-vos, que é falso o que acabo de dizer-vos; vali-me d'este estratagem para assim vos poder obrigar a esclarecer-me na minha escolha.

E, tomando logo a estatua do Amor, offertou-a á cidade de Thespies, sua terra natal.

No meio d'esta submissão geral aos encantos de Phryné, houve um homem de bronze, que encarou esta deslumbrante belleza, como se encara uma folha de arvore lançada pelo sopro do outomno á corrente d'um riacho.

Este homem foi Xenocrates<sup>1</sup>, discipulo de Platão, philosopho d'uma austeridade extrema, para quem a belleza, os encantos e todas as seducções previamente estudadas por Phryné, foram impotentes para o submeter ao seu imperio.

Esta resistencia, inesperada por uma mulher que se vangloriava de ter a seus pés os homens mais sabios, os mais celebres artistas, os mais poderosos da terra,

<sup>1</sup> Xenocrates, philosopho grego, natural de Chalcedonia, que nasceu em 406 antes de Christo e morreu em 314, tornou-se celebre pelas suas virtudes, desinteresse e continencia. O excesso de sua austeridade e de sua rudeza fizera dizer a Platão: «Xenocrates precisa sacrificar ás Graças.»

quer pelas suas riquezas, quer pelas suas posições sociaes, feriu tanto o amor proprio de Phryné, que lhe fez dizer: «Xenocrates não é um homem, mas um rochedo, um corpo sem alma<sup>1</sup>.»

No emtanto Phryné consolava-se d'esta monstruosa excepção, vendo-se cercada dos mais esplendidos astros, que de todos os pontos da Grecia vinham admirar-lhe a belleza, as graças e seus irresistiveis encantos.

Esta voluptuosa adoração acompanhou-a até á mais avançada idade, até áquella idade em que ella, olhando para o seu espelho, perguntava:—Para onde foste, belleza minha, para onde foste, que te não vejo mais?— E deixava resvalar uma lagrima, que parecia dizer: tudo é fugitivo neste mundo!...

N'um dia doce languor lhe desce da fronte aos pés, e adormecera.

Approxima-se alta noite, a noite suprema, em que Phryné vira em sonho uma virgem, de peregrina formosura, descer das alturas olympicas com um dourado copo na mão, e desbruçando-se-lhe sobre o leito de purpura, disse com o sorriso nos labios: «Phryné, toma uma gotta d'este nectar, que t'o envia Jupiter; toma-o, que a vida, a juventude, e a belleza virão de novo visitar-te com mais força e vigor; bebe-o, bebe-o, mas d'um só trago, que os resplendores da immortalidade surgirão a teus olhos encantadores.»

Phryné, ao ouvir isto, leva com desconfiança o dou-

<sup>1</sup> Debay, no seu livro intitulado—*Laïs de Corinthe et Ninon de Lenclos*—a pag. 41, dá este caso como succedido entre Xenocrates e Laïs; no emtanto nós julgamos que Debay assim procedera para embellezar a sua biographia anecdotica, pois Laïs já não podia existir então. Os que desejarem conhecer minuciosamente esta anecdota entre Phryné e Xenocrates, vejam: *Fêtes et Courtisanes de la Grèce*.

rado copo aos desmaiados Jabios, e bebeu... bebeu...  
ao acordar porém estava na eternidade!...

Phryné pagara seu tributo á terra, e fôra, depois de fecundar, com os raios de sua maravilhosa belleza, tanto a pintura como a esculptura grega, passar a phase de sua primavera eterna nos formosos jardins da estrella Venus.

É lá que vagueia agora, como borboleta branca, através de douradas flores, em companhia de outras, que na terra se chamaram Hellena, Semiramis, Aspasia, Laïs, Sapho, Cleopatra, Lenclos e Maintenon...

---





CLEOPATRA



## CLEOPATRA

---

Cleopatra é esplendida aurora do mais voluptuoso amor que tem raiado sob o ardente céu do Egypto.

Cleopatra é uma d'estas gentilezas reaes, que o acaso fizera subir ao throno dos Ptolomeus, para dirigir os destinos d'um povo, conquistar a felicidade d'uma grande nação, reinar sobre o Egypto, — quando a natureza parece tel-a sómente talhado para se elevar ao solio da volúpia e alli reinar sobre todos os corações sybaritas, que rendem culto á belleza plastica, ás graças saturnaes, e aos encantos da feiticeira Rhodope e da deslumbrante Phryné.

Ella é esse fatal prodigio, de que nos falla Horacio; é essa mulher prodigiosa, que a historia do Egypto nos aponta como uma das mais celebres pelos singulares e variadissimos quadros de sua vida, que é um interessante romance findando tragicamente.

Contemporanea das mais estupendas revoluções que agitaram o imperio romano; abraçada amorosamente aos maiores vultos que presidiam aos destinos da republica, como Cesar e Marco Antonio; os seus magni-

ficos banquetes, os seus deslumbrantes festins, as suas voluptuosas danças; as suas phantasticas caçadas, as suas pescas e regatas sobre o Nilo; o seu capricho de conquistar heroes romanos, desde Sexto Pompeo até Marco Antonio; os seus banhos á Phryné, sobre as costas de Pharo; as suas pretenções a Semiramis, montando a cavallo com a destreza de um arabe, e manejaudo a lança e a espada com o valor d'uma amazona, pondo-se á testa do seu exercito da Syria até Pelusa, para reconquistar os seus direitos ao throno dos Ptolomeus; o seu olhar de sibylla; o seu arrojo de sondar o céu como se fôra uma Hypathia; os seus momentos de Aspasia, protegendo as letras e enriquecendo a bibliotheca de Alexandria com a de Pergamo; os seus delirios, os seus excessos amorosos, através das ondas perfumadas de Baccho; as suas aspirações a Nelson, depois de ter vestido a farda bordada d'um pequeno Cesar; os seus prodigiosos recursos, indicio das mais ricas faculdades: tudo isto em lucta com os maiores caprichos e excessos da mais requintada volúpia; tudo isto, repito, dá logar a formar o mais interessante livro, abre horisontes para as mais sérias considerações, permite lamentar os desperdicios de tão soberbas faculdades, — faculdades que podiam ter feito d'esta mulher, não uma voluptuosa Laïs, como geralmente se considera, mas o ideal da mais perfeita soberania, o maior prodigio do seu sexo, adornando o pantheon do paganismo e despertando a admiração de todos os seculos.

Corria o anno 52 antes de Christo, quando Ptolomeu Aulete, depois de ter atravessado o periodo de seu rei-

nado d'uma maneira bem tempestuosa e pouco digna, morrera alfim, deixando o sumptuoso throno do Egypto a sua filha Cleopatra, com a condição de se casar com Ptolomeu Denis, seu irmão mais velho, e reinarem conjunctamente, como era de costume entre a sua dynastia.

Cleopatra contava então dezoito primaveras: era a bella aurora do oriente abrindo seus labios de rosa ao occidente.

Ptolomeu Denis, dominado pelo eunucho Photino e por Achilles, o general em chefe das tropas egypcias, vivia com sua irmã Cleopatra em constante desordem.

Cleopatra odiava estes malditos favoritos.

No meio d'estas dissensões, o filho mais velho do grande Pompeo apparece em Alexandria, a fim de pedir soccorros contra Cesar, que havia passado o Rubicon e fazia tremer com suas legiões de fogo a cidade eterna.

Cleopatra julga encontrar um grande apoio em Roma por intermedio de Sexto Pompeo, e sorri-lhe benevolentemente; mas Photino e Achilles mostraram-se não menos habéis, enviando emissarios a Roma, que lhes obtiveram do senado uma desisão favoravel á sua causa.

Animados por este grandioso apoio, Photino e Achilles obrigaram a joven Cleopatra a abandonar o throno e a partir para a Syria.

Alli chegada, Cleopatra tractou de organizar um pequeno exercito, e veio disputar a parte da sua herança com as armas na mão.

Chegada a Pelusa, uma das cidades do Egypto; Ptolomeu Denis, logo que d'isto foi sabedor, põe-se á testa de suas tropas e sahiu de Alexandria para a combater.

Estavam as cousas neste ponto; estavam os dois exercitos para travar a sangrenta lucta, quando Pompeo, batido na Pharsalia, veio buscar a morte em Ale-

xandria, em lugar do abraço amigo é hospitaleiro, que lhe devia dar Ptolomeo Denis.

Neste interim apresenta-se o grande Cesar, que vinha em perseguição de seu rival; e Ptolomeo Denis, para lisongeal-o, manda-lhe, ao desembarcar no porto de Pharo, offerecer, por um dos seus favoritos, numa salva de prata, a cabeça e o anel de Pompeo.

Dizem que Cesar, ao ver a cabeça do grande Pompeo, recuara horrorisado e vertera lagrimas; em seguida ordenou que suas cinzas fossem depositadas no templo da deosa Nemesis <sup>1</sup>.

Obrigado a deter-se mais algum tempo em Alexandria, por causa dos maus ventos, que então reinavam, Cesar occupa-se em visitar a esplendida cidade e seus magnificos templos.

Em seguida, como o fallecido rei deixasse o povo romano tutor de seus filhos, Cesar, na qualidade de dictador de Roma, julgava-se com direito de exercer esta tutela e de fazer terminar, sem appello, a contenda.

Logo que Cleopatra soube que Cesar se achava em Alexandria, tractou de vir em pessoa advogar a sua causa; e, como não desejasse ser presentida pelos guardas de seu irmão, teve de usar de um stratagem para chegar á presença de Cesar. Com a resolução d'um conquistador, fez-se de vela de Pelusa para Alexandria; ao anoitecer, estende-se sobre um tapete persico, e ordena ao seu fiel Apollodoro de a involver como se fôra um fardo de bellas sedas da India e conduzil-a ao palacio do conquistador Romano, que, ao

<sup>1</sup> Nemesis era a deosa que presidia á vingança das acções cruéis. D'esta fórma Cesar dava bem a conhecer aos vis aduadores que reprovava tão monstruoso procedimento.

vel-a surgir d'aquelle involucro astucioso, fica inebriado de sua belleza, de suas graças e de suas ternas supplicas.

Cleopatra estava na flor da sua juventude; Cesar no vigor da vida.

Sua causa estava ganha.

No emtanto, Photino, tutor do joven rei, assim que presentiu as vistas de Cesar, revoltou-se contra elle e offereceu-lhe um grande combate, que o ia pondo em risco de vida, se não fôra a resolução de salvar-se a nado com os seus *Commentarios* e fazer queimar a frota, para não cahir nas mãos do inimigo.

O soccorro, que seu alliado Mithridates de Pergamo lhe dera, concorreu para o seu triumpho, repellindo o exercito egypcio, em Pelusa.

Ptolomeu morreu afogado no Nilo, quando fugia num pequeno barco.

Cesar tornou-se senhor do Egypto, e, sem mais obstaculos, fez sentar Cleopatra no throno em companhia de seu irmão mais novo.

Aqui abre-se um parentesis de sonhos e de volúpias para o grande conquistador das Gallias, e para a seductora Cleopatra.

Logo que Cleopatra se viu sentada no throno de seus antepassados e livre dos seus implacaveis inimigos, foi render graças aos deoses no templo de Serapis <sup>1</sup>, e fez

<sup>1</sup> Serapis era o deos principal dos Egypcios. Seus adoradores consideravam-no o deos supremo, que fazia resuscitar, dar a vida e a saude. Identificavam-n'o com Plutão, Esculapio (deos da medicina), e Jupiter. Confundiam-no com Osiris. Era muito popular. Em sua honra se faziam peregrinações immensas de

celebrar sumptuosas festas em honra do grande heroe das Gallias.

Depois, seguiu-se uma phase de ouro, toda de passeios, caçadas, festins e prazeres inesgotaveis.

Num certo dia Cleopatra convidava o grande Cesar a percorrer a majestosa Alexandria, que se estendia entre o Mediterraneo ao norte, e o lago Mareotis ao sul, dividida em dois bairros principaes, o bairro Rakotis<sup>1</sup> e o bairro Bruchium<sup>2</sup>, e a visitar o sumptuoso templo de Serapis, todo construido de riquissimo marmore, o de Neptuno, e o templo onde repousa Alexandre sobre o seu tumulo de ouro<sup>3</sup>, o Museu ou Academia, o Gymnasio com seu majestoso portico de 600 pés de comprimento, sustentado por numerosas ordens de soberbas columnas de marmore, a Bibliotheca, uma das mais ricas do mundo, com seus 700 mil volumes<sup>4</sup>; no outro dia convidava-o a visitar a maravilha de Pharo,

todas as partes do Egypto. Attribuiam-lhe muitos milagres. Apresentavam-no adornado de estrellas, tanto do lado direito como do esquerdo, etc.

<sup>1</sup> Era o bairro popular, onde habitavam os commerciantes, artistas, etc.

<sup>2</sup> Bairro aristocratico, onde existiam numerosos templos, palacios, e tudo que de mais opulento havia em Alexandria.

<sup>3</sup> Alexandre morreu em Babylonia; porém seu corpo foi trasladado para Alexandria, aconpanhado da maior pompa que imaginar se pode, no reinado de Ptolomeo Soter, que havia sido seu general. Seu tumulo foi profanado pelo infame Seleucus, roubando-lhe o tumulo de ouro e deixando em seu lugar um de vidro.

<sup>4</sup> Parte d'esta bibliotheca fôra devorada então pelas chammas, quando Cesar luctava com Ptolomeo Denis e lançara fogo ao arsenal; outra parte ou toda fôra-se, segundo uns, pela maldade d'um general de Omar, ao invadir Alexandria em 640; segundo outros, foram os proprios christãos que lhe lançaram fogo. Winckelmann, na sua — *Histoire de l'art chez les anciens* — segue esta ultima opinião.



que se elevava sobre a ilha do mesmo nome, donde se abria um horisonte vasto e encantador, através dos mais ricos vasos de guerra e mercantis, que indolentemente fluctuavam sobre a bahia azul do Mediterraneo.

Depois passavam a percorrer as margens encantadoras do lago Mareotis<sup>1</sup>, todo cercado de suas vastas florestas de palmeiras, agitadas voluptuosamente pela brisa perfumada do norte; depois seguiam para o Cairo a visitar as «moradas eternas dos Pharaós», as eternas pyramides, que fizeram dizer a Bonaparte em 1798, na batalha, chamada das Pyramides, contra Mourad-Bey: «Soldados! do alto d'aquellas pyramides quarenta seculos vos contemplam.»

Terminadas estas pequenas digressões, Cesar, sentindo-se cada vez mais fascinado por esta mysteriosa serêa do Egypto, resolveu fazer uma digressão mais longa sobre as aguas do majestoso Nilo.

Cleopatra applaude a lembrança, e em breve uma galera magnifica sulcava as ondas do Nilo, seguida de mil barcas, que era o deslumbrante cortejo da formosa rainha.

Descrever agora a belleza do Nilo, a verdura eterna de suas margens, adornadas de palmeiras, de sycomoros, de tamareiras, de figueiras e de inebriantes pampanos, fluctuando ao sopro da tepida viração; dar idéa dos sonhos amorosos de Cesar, dos seus extasis, dos seus festins, das contemplações nocturnas, dos seus devaneios, seria um impossivel.

Basta dizer que Cesar teria seguido Cleopatra até

<sup>1</sup> O lago Mareotis ficava a meia legua de distancia de Alexandria. As arêas da Lybia e a incuria dos turcos fizeram desaparecer este celebre lago, que se acha hoje todo coberto de arêas.

aos confins da Ethiopia, e ter-se-hia perdido na sua *lua de mel*, se os seus veteranos, mais sensatos do que elle naquella occasião, lhe não tivessem dicto: — alto!

Cesar accordou da sua lethargica somnolencia, e, lembrando-se da sua missão, quer, antes de voltar á Italia, para conter os partidarios de Pompeo, realizar algum feito, que lhe fizesse perdoar este momento de Sardanapalo.

Foi então que lançou seu olhar de aguia sobre as margens do Bosphoro, e submetteno ao seu poder o rei Pharnacio, que incommodava algumas possessões romanas, situadas ao oriente.

Esta expedição foi tão rapida, que deu logar a Cesar escrever para Roma, cheio de jubilo: «Veni, vidi, vici.»<sup>1</sup>

No emtanto Cleopatra dá á luz o fructo de seus amorosos sonhos com o heroe da Pharsalia, o qual teve o nome de Cesarion.

---

Em quanto Cesar vòá á cidade eterna<sup>2</sup> para submeter ao seu poder alguns partidarios de Pompeo e consolidar a sua auctoridade, Cleopatra fica em Alexandria reparando e enriquecendo a bibliotheca, o arsenal e outros monumentos, que haviam soffrido estragos nos dias sangrentos que precederam á sua nova ascensão ao antigo throno dos Pharaós.

Esta ausencia foi de pouca duração, pois em breve Cleopatra partia, com seu joven irmão e esposo, para Roma, onde teve a mais brilhante recepção.

<sup>1</sup> Cheguei, vi e venci.

<sup>2</sup> É duvidoso ainda, se Cesar partiu logo para a Italia ou para Africa, onde Scipião e Catão, com o auxilio de Juba de Mauritania, reuniam forças para combatel-o.

O grande Cesar recebeu-a em seu proprio palacio, e ordenou festas e diversões pelas margens do Tibre; ordenou que o rei e a rainha do Egypto fossem considerados amigos do povo romano; mandou que a estatua de ouro de Cleopatra fosse collocada no templo de Venus ao lado d'aquella deosa; rendeu-lhe emfim todas as honras imaginaveis, postergando todas as leis, que a sua posição, dignidade e decoro exigiam que acatasse.

No meio d'estas deslumbrantes e honrosas manifestações, o povo romano indignou-se de que Cesar rendesse tantas homenagens a uma rainha barbara<sup>1</sup>; e Cleopatra, para evitar algum desgosto, regressou para as margens do Nilo.<sup>2</sup>

Cesar, no excesso das suas victorias ganhas nas Gallias, na Pharsalia, em Alexandria, no Bosphoro, na Africa, e nas planicies de Munda, julga-se um semi-deos, como o chamava o lisongeiro senado romano; julga-se invulneravel como um Achilles; mas os punhaes de Bruto e Cassio desenganaram-no, e mostraram-lhe a sua misera humanidade.

É um fim bem triste e doloroso, é verdade; mas, que mais póde esperar um homem, que salta por cima de todas as leis moraes, e vòa nas azas do seu orgulho para a esphera dos semi-deoses?...

Em quanto Cesar cõe em Roma debaixo dos vinte e tres punhaes, e è arrastado até em frente da estatua de Pompeo; em quanto Roma se agita e revolve ensopada no sangue de Cesar; em quantos novas ambições

<sup>1</sup> Os romanos, no excesso do seu orgulho, julgavam barbaros todos os povos, sem se lembrarem dos seus circos de feras e de seus gladiadores.

<sup>2</sup> Alguns biographos dizem que só depois da morte de Cesar é que fugira para o Egypto.

se debatem, guerrêam e estrangulam, para darem a final o segundo triumvirato, que immolára ás suas paixões o symbolo da eloquencia romana; em quanto na cidade eterna se levantam Octavio, Antonio e Lepido, como herdeiros do poder cesariano; em quanto Bruto e Cassio, estes ultimos raios da liberdade romana, se extinguem nas planicies de Philippes; em quanto todos estes grandes successos fazem estremecer o mundo antigo, Cleopatra via cair a seu lado, envenenado<sup>1</sup>, seu irmão Ptolomeu, e esperava o resultado final d'aquelles grandes acontecimentos.

No emtanto Marco Antonio, vencedor na batalha de Philippes, divide o imperio romano com Octavio, desfaz-se de Lepido, e parte para o Oriente a fim de vingar a morte de Crasso entre os Parthos e punir Cleopatra da accusação que se lhe fazia de ter prestado soccorros a Bruto e a Cassio.

Aqui desponta um novo mundo de voluptuosos sonhos para Cleopatra, que se vão desvanecer sobre o tumulo de Antonio.

Marco Antonio era um dos veteranos de Cesar. Era um soldado bravo, mas grosseiro: seu ideal era penetrar o coração do mundo com a ponta da sua espada. Tendo passado toda a sua vida nos acampamentos da guerra, só se julgava á vontade quando repousava entre cadaveres.

O direito e a justiça estavam no seu punho ou na ponta da sua lança.

Libertino, indomavel nas suas paixões, vingativo, cruel, d'uma liberalidade prodiga, jogador, bebedor excessivo, gastronomo inconcebivel: eis em resumo o cara-

<sup>1</sup> Dizem que ella mesmo o envenenara.

cter d'este semi-Hercules, que a lubricidade fez muitas vezes representar o triste papel de Sardanapalo.

Chegado á capital da Cilicia, Tarso enviou Delio, seu subordinado, á Alexandria a fim de intimar a Cleopatra que fosse com a maior brevidade á sua presença para se justificar das accusações, que se lhe imputavam, de ter concorrido poderosamente para ajudar Bruto e Cassio na guerra contra os triumviros.

Em presença d'esta intimação, Cleopatra prepara-se, mas com tanta pompa, com tanto luxo, com tão sumptuosos presentes, com tão ricos thesouros, que mais parecia ir para uma viagem de recreio, do que para se justificar perante um juiz severo.

Em breve, pois, uma galera oriental, com sua popa de ouro, sulcava majestosamente as aguas crystallinas do Cydno<sup>1</sup>; suas velas, brandamente entuhecidas pelas perfumadas auras, não são de alvo linho, mas de purpura, de majestosa purpura; seus remos de fina prata rasgam, ao som de maviosas lyras e coros virginaes, o brando seio da azulada onda. O sol inclina-se para o occaso para cair, como um precioso rubim, numa bacia de esmeralda; seus raios despedem-se a custo do cimo d'um pavilhão esmaltado de ouro e prata.

Debaixo d'esse pavilhão acha-se deitada graciosamente uma mulher soberana, de tez morena, olhõs negros e rasgados, proprios para sondar todas as maravilhas que despontam no céu da volúpia: seus labios de rosa parecem entreabrir-se a um lubrico sorriso; a seus pés brincam e osculam-se amorosamente formosos cherubins; juncto ao leme, e por entre as cordoalhas da ga-

<sup>1</sup> Foi nas aguas d'este rio que Alexandre se banhou, e onde por isso ia morrendo.

lera, acham-se grupos *gentis* de raras formosuras, lançando extaticos olhares para as ridentes margens do Cydno, aonde a multidão de Tarso se apinha, e exclama num entusiastico brado: Lá vem Venus, surgindo da onda azul para visitar Baccho!

Era Cleopatra que chegava á capital da Cilicia.

Ao chegar á patria de S. Paulo, ninguem podia crer que a soberana de Canope fosse uma accusada, uma cumplice dos assassinos de Cesar, mas uma radiante divindade.

O proprio Antonio, ao vel-a, lançou-lhe aos pés a vara de juiz e constituiu-se réo por ter a audacia de julgal-a criminosa.

Logo que Marco Antonio soube da chegada de Cleopatra a Tarso, convidou-a para um jantar de recepção; porém esta, pretextando *incommodos* de viagem, não acceitou, e pelo contrario teve a arte de fazer com que o Hercules Romano obedecesse ao seu convite, isto é, de ir jantar com ella a bordo da galera.

Foi um banquete magnifico, em que se apresentaram todas as sumptuosidades orientaes, e onde se não sabia que mais admirar, se a riqueza dos apparelhos de ouro lavrados que serviam, se a variedade das viandas, se as deslumbrantes luzes, que formavam, com admiravel symetria, aqui bellos circulos, alli graciosos lo-sangos, ou as maneiras encantadoras da astuciosa rainha.

Antonio ficara maravilhado em presença de tanta magnificencia; e, não querendo ficar atrás, convidou a bella Cleopatra para jantar no seu palacio; porém, apesar de todos os seus esforços para rivalisar com a sumptuosidade e o gosto da encantadora rainha, ficára-lhe muito inferior.

Após estes banquetes, abre-se uma serie de outros

muitos, onde de balde Antonio lucha com a sumptuosidade, luxo e aprimorado gosto de Cleopatra.

Segundo Atheneo, Cleopatra, no seu terceiro banquete dado a Marco Antonio, fizera juncar o pavimento da sala de tantas rosas, que se elevavam á altura de um metro.

Antonio comprehendeu em breve a sua impotencia, em presença de tal rival, e foi o primeiro a ridicularisar os seus festins, que, comparados com os de Cleopatra, nada valiam.

O vencedor dos plainos de Philippes tornára-se, d'ahi em diante, um escravo obediente dos menores caprichos da soberana do luxo e da volúpia.

No entanto aproxima-se o inverno: era preciso passal-o debaixo de outro céu.

Encantado por tantas seducções, Antonio não se lembra mais da sua missão; e, em lugar de ir combater os Parthos, regressa com Cleopatra para Alexandria, onde ella fez erguer com mais aparato e luxo o pavilhão do prazer.

É alli que Cleopatra deu o braço ao legatario de Cesar, e percorreu com elle todas as campinas do amor, banhou-se em todos os lagos azues que despertam volúpias, e penetrou em todos os jardins que exhalam os perfumes da lubricidade.

É alli que se continuaram os banquetes, os festins, as caçadas, as pescas, as regatas sobre o Nilo, os jogos, as danças bacchicas; é alli que se dissolveram perolas que podiam matar a fome d'um povo inteiro; que os dois amantes percorreram, disfarçados em lacaios, todos os botequins e furnas populares de Alexandria para dizer e ouvir expressões pouco conformes á dignidade e ao decoro; é alli que estes delirantes amigos de Baccho

formaram uma sociedade que se intitulava: «confrades da vida inimitavel,» isto é, amantes da devassidão.

É alli que Plutarcho nos conta a singular pesca, que Antonio fizera em companhia de Cleopatra, a qual vamos narrar para que se possa fazer idéa dos pueris divertimentos, que roubavam o tempo de tão altas personagens.

Antonio teve certo dia a mania de querer mostrar a Cleopatra que era tão grande pescador de peixes, como de reinos; e, tomando a linha e o anzol, lança-os ao mar, em tão má hora porém, que nem um só peixe apanhava; despeitado, mas sem por isso lhe dar para fustigar as ondas, como o fizera Xerxes no Hellesponto, chama secretamente um dos pescadores e ordena-lhe que mergulhe e vá prender ao anzol alguns dos peixes anteriormente apanhados.

Por este meio puxara Antonio a linha umas tres vezes, e em todas tres trazia ricos despojos, que mostrava todo orgulhoso a Cleopatra.

A bella rainha, porém, com quanto percebesse o estratagemma, dissimulou e fez-lhe grandes elogios. Antonio ficou por isso na persuasão de que tinha illudido a penetrante rainha, e não cabia em si de vaidade naquelle dia.

No dia seguinte Cleopatra convida maior numero de seus cortezãos para assistirem á real pesca, e, chegados ao porto de Pharo, ordenou a um de seus mergulhadores que ao anzol de Antonio fosse prender um peixe salgado; este, logo que sentiu resistencia na sua linha, pucha-a, todo cheio de alegria; mas, qual não foi a supreza quando, em lugar do peixe fresco, que esperava, encontra um, salgado de muitos dias!

A gargalhada rompeu de todos os lados.



À vista d'este logro, Cleopatra volta-se para o fogoso triumviro e diz-lhe sorrindo :

«Meu general, deixae-nos a nós outros, soberanos de Pharo e de Canope, a linha ; a pescaria que vos é propria é a das cidades, dos reinos e dos imperios.»

A lição era aspera ; mas Antonio, em presença do encantado sorriso de Cleopatra, deu-lhe o braço e partiram para a cõrte de Alexandria, a fim de jantar e passar a noite, como de costume, em vertiginosas danças, e no meio d'aquelles delirantes excessos, em que Antonio, para comprazer a Cleopatra, mostrava uma mascara comica aos Alexandrinos e uma tragica aos Romanos. No emtanto prepararam-se-lhe em Roma fortes accusações. Sua mulher, a terrivel Fulvia, que tivera a coragem de se vingar da lingua de Cicero, depois de morto, por este haver fulminado Antonio nas suas Philippicas, acabava de fallecer em Sicyone. Octavio, aproveitando-se de todas as dissoluções de Antonio, procura compromettel-o com o senado romano. Antonio teve aviso de Roma, e, aconselhado por seus amigos, larga por um momento os attractivos de Cleopatra, e vò a cidade eterna.

Alli chegado, Antonio reconciliou-se com Octavio, casando com sua irmã Octavia, anjo de paz, senhora de grandes virtudes, que por mais de uma vez deteve os instinctos vingativos e sanguinarios de seu irmão, que mais tarde havia de ser o primeiro imperador romano.

Este consorcio assegurou por um momento a paz do mundo.

Antonio prometeu ir terminar a conquista dos Parthos, que Vintidius, seu logar-tenente, estava fazendo com maravilhoso successo.

Sae de Roma, com estas vistas ; porém, ao chegar

á Asia, soffre grandes revêzes nos recontros que teve com os Parthos, ao retirar-se para a Syria.

Todas estas perdas eram motivadas pela sua grande anciedade de vir passar o inverno em companhia de Cleopatra.

Foi uma retirada funestissima, que custou a vida de muitos mil soldados, que morriam não só das terriveis perseguições dos Parthos, mas de fome, sêde e marchas forçadas, que não podiam supportar.

Em breve Antonio apresenta-se em Alexandria, em companhia de Cleopatra, que o havia ido esperar perto de Sidon.

Esquecendo-se de que havia desposado Octavia, só pensa em Cleopatra; só sonha em espectaculos, em ociosidades, em prazeres indignos d'um homem, que, pela posição que occupava, tinha o dever de moderar as suas paixões e evitar escandalos, que podiam arrastal-o a uma completa ruina.

Foi nesta occasião que Marco Antonio, depois de entrar triumphante em Alexandria e de se ter apoderado astuciosamente de Artabases, rei da Armenia, que o fez carregar de ferros, para ter o gosto de o apresentar naquelle estado a Cleopatra; foi alli que levou a sua loucura a ponto de fazer sentar Cleopatra, em presença da multidão, sobre um throno de ouro com o manto da deosa Isis, e elle com o de Orisis e de Baccho, proclamando-a em seguida rainha das rainhas, senhora do Egypto, da Lybia, de Chypre e de Coelesyria <sup>1</sup>, e os filhos que d'ella tivera, com os titulos de reis dos reis, concedendo-lhes alguns reinos conquistados, e outros ainda por conquistar.

Cesarion fora tambem accumulado de muitas honras.

<sup>1</sup> Região que ficava situada entre o Libano e o Ante-Libano.

Cleopatra julgava-se senhora do céu e da terra, pois que seus filhos já se aparentavam com o sol e a lua.

Iras e Charmion, favoritas de Cleopatra, não desgostavam d'estas loucuras, que as tornavam senhoras dos verdadeiros negocios do estado. Ellas é que na realidade dominavam e dirigiam todo o imperio de Antonio e Cleopatra.

No emtanto, atrás d'estes triumphos, d'estes espectaculos, d'estas festas, d'estes regosijos, d'estes banquetes, d'estes festins, d'estas loucuras, occultava-se uma nuvem tempestuosa, que havia de cahir sobre a cabeça de Antonio e de Cleopatra, e deixal-os fulminados aos pés do ambicioso, hypœcrita e tímido Augusto.

Com effeito, Octavio não dormia em Roma.

Em quanto Antonio se recostava, ebrio de volúpias, junto ao manto purpurino de Cleopatra, Octavio sonhava tornar-se senhor absoluto do imperio romano: pouco lhe faltava, em presença do enervado estado do seu collega.

Estavam vencidos os maiores obstaculos, que lhe podiam assegurar a herança de César, pois já não existiam os defensores da liberdade romana, Bruto e Cassio; não existia Sexto Pompeo; Lepido estava recolhido no santuario do seu pontificado; o exercito estava comprado: que lhe restava? Desfazer-se de Marco António.

É o que Octavio tenta fazer, accusando-o de novo ao senado, fazendo ver a vida ociosa e indigna que passava no Egypto, e, em lugar de terminar a expedição dos Parthos e de concorrer para a prosperidade do imperio, era o primeiro a destruil-o: Antonio, em lugar de partir para Roma, para se justificar, repudia Octavia sua esposa, que elle, por influencia de Cleopatra, fizera regressar de Athenas para Roma, onde já se achava

com munições e fornecimentos, que deviam servir para a guerra dos Parthos, e casa-se com Cleopatra.

Esta circumstancia irritou o animo dos mais parciaes e amigos de Marco Antonio, porque todos conheciam as soberanas qualidades, que adornavam o coração e o espirito de Octavia. Apezar de a propria Octavia, debulhada em lagrimas, supplicar a seu irmão que não declarasse guerra a seu esposo, não pôde obstar á sua declaração, pois era esse o fito e o grande desejo que ha muito nutria o futuro Augusto.

Declarada a guerra, vamos ver como o desvairado Antonio se portou naquelles momentos supremos.

---

Todos os historiadores estão de accordo que, logo que Octavio declarou a guerra a Marco Antonio, elle devia ir immediatamente sobre Roma com um exercito, que, de certo, pelo seu valor e tactica, teria derrubado o seu rival; mas, em logar de assim proceder, dirige-se para a ilha de Samos, em companhia de Cleopatra, onde faz o ponto de reunião de suas forças. É alli que elle se cêrca dos reis e principes submettidos ao seu poder, que lhe vinham trazer soccorros; é alli que passou um anno em preparativos; e, em logar de organizar devidamente o seu exercito, passa todo o tempo em loucos festins e em esplendidas festas, em honra de Cleopatra, vangloriando-se do seu poder e da sua louca paixão.

Esta demora deu tempo a que Octavio podêsse preparar-se e fornecer-se de mantimentos, dinheiro e tropas, que a Italia só mui lentamente lhe podia dar.

Chegado o momento da lucta, Antonio apresentava

um exercito de cem mil homens de infantaria, agueridos, doze mil de cavallaria e quinhentos vasos de guerra; Octavio tinha um exercito inferior, e seus navios eram menores.

Em compensação, porém, tinha bons marinheiros, em quanto que os de Antonio eram inexperientes e completamente extranhos á tactica das luctas de mar.

Em vista d'esta desigualdade, todos os officiaes aconselharam a Antonio que se devia combater em terra; o proprio Antonio não podia desconhecer esta grande vantagem, que lhe dava o seu valente exercito; porém Cleopatra, orgulhosa da sua grande esquadra, não podia consentir tal decisão.

Embarcada na sua galera, que intitulara *Antoniada*, com aspirações a Nelson, deseja assistir ao espectaculo d'un combate naval, e nada houve que a demovesse d'este louco proposito.

Cleopatra tinha razão; uma phantasia valia por todas as razões do mundo; um capricho era uma ordem soberana, que devia fazer obedecer Antonio e o seu exercito.

Está lançada a sorte: quem irá ganhar?

É o que vamos ver.

---

A 2 de setembro do anno 31 antes de Christo, as esquadras inimigas encontram-se nas alturas do Cabo Accio, á embocadura do golpho de Ambracia <sup>1</sup>.

Alli ambos os exercitos se achavam em ordem de batalha á margem do mar, immoveis como um rochedo, esperando o menor signal para se transformarem em

<sup>1</sup> Chama-se hoje Arta, cidade do Epiro.

leões. O exercito de Antonio era commandado por Canidius, o de Cesar por Taurus.

O momento supremo chega. Trava-se o combate com furor. Aqui se vê Antonio percorrendo numa chalupa as linhas navaes para exhortar os seus soldados; alli se divisa Cesar fazendo um supremo esforço para tambem animar os seus.

A lucta está no seu auge; de ambas as partes ha valor e coragem; mas isto não basta para vencer: o triumpho depende ás vezes de bem pouco.

Ao lado de Augusto está Agrippa, o que quer dizer que está a tactica: foi por um movimento estrategico que Agrippa obrigou Publicola, commandante das forças egypcias, a mover-se de fórma, que lhe roubou num momento toda a esperanza de victoria.

Em breve a confusão se tornou infernal; flechas inflammadas e vasos cheios de brasas lançavam o incendio em muitas das machinas pesadas dos Egypcios: Cleopatra, quando ouviu os terrificos gritos d'um combate, quando presentiu a perda da sua esquadra, e aterrada do *phantasiado* espectáculo, foi a primeira a dar á vela na sua *Antoniada* para o Peloponeso, seguida de oitenta vasos que lhe serviam de guarda.

Antonio, quando viu Cleopatra abandonar o combate, achou-se sem alma e seguiu-a logo numa galera de cinco ordens de remos até alcançal-a.

Estava perdido o imperio do mundo.

Diz-se que Antonio, logo que entrou para a *Antoniada*, esteve tres dias sem fallar com Cleopatra, conservando todo o tempo a cabeça entre as suas mãos, como medindo o abysmo de sua perdição.

No emtanto os partidarios de Antonio continuaram a luctar por muitos dias tanto em terra como no mar,

sem poderem acreditar na traição e no abandono do seu chefe.

Esgotados, porém, todos os esforços e recursos, não tiveram remedio senão ajoelhar aos pés de Augusto.

Em breve um sorriso de Cleopatra fez dissipar toda a raiva, desespero e vergonha, que se condensavam na frente athletica de Marco Antonio.

Em breve o Hercules romano tomou a sua tunica de sybarita, sob o céu de Alexandria, e formou com seus amigos um grupo, que se intitulava «a companhia da vida inimitavel.»

Novos festins, novas dissoluções retumbaram debaixo d'aquelle mysterioso céu.

Os dois amantes tornaram-se inseparaveis; e, presentindo que a vida lhes fugia, procuravam esgotar o ultimo trago de nectar, que a rosa do prazer lhes offercia.

Era preciso esvasiar todos os copos de Naxos e de Chypre, e voar num dithyrambo ao throno de Baccho e de Priapo.

Era preciso aspirar todos os perfumes que os lyrios da volúpia exhalavam no mais bello jardim da terra.

Cleopatra, temendo cair nas mãos do vencedor de Accio, reunia os venenos mais subtis, que lhe podessem dar uma morte prompta e suave.

No emtanto Octavio vòu nas azas da victoria para Alexandria; Cleopatra e Antonio enviaram-lhe embaixadores para tractar de paz; e, não podendo chegar a um accordo, travou-se de novo a lucta.

Antonio obteve um pequeno successo nesta occasião, e correu logo para os braços de Cleopatra, radiante de orgulho, como se tivesse realisado um feito de Achilles.

Cleopatra, ao vel-o todo armado conforme estivera

no combate, com os olhos brilhantes de entusiasmo, abraça-o, lança-lhe um ramalhete de louvores em honra de sua intrepidez e de seu valor, e faz-lhe offerta d'uma armadura de ouro.

Antonio parece, por um momento, despertar da sua indolencia, e tirar partido do valor e consummada experiencia da guerra, que lhe era incontestavel.

Sua exaltação levou-o a ponto de desafiar Augusto para um duello; porém o manhoso triumviro não aceitava d'aquelles convites: conhecia bem a sua covardia e a superioridade do seu rival, para cair em tal cilada.

Aos desafios de Marco Antonio, Octavio respondia com um sorriso, e dizia para consigo: Meu valor não está na espada, mas na intriga, na astucia e na corrupção.

Prepara-se, entretanto, uma segunda acção; está-se em vespas d'uma grande batalha, que vai decidir peremptoriamente da sorte de Cleopatra e de seu amante.

Marco Antonio está em vespas de combater; mas, em logar de procurar a musa do silencio, para entrever um meio mais efficaç que possa triumphar de seu rival, lança-se em festins de Balthazares, desfolha a ultima pétala da vida na mais vertiginosa dissolução.

Dispersa numa atmospherá anacreontica todos os átomos de sua vigorosa vida, rasga a ultima pagina do seu pundonor, ensopa-a toda em vinho, e cahe adormecido.

Tenebrosos sonhos lhe assaltam o espirito. Ave agoureira lhe esvoaça em torno do leito, e parece dizer-lhe: É chegado o teu ultimo dia, Antonio!

Nisto acorda Marco Antonio sobresaltado, lança mão da sua espada, vôa ao combate, como para insultar a morte, exalta o animo de seus soldados, faz libações



aos deoses, invoca a deosa da victoria, avança com a raiva de leão, quando ferido por traiçoeiro dardo; mas debalde!... Era já tarde!... Em breve viu os poucos soldados, que lhe restavam fieis, derribados no campo da batalha.

A cavallaria galopava para engrossar os esquadrões de Augusto, a armada fazia-se de vela para abraçar a causa de Octavio.

A traição era manifesta. Em presença d'este abandono, Antonio volta os olhos para Cleopatra, entra em Alexandria; mas a primeira nova que lhe chega ao ouvido é:— Cleopatra suicidou-sel...

Este ultimo dardo arrasta á sepultura o Hercules romano.

No auge da sua credulidade e de sua cega paixão Antonio não suspeita, um momento sequer, da astuciosa comedia representada por Cleopatra.

Conduzido a este extremo, ordena a seu escravo Eros que lhe arranque a vida, visto não podel-a supportar sem a presença de Cleopatra.

O escravo, porém, não executa a ordem, e prefere matar-se deante de seu senhor.

Antonio, incitado pela coragem de seu fiel Eros, que se achava estirado a seus pés, volta-se então contra a ponta de sua espada; mas, não encontrando logo a morte, como esperava, soffre as dores mortíferas e lança gritos de desesperação por não achar quem lhe ponha termo á vida.

De repente appareceu Diomedes, secretario de Cleopatra, dizendo-lhe que sua senhora não estava morta. Esta nova parece aplacar-lhe as dores e reanimar-lhe a vida. Procura erguer-se, mas debalde, que o sangue vertido era já immenso.

A custo falla, e pede que o conduzam para o tumulto em que se havia encerrado Cleopatra, a fim de alli poder ainda abraçal-a e dizer-lhe o ultimo — adeus.

Alli chegado, Antonio subiu ao tumulto por meio de cordas, ajudado por Cleopatra e suas damas de honor.

Foi alli que o rival de Octavio lançou o seu ultimo suspiro, entre os braços da seductora rainha, que, desgrenhada, se desfazia em lagrimas, e lhe chamava seu querido esposo, seu imperador e seu fiel amigo.

Foi assim que pendeu esta força de Hercules por causa d'esta nova Omphalia.

Um beijo de Helena fez desaparecer Troia: — um beijo de Cleopatra lançou aos pés dos Cesares o throno dos Ptolomeos.

No emtanto Cleopatra procura, com um punhal, pôr termo a seus dias, no momento em que os guardas de Octavio penetram no seu tumulto. Um dos guardas, porém, pôde obstar a este tragico fim.

Octavio tinha o plano de conduzir Cleopatra para Roma como um trophéo da sua feliz conquista.

Ordenou, portanto, toda a vigilancia para que ella não podesse realizar aquelle funesto intento.

No excesso d'esta rude tentativa, Cleopatra ficou muito maltratada pelos golpes que dera em seu formoso seio.

D'estes supremos esforços, d'estas afflicções e desgostos, originou-se-lhe uma febre, que a prostrou no leito.

Determinada a perder a vida, por qualquer meio, tomou o pretexto da doença para não acceitar comida alguma e assim morrer sem obstaculos.

Augusto, logo que lhe penetrou este intuito, mandou

prevenil-a de que, se persistisse naquella funesto intento, mandaria immediatamente executar seus filhos. Esta ameaça produziu o desejado effeito, e foi, no dizer de Plutarcho, uma especie de bateria, que forçou a bella rainha a voltar á vida e sujeitar-se ao tractamento, que lhe prescrevia a medicina em similhante caso.

Alguns dias depois de Augusto ter entrado em Alexandria, ao lado do philosopho Areus, que lhe supplicava toda a complacencia para o povo d'aquella grande cidade <sup>1</sup>, resolveu ir visitar Cleopatra e consolal-a <sup>2</sup>.

Cleopatra estava sobre um pequeno leito de ouro, cujo exterior annunciava a desordem em que se achava o seu espirito.

Quando foi annunciada a presença de Augusto, ella estava apenas com uma tunica, que, pela sua finura e transparencia, deixava entrever alguma cousa de seu majestoso seio, que, ainda naquella phase da vida, faria descer um deos do Olympo.

Ao ver Augusto deante de si, mal teve tempo de erguer-se e saltar de seu leito para ir lançar-se-lhe aos joelhos. Seu rosto estava mergulhado numa pallidez

<sup>1</sup> Diz Plutarcho que Augusto, ao entrar em Alexandria, percorrerá aquella cidade acompanhado do philosopho Areus, que lhe supplicava toda a sua indulgencia para aquelle povo e para o philosopho e astuto Philostrato, que, atrás de Areus, lhe repetia este verso:

«Os verdadeiros sabios sempre se interessam pelos sabios»

Augusto, que queria passar por sabio, e lisongeadado por este verso, que lhe chegava aos ouvidos, declarou do alto do seu throno de ouro que perdoava ao povo de Alexandria tudo quanto lhe havia feito: primeiro em attenção ao seu fundador, Alexandre; segundo pela sua grandeza e magnificencia; terceiro pela amizade que consagrava ao philosopho Areus.

<sup>2</sup> Seguimos nesta entrevista a idéa que nos dá Plutarcho, sem nos prendermos á fórma.

que contristava; seus bellos cabellos soltos e dispersos; a voz trémula; os olhos languidos e quasi extinctos pelo muito que chorara; o seio, aquelle formoso seio, capaz de fazer palpitar os proprios rochedos, estava mortificado; a sua physionomia, o seu todo, em fim, revelava a suprema agitação d'aquella alma, que, podendo ser então a soberana do mundo politico, se achava reduzida a uma mísera supplicante do mais vil, do mais hypocrita, do mais traiçoeiro, do mais ingrato, e do mais infame imperador, que o mundo romano lançou á luz do Universo <sup>1</sup>.

No emtanto, do fundo d'este immenso abatimento, a que se achava reduzida a bella rainha do Egypto, lhe refulgiam, de quando em quando, certas acções cheias de vivacidade, que, ao brilharem em todos os seus movimentos, lhe restituíam aquella graça e altivez que a sua belleza lhe inspirava.

Augusto recebeu-a com apparencias de benevolencia; mas no fundo da alma resaltavam-lhe os seus malignos e calculados intuitos; — no fundo da alma bradava-lhe o espirito da maldade, que dizia: Quero-te viva até Roma, Cleopatra, para lá realçares o meu triumpho; depois, lançar-te-hei ás feras de Priapo ou do Coliseu: lá escolherás!

Depois de todas as apparencias de delicadeza e be-

<sup>1</sup> Eu ponho de parte todas as veridicas ou fingidas acções, que a lisonja guindou á apothese, e essa grande luz devida a Mecenas.

Sylla, para mim não deixa de ser o monstruoso Sylla, porque, depois de saciado de sangue romano, como um tigre, atirou com o cutello das suas odientas vinganças ao rosto do povo-rei, como quem diz: Eu te desprezo, povo. Estou farto de beber teu sangue. Vac-te, procura outro senhor, que eu nem para escravo te quero mais.

nevolencia, Augusto obriga Cleopatra a deitar-se em seu leito, e senta-se-lhe ao pé.

Cleopatra apprehende justificar-se do seu procedimento, baseando seus argumentos nas imperiosas circumstancias que a cercavam, no temor que lhe inspirava Antonio, etc.; mas, vendo-os destruidos pela fria razão de Augusto, abandonou aquelle reducto, e appellou para a sua compaixão, escudando-se nas mais ardentes lagrimas e supplicas, para assim dar a entender ao herdeiro de Cesar que ella tinha grande apêgo á vida e que já não desejava morrer.

Para melhor illudir a penetração de Augusto e lisongear a sua ambição, Cleopatra termina, apresentando-lhe deante dos olhos o estado actual das suas riquezas.

Aqui passa-se uma scena entre Cleopatra e o seu thesoureiro, que não era muito propria d'uma rainha <sup>1</sup>.

No emtanto Augusto levanta-se, e despede-se de Cleopatra, promettendo-lhe a sua protecção, e concedendo-lhe as joias que ella dissera ter guardado.

Augusto retira-se, na persuasão de ter illudido a

<sup>1</sup> Plutarcho diz-nos que, no momento em que Cleopatra fazia sciente a Augusto do estado do seu thesouro, Seleucus, seu thesoureiro, a accusara de subtrahir uma parte de suas joias e dinheiro, e que esta, enfurecendo-se por isso, se levantara, e pegando pelos cabellos do abelhudo thesoureiro, lhe dera muitos murros no rosto. Augusto, em presença d'esta scena, não pôde evitar o riso, e, levantando-se para acalmal-a, esta se voltara para elle e lhe dissera: «Não é horrivel, Augusto, que no momento em que vos dignaes visitar-me e honrar-me com a vossa presença, no estado deploravel em que me acho, venha um dos meus criados taxar-me de criminosa por ter a lembrança de reservar algumas joias de mulher para enfeitar, não uma desgraçada como eu, mas para ter occasião de brindar a vossa irmã Octavia, e a vossa esposa Livia, que, pela sua protecção, me asseguravam, de certo, a vossa clemencia e bondade?...»

Cleopatra, mas enganava-se; elle é que ia illudido, e mostrava que não conhecia aquella que fascinara Cesar e enlouquecera Marco Antonio.

Em quanto Augusto volta para o seu palacio, radiante de alegria, projectando levar atada ao carro do seu triumpho a bella rainha do Egypto, Cleopatra procura o meio de largar a vida d'uma maneira pouco sensivel.

Para melhor se assegurar dos planos de Augusto a seu respeito, teve Cleopatra a habilidade de obter a sympathia e a protecção d'um tal Cornelio Dolabella, que gosava da amizade e intimidade de Augusto, o qual lhe prometteu, conforme ella lhe supplicara, de a avisar e fazel-a sabedora de tudo que Augusto determinasse a seu respeito.

Com effeito, a sinceridade d'este joven, que tanto se compadecera das desgraças de Cleopatra, não se dementiu, pois, logo que soube dos funestos designios de Augusto a respeito da bella rainha, a mandou avisar de que elle se dispunha a regressar por terra dentro de tres dias, através da Syria, e a conduzil-a presa com seus filhos.

Em presença d'este aviso, Cleopatra escreve immediatamente a Augusto, supplicando-lhe a permissão de ir fazer suas libações funebres sobre o tumulo de Antonio.

Augusto, sem suspeitar cousa alguma, enviou-lhe logo a permissão, recommendando a seus guardas toda a vigilancia, a fim de que ella se não ferisse, nem pudesse suicidar-se.

Cercada de todas estas precauções, Cleopatra dirigiu-se para o tumulo de Antonio, em companhia de suas confidentes Iras e Charmion, e, ao chegar alli, dizem que, abraçando-se á fria lousa, que occultava

as cinzas de Antonio, exclamara, toda debulhada em pranto: «Oh! meu querido Antonio! ha poucos dias eu te acompanhei a esta ultima morada, a este sepulchro, com minhas mãos ainda livres; hoje, porém, venho fazer estas libações funebres sobre teus restos mortaes; mas captiva, e cercada de vis satellites, que velam em torno de mim para me privar da morte, que impediria que este corpo, hontem livre, amanhã vá, como um misero escravo, figurar na pompa triumphal, que Octavio pretende celebrar em Roma por te haver vencido. Não contes, pois, com outras honras funebres, além d'estas libações, que pela ultima vez Cleopatra te vem prestar.»

Em quanto vivo, ah! nada houve que nos pudesse separar; mas hoje, após a morte, estamos arriscados a ser separados do céu que nos vira nascer.

Tu, filho de Italia, tens teu tumulo sob o valle do Nilo; e eu, desgraçada, eu terei o meu sob as margens do Tibre; menos infeliz talvez, por ser a terra em que nasceste.

Mas se os deoses da tua patria te não têm abandonado como os meus; se elles têm algum poder, como creio, faz com que tua mulher não soffra o desgosto de ir adornar os triumphos de teu vencedor, que quer agora zombar de mim, porque sabe que já não podes levantar-te d'este sepulchro para me desaffrontares. Oh! possam os deoses de teu paiz permittir que eu me occulte debaixo d'esta mesma terra em que jazes; possam elles permittir que a teu lado eu tenha o somno eterno; pois de todos os males, que tenho soffrido, o mais horrendo, o mais cruel, o mais insupportavel, é este curto espaço que me tem obrigado a viver de ti ausente.»

Depois de assim haver exhalado suas plangentes do-

res e saudades, Cleopatra corôa o tumulo de perpetuas, abraça-o com mais força, beija-o, rega-o de suas lagrimas, balbucia algumas palavras inapercebíveis, e, voltando ao seu aposento, ordena que se lhe prepare um banho. Depois de o ter tomado, poz-se á mesa, onde a esperava um magnifico repasto.

Neste interim, apparece um homem, em trajos de camponez, com uma cesta na mão. Os guardas perguntam-lhe: que traz na cesta? elle afasta as folhas verdes e dá-lhes a conhecer que eram figos.

Os guardas dizem: que bellos figos! O fingido camponez sorri-se, e offerece-lh'os.

Este ar de franqueza seduz as sentinellas, e mandam-n'o entrar.

Nisto Cleopatra acaba de jantar, dirige-se para o seu gabinete, escreve algumas cartas, entre ellas uma para Augusto, e, depois de as ter lacrado, envia-lh'as. Em seguida passa ao seu aposento de dormir, faz sair todas as pessoas, excepto suas duas confidentes, e manda fechar a porta.

Assim que Augusto recebeu a carta de Cleopatra, penetrou logo, pelas suas tocantes supplicas, o sinistro intento que a dominava, e sem perda de tempo ordenou que a soccorressem; mas era tarde!

A morte foi tão prompta, tão instantanea e tão suave, que os guardas que a cercavam, ao chegarem os enviados de Augusto, ainda de nada sabiam.

Foi uma estupenda surpresa para todos elles.

Ao abrirem a porta do aposento de Cleopatra, foi encontrada sobre seu leito de oiro, revestida de suas insignias reaes.

Das suas duas damas, uma, a — chamada Iras, estava a seus pès morta; a outra — Charmion, já quasi



moribunda, ainda se esforçava por endireitar-lhe o diadema brilhante que lhe cingia a fronte.

Em presença d'aquelle estado, diz-se que um dos officiaes de Augusto se virara furioso para Charmion e lhe dissera: — que bello fim, Charmion! «Sim, lhe respondeu ella, muito bello e muito digno d'uma rainha descendente de tantos reis.» Depois d'estas palavras, pronunciadas a custo, Charmion caiu aos pés do leito, que sustinha a bella Cleopatra.

Pretende-se que Cleopatra fôra victima d'uma aspide, que de proposito lhe trouxera aquelle mysterioso camponez, que tão bem soube illudir a vigilancia dos guardas com os taes figos.

Entretanto, Plutarcho confessa que se não sabe ao certo o genero da morte de Cleopatra; e que só lhe encontraram no braço direito duas nodoas lividas, que davam logar a acreditar que ella fôra picada por uma aspide, que viera escondida entre os figos que mandara buscar.

Ainda ha duvidas, tambem, se a mordedura d'esta supposta serpente poderia produzir os effeitos que Cleopatra esperava.

No aposento da rainha não se encontrou a serpente; apenas alguns vestigios, proximos do mar, do lado em que se abriam as janellas do tumulo.

No emtanto consta que Cesar mandara chamar os Pysllos<sup>1</sup> para ver se podiam fazer com que Cleopatra voltasse á vida; e no seu triumpho em Roma, elle fez conduzir a estatua de Cleopatra, na qual se lhe via uma

<sup>1</sup> Pysllos se chamavam no Egypto os charlatães populares, que pretendiam curar, por meios magicos, as mordeduras das serpentes venenosas.

serpente enroscada ao braço; signal de que acreditara ter ella sido victima d'este reptil.

Seja como for, o que é verdade é que ella soubera zombar de Augusto, apesar de toda a sua penetração e vigilancia, não lhe dando o gosto de a conduzir como um trophéu áquella terra, em que recebera as honras d'uma divindade e a religiosa adoração do grande Cesar.

Cleopatra tinha, ao abandonar a vida, trinta e nove annos de idade, tendo reinado vinte e dois.

Augusto, com quanto ficasse furioso por ver escapar-se-lhe com tanta dignidade a real presa, não deixou de lhe conceder o que em sua carta lhe pedira, isto é, o ser sepultada ao lado de Marco Antonio.

No emtanto, Augusto, ao retirar-se de Alexandria, não se esqueceu de mandar derrubar as estatuas de Antonio, poupando as de Cleopatra, porque um certo Archibius, que fôra amigo e talvez adorador d'esta bella rainha, lhe dera mil talentos para este fim.

---

Pelo que fica dicto se vê que a bella Cleopatra, com quanto dissoluta em vida, mostrara com sua morte que ainda abrigava na alma o orgulho que deve ter uma rainha e a dignidade que toda a mulher deve acatar.

Mostrou que podia reduzir e vencer a propria morte, quando a vida já lhe não dava todo o prestigio de seus encantos para vencer o novo Cesar.

Mostrou que, se os máos exemplos dos seus ultimos antepassados tinham influido na sua vida, um pouco livre, sua grande alma se não tinha deixado abater a ponto de se tornar uma vil escrava de Cesar, quando

fôra senhora e soberana d'um grande genio como Julio Cesar, e d'um Hercules como Antonio.

Ella soube ser rainha e mulher, no momento em que já não podia tornar-se senão um objecto de mofa para as almas pouco generosas, que a esperavam em Roma; soube resgatar a vida com a dignidade da morte.

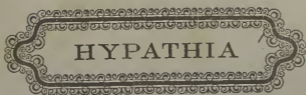
Mostrou que sabia morrer. Morreu quando devia morrer; morreu quando já não podia ser mulher, porque o tempo lhe roubara as rosas da juventude; morreu quando já não podia ser soberana, porque lhe faltava o throno.

Este tragico fim attenua um pouco o comico de sua vida.

Não quero com isto desculpal-a, nem absolvel-a; mas, quando considero que era mulher, isto é, que participava d'aquelle ardente virus que a serpente inoculára no sangue da primitiva Eva, quando no paraizo pisava sobre tapete de flores, com a simplicidade das Graças, deixando suas longas tranças fluctuar ao beijo embalsamado das languidas brisas; quando penso na dissolução que reinava na côrte dos Ptololomeus, desde Philadelpho e Evergete até Auletes, seu pae; quando penso na ardencia d'aquelle solo em que nascera; quando contemplo a sua vigorosa e irriquieta organização, a sua belleza, as suas graças, a sua vasta instrucção, que lhe dava o ensejo de poder fallar com sete ou oito embaixadores de diferentes nações, sem precisar de interpretes; quando penso na soberana altura em que se achava, que é sempre a mais impropria para se descortinar alguma cousa como realmente se passa no mundo; quando penso em tudo isto, só me admira uma cousa: — é que Cleopatra ainda tivesse espirito para render culto ás letras, premios para animar as escholas, valor para enriquecer

a bibliotheca de Alexandria com a de Pergamo, e que, na hora extrema, ainda guardasse no coração um átomo de grandeza para obrigar a posteridade a dizer-lhe um dia: — Se Cleopatra foi dissoluta em quanto viva, soube ao menos na morte revelar que tinha a dignidade e a altivez dos grandes espiritos.

Ella soube achar a morte que acharam os Annibaes, os Catões e as Lucrecias. Perdoemos-lhe, pois, que o paraizo não é para os que julgam bem viver, mas para os que sabem bem morrer.



HYPATHIA



## HYPATHIA DE ALEXANDRIA

---

No Egypto, na patria ardente dos Ptolomeus, numa das cidades mais celebres que o antigo heroe Macedonico fundara, e que majestosamente se eleva entre o lago Mareotis e o Mediterraneo, parecendo ainda mirar-se altiva, com seu maravilhoso pharol, entre estes dois espelhos argentinos, que por tanto tempo reflectiram a sua gloria, gloria que deslumbrara as da propria Tyro e Carthago, foi alli, na famosa Alexandria, que sorriu á luz da vida a bella e illustre Hypathia.

Esta cidade, que já tão celebre fôra pelo interposto do commercio universal; pelo laço que formara, cingindo o Oriente ao Occidente; pelo foco de civilisação, emfim, denominado — Greco-asiatico, que a gigantesca expedição de Alexandre produzira; não quiz deixar de unir á corôa de tantas maravilhas mais esta rosa mystica, que o sopro violento do fanatismo religioso desfolhara num d'estes vertiginosos momentos, que tanto deshonoram a humanidade, arrancando uma por uma de suas mimosas petalas para depois lançal-as ao oceano da morte.

É d'esta illustre sabia, que a aurora da mais pere-

grina luz cercara em vida, para logo ser involvida em negras sombras, que nos propomos esboçar a gloriosa vida, já que lhe não podemos elevar para monumento eterno uma epopêa d'oiro em versos diamantinos.

Escasso será talvez em demasia este mesmo esboço, visto que o clarão da historia só pallidamente nos pode allumiar esta brilhante individualidade, que a distancia de quatorze seculos nol-a separa; embora: afigure a imaginação onde a historia se tornar impotente.

Hypathia ! eis o divino nome da mais illustre mulher que tem produzido a humanidade.; eis o augusto nome da amavel filha do distincto mathematico Theon, professor em Alexandria e auctor dos dois celebres commentarios, dos quaes um versava sobre o *Almagesto* de Ptolomeu, o astronomo; o outro, sobre os *Elementos* de Euclides, o geometra.

Foi pelos annos 370 depois de Christo, segundo os melhores biographos, que nascera esta casta filha das musas no limpido e mysterioso céu de Alexandria.

«Foi alli, onde outr'ora, segundo o majestoso dizer de Emilio Castelar<sup>1</sup>, se reuniram todas as theogonias, todas as escholas, todos os systemas, todas as raças para continuar a obra de Alexandre, como se a alma d'aquelle heroe fosse semelhante ao sol, que desde o occaso doura com seus resplendores os horisontes, e na escuridão da noite envia amorosamente seus raios ás estrellas que vogam no ether para nos mostrar que sua

<sup>1</sup> *La Civilizacion en los cinco primeros siglos del Christianismo.*



luz é inextinguível e eterna»; foi alli, naquelle horisonte de luz, aonde outr'ora convergiam todos os raios de intelligencia humana e divina, chamado eclectismo, que, ao abrir os olhos, Hypathia se vira logo embalada pelas harmonias da sciencia astronomica, na qual seu pae era summamente versado.

O primeiro espelho em que mirou seu rosto de virgem foi o espelho deslumbrante do firmamento. O primeiro brinquedo que seu pae lhe deu foi o compasso de Euclides, com a ponta do qual media a brincar a immensidade do espaço.

As primeiras impressões, demasiadamente vivas, não é facil esquecer-as: flores ou espinhos, no momento em que na alma vibram, tornar-se-hão os esplendores de rosa ou os nevoeiros do futuro. É d'ellas que depende, muitas vezes, o paraizo ou o inferno da vida.

É isto que aconteceu talvez a Hypathia; pois, vendo seu olhar de fogo attrahido pelos magicos esplendores do firmamento, o seu ouvido de seraphim arrastado pelo harmonioso movimento das espheras, não se lhe tornou facil baixar mais á terra, em quanto não soletrara distinctamente, no alphabeto celeste, os caracteres fulgurantes que na immensidade dizem:— Deos!

Depois de ter aprendido a Geometria e a Astronomia, que, como já dissemos, a surprehenderam ainda no berço infantil; depois de se ter iniciado, no famoso Museu inaugurado por Ptolomeu Soter, em todas as mais sciencias que comportavam com aquella instituição, viu esta maravilha de intelligencia feminil que o Museu de Alexandria já não era sufficiente para conter aquelle ardente ancilar de luz, que n'alma lhe fervia.

Era-lhe mister mais amplo espaço; e só Athenas, onde o esplendido vulto de Platão se erguia sobre as

immortaes cumiadas do cabo Sunio, que parecia ainda echoar aquella harmoniosa e perfumada eloquencia, que tantas vezes encantara os seus discipulos; só Athenas, só Platão, que tanto a seduzira pelas suas magicas theorias e sublimes pensamentos, podia realizar-lhe o mystico ideal.

Para alli partira então, «depois de ter lido, como diz Eugenio Pelletan, o segredo dos astros para aprender essa outra astronomia do pensamento — a metaphysica <sup>1</sup>.»

Mas, quem nos dirá agora as divinas impressões de Hypathia, ao avistar para o noroeste do Peloponeso aquella pequena, mas tão sublime região, chamada Attica, que se acha guardada, á direita pela longa Eubéa, á esquerda pelas ilhas de Egina e Salamina, e que além de tudo isto tem um mar em perpetua anciedade a voltar-lhe em torno, como se fôra uma cinta de azul celeste?

Como seguil-a, neste ponto, de todos o mais celebre na historia do espirito humano? Quem nos dirá o entusiasmo, a admiração e o mais enlevado sentir de Hypathia ao desembarcar no porto de Phalero, e seguir aquella fieira de monumentos celebres; depois subir á magestosa Acropole de Athenas, para d'alli avistar a seus pés essa massa de rochedos quasi de forma oval, e que, no imaginoso dizer de Chateaubriand, dir-se-hia um pedestal d'ante-mão talhado para sustentar os magnificos templos dos deoses que o corôam <sup>2</sup>?

<sup>1</sup> Vid. *La Profession de foi du XIX siècle.*

<sup>2</sup> Chateaubriand, *Itinéraire de Paris à Jerusalem.*

Como olharia ella para aquelle risonho céo, onde a luz, a vida e a belleza provocam irresistivelmente ao mais prodigioso imaginar, sentir e pensar, e aonde a pureza de sua atmospherá é tão viva, que do cabo Sunio se pode apontar o capacete e a lança de Minerva, que majestosamente se elevam ao magnifico Parthenon?

Quem nos dirá as mil sensações apraziveis, que devia sentir ao espriar d'alli a vista pelas ferteis campinas de Marathona e de Eleusis com seus viçosos olivae, para depois perdel-a além, além, pelos cimos de tantas ilhas, que verdejantes fluctuam, até ás formosas costas do Oriente?

Que de recordações historicas deveriam affluir á mente da idealista alexandrina, desde Cecrops e Theseo, o fundador e semi-deos de Athenas, até ao seculo em que despontara o mais brilhante meteóro da civilisação, que o mundo vira <sup>1</sup>?

Como extatica ficaria ao ver do Pnyx, que altivo se eleva ao occidente do Areopago, as oito columnas que servem de face ao formoso Parthenon, primor d'arte dorica, morada de Minerva?

Como essa pleiade de genios immortaes, nas sciencias, nas artes e em todas as especies de litteraturas, devia passar altiva pela majestosa fronte de Hypathia?

Como solemne devia ser aquelle momento, em que ella, através da mais sublime contemplação, viu erguer-se a fronte olympica de Homero, que, apesar de cego, sondara mais maravilhas, com os olhos da Iliada e da Odysséa, do que todo esse cortejo de genios, que

<sup>1</sup> Alludimos ao immortal seculo, em que Pericles deu a mão a Aspasia.

o deviam acompanhar involtos no manto da mais profunda veneração e a renderem-lhe todas as homenagens que a realeza de vinte seculos tem consagrado?

Mas basta. «Deixemos, como diz Victor Duruy, a ardente atmospherá do Pnyx, onde os viris e apaixonados accents de Demosthenes parecem ainda dizer á irrequieta multidão de Athenas: Silencio <sup>1</sup>!...»

Baixemos ao jardim da Academia, e deixemos agora Hypathia errar anciosamente, através dos verdejantes platanos, parecendo divisar em cada folha de arvore a fronte aristocratica de Platão.

Deixemol-a suppôr que a brisa embalsamada, que alli respira, lhe traz ao delicado ouvido o melodioso canto do cysne, que Socrates ouvira em sonho, na vespera do dia em que Ariston, pae do immortal Platão, lh'o viera entregar para o iniciar na sua etherea philosophia.

Deixemol-a absorta a contemplar pelo sublime ideal esse labio divino, onde as abellas do Hymetto tinham ido depôr o seu mais perfumoso mel, quando elle apenas em gracioso brinco se osculava, no berço infantil, com os mais formosos cherubins.

Já que fallámos na Academia de Platão, consagremos-lhe duas palavras.

A academia ficava assentada ao norte de Athenas, na distancia de tres kilometros, num dos mais pittorescos e formosos arrabaldes.

Este nome lhe fôra dado em memoria do seu antigo proprietario, chamado Academus.

Mui proximo d'ella havia um campo, denominado Ceramico, que recordava a industria dos antiquissimos oleiros alli estabelecidos, transformando-se depois num

<sup>1</sup> Vid. *Histoire Crécque, par M. Duruy, 3.<sup>me</sup> édition.*

dos mais formosos jardins, que abrilhantavam a seductora Athenas.

Este campo, assim metamorphoseado, dava logar a que se pudesse alli admirar, antigamente, ao entrar — a deosa do Amor, onde a mão subtil do artista parecia ter ido roubar á natureza todos os matizes de perfeição, que ella avidamente occultava em seu mysterioso seio; para o interior seguiam-se, com artistica symetria, numerosos altares consagrados ás divindades Minerva, Diana, Jupiter, Mercurio, Apollo, etc.; depois, em diversos sentidos, viam-se mais: — os templos, os porticos, os theatros, os tumulos de Pericles, de Thrasibulo, de Chabrias, dos heroes que deram a vida pela patria em Marathona; e muitos outros moimentos, emfim, d'aquelles cidadãos, que tinham ennobrecido a republica pelos seus mais gloriosos feitos.

Não longe d'este logar existia tambem, para o lado septentrional, a magnifica residencia do fundador da Academia, proxima d'um templo, consagrado por elle ás Musas, onde se admiravam, ao lado das virgens do Parnaso, o grupo das Graças, que pareciam exprimir aquella philosophia ardente, sonhadora, sublime e demasiadamente etherea, que os labios de Platão vertiam por meio da mais suave e encantadora eloquencia, que o amor animava, e a complacencia dos deoses sanctificava.

Voltando, porém, ao jardim da Academia, onde tinhamos deixado a bella Hypathia absorta nos seus mysticos pensamentos, afiguremos agora, por um momento, em nossa imaginação, qual não devia ser o enlevo de tão sublime natureza em presença d'aquelles apraziveis bosques, dos bellissimos passeios, das encantadoras estatuas, formadas do pallido e fino marmore do

Hymetto, d'aquelles lagos crystallinos, que, pela amorosa placidez de suas aguas, dir-se-hia estarem enamorados de alguma gentileza celestial; do correr alegre e sinuoso das aguas, artisticamente dirigidas por entre as sombras da mais rica e aromatica vegetação, parecendo, no seu fugitivo murmurar, dizer: Salve! salve!... de tudo, enfim, que de mais vaporoso e inebriante alli se expandia, naquelle pequeno Eden espiritual, onde cada arvore devia exprimir uma idéa sublime, cada estatua um sentimento ideal, cada lago uma elegia amorosa, cada flor um idyllio á belleza, cada perfume um hymno á divindade, todo o jardim, finalmente, um poema d'ouro, onde o heroe era Platão, e o assumpto a eternidade!...

Afiguremos mais ainda, se é possivel, depois d'este mundo de idéas, de pensamentos, de elegias, de hymnos, de epopeas e idyllios, qual não devia ser o lúgubre sentimento de Hypathia, ao avistar para o oriente do jardim o immortal tumulo do fundador da Academia, que encerrava a mais delicada argila, que o sol da Grecia aquecera ha muitos seculos.

Afigure-se o momento em que ella avistou aquelle majestoso tumulo, que o sol atheniense vinha todas as manhãs, ao despontar no horisonte, saudar respeitosa-mente, como querendo assim render tambem sua homenagem, não só ao principe dos philosophos, mas ao mais sublime dos escriptores gregos.

Afigure-se esse momento, em que a bella Hypathia chegou em frente d'aquelle tumulo, sobre o qual o tempo havia já feito perpassar o seu luctuoso e austero manto de seis seculos, para saudar e confessar-se a mais ardente admiradora e discipula de suas ethereas doutrinas philosophicas.

Afigure-se o que ella sentiria quando viu, sobre o funebre moimento, uma aguia a esvoaçar, como fitando em cheio os raios brilhantes do sol.

Afigure-se o auge da curiosidade, que ella sentiria ao ler, além de outros muitos epitaphios, o seguinte:

«Ô aguia, diz-me porque vòas tu sobre este sepulchro, e para que morada do empyreo vais? — Eu sou a alma de Platão, que ao céu se eleva, em quanto a cidade de Athenas seu corpo encerra <sup>1</sup>.»

A rainha das aves era com razão a mais propria para symbolisar aquella outra aguia do pensamento, que só pelo cimo das espheras celestes podia fazer pairar seu vôo sublime.

Julgar agora do que aquella alma divina sentiu, pensou e segredou áquelle tumulo, julgue-o todo o que tiver a razão adornada pela estrella das sublimes idealidades, afigure-o o que tiver a brilhante imaginação de poeta, e sinta-o todo o que não tiver a fronte requeimada ainda pela febre da descrença, nem a vida dissipada de todo em todo no banquete das torpes voluptuosidades.

Ser-nos-hia lisongeiro, depois d'esta visita funebre ao tumulo de Platão, afigurar Hypathia dirigindo-se para além do Illyso <sup>2</sup> a fim de alli visitar uma bella avenida, proxima de Apollo Lyciano; queremos fallar do Lyceo, o rival e soprador, segundo o dizer dos peripateticos, dos phantasmas que povoavam o cerebro da Academia:

<sup>1</sup> Vid. *Vies des Savants illustres de l'antiquité*.

<sup>2</sup> Pequeno rio, que banhava Athenas, que nasce no monte Hymetto e vai desaguar no golpho de Egina. Suas margens eram deliciosas; nellas Platão faz apparecer Socrates a discorrer com Phebro sobre a belleza, o amor, amizade, etc.

Vid. *Oeuvres de Platon*, traduzidas por Victor Cousin, t. 6.<sup>o</sup> sobre Phedro.

queremos fallar d'esse celebre logar em que Aristoteles passeava através dos bellos platanos com seus discipulos, ensinando verdades que ainda hoje regem o mundo intellectual.

Desejariamos afigurar a bella Hypathia visitanto todas as celebridades de Athenas; mas agora nos recorda que Athenas é uma Babylonia das mais estupendas maravilhas, onde cada habitação representa um monumento de gloria. É forçoso pois desistir d'uma tal empreza e suppor que Hypathia viu, conheceu e estudou uma por uma das mais brilhantes flores, que a rainha da intelligencia encerrava no seu magnifico jardim.

Mas, dir-se-ha, é possivel que Hypathia não sahisse do circulo que limita Athenas?

Poderia aquelle coração de fogo conter-se alli tanto tempo, sem que a curiosidade do saber a movesse a viajar pela Beocia, onde Thebas devia dizer-lhe: — Eis alli a casa do famoso Pindaro, que Alexandre soube respeitar no meio do seu arrojo destruidor!?

Pela Phocida, onde Delphos, com seu majestoso templo, devia ainda echoar solemnemente a voz prophetica do oraculo?

Pelas Thermopylas, onde o grandioso vulto de Leonidas devia erguer-se para, em resposta á ousada proposição de Xerxes: «Entrega tuas armas!» responder-lhe com toda a altivez: «Vem tomal-as!»

Pela Thessalia, essa patria dos deoses e da mythologia, onde as musas, nas nupcias de Thetis e Peleo, predisseram o nascimento de Achilles e a ruina de Troia?

Pelo Olympo, que altivo se eleva entre a Thessalia e a Macedonia com sua cabeça de gelo, parecendo dizer adeos á terra e escalar o céu?

Pelo Parnaso, esse novo Ararat, onde a arca do novo



Noé (Deucalião) foi pousar, depois do diluvio grego, segundo nos reza a Biblia mythologica?

Pelo Pindo, que majestosamente se ergue dos Alpes orientaes, para separar a Illyria da Macedonia, o Epiro da Thessalia, e que, depois de percorrer e cobrir a península de immensas ramificações, vem por fim, como cansado, expirar no golpho de Corintho, entre os braços da Etolia e da Locrida?

Pela voluptuosa Corintho, a rival de Athenas, com seu isthmo, semelhante a um ponto lançado no meio do mar, segundo o brilhante dizer de Pindaro, e onde a formosura de Laïs desafiara á immortalidade o gracioso cinzel de Scopas, depois de deslumbrar pelos seus jardins a Grecia inteira?

Pela Olympia, onde tantas fronteas gregas se immortalisaram nos dias festivos d'aquelles jogos instituidos por Hercules, e onde o maravilhoso Jupiter de Phidias<sup>1</sup> manifestava a divindade da arte esculptural?

Pela aspera Laconia, onde Esparta, ao lado de Menelau, parecem ainda contemplar sobre o espelho do Eurotas a rara formosura de Helena?

A todas estas interrogações, o silencio, o terrivel silencio, é a resposta cabal, dada por todos os biographos illustres, que tivemos occasião de consultar.

É mais uma pagina em branco, que nos obriga a deixar aos vindouros o terrivel avarento do passado...

Ignoramos egualmente quaes as personagens litterarias, mais intimas de Hypathia, durante o tempo que residira em Athenas.

De seus mestres, em metaphysica, apenas se pre-

<sup>1</sup> A estatua de Jupiter Olympico, sahida do genio de Phidias, passava por uma das sete maravilhas do mundo.

sume, pelo tempo em que vivera, que Plutarcho fôra um d'elles, visto ser o chefe da eschola neo-platonica n'aquelles tempos.

Dada esta hypothese, seria curioso saber agora qual o methodo de ensino, seguido por aquelle pilosopho.

E eis como Marino, discípulo de Proclo e seu successor na eschola de Athenas, nol-o faz conhecer.

O ponto de partida era Aristoteles, do qual passava a explicar a seus discipulos alguns tractados, a titulo de introdução á philosophia, principalmente o livro da alma. Em seguida passava a Platão, explicando principalmente Phedon<sup>1</sup>, sem duvida para chegar emfim a Thimeo<sup>2</sup>, que explicava todo, continuando o estudo de Aristoteles.

Depois d'estes estudos, seguia-se a sciencia, chamada por excellencia, isto é, a dos oraculos chaldeos, que Plutarcho havia ensinado a sua filha Asclepigenia, assim como as grandes orgias, mysterios orphicos e a Theurgia, finalmente, que a joven entusiasta Asclepigenia, émula das Aedesias e Sosipiras, explicava por seu turno aos predilectos discipulos de seu pae.

Esta joven é notavel não só pela sua erudição, como por ter sido mestra do illustre Proclo nos conhecimentos chaldaicos e theurgicos.

No emtanto, se Hypathia teve — Plutarcho, como mestre em metaphysica, e Asclepigenia como amiga e condiscipula em tão elevados estudos, é uma presumpção, é verdade, mas uma presumpção que a chronologia parece querer converter em certeza.

<sup>1</sup> Livro de Platão, que tracta da immortalidade da alma. Vid. *Oeuvres de Platon*, traduzidas por Victor Cousin, t. 1.

<sup>2</sup> Livro de Platão, que tracta da natureza, origem e formação do globo, etc.

Seja como for, do que não resta duvida é que Hypathia regressou algum tempo depois a Alexandria, com a fronte adornada da mais vasta erudição, abrangendo todas as sciencias conhecidas naquella época, desde as profundezas da terra até além dos astros.

Agora vamos ver Hypathia brilhar sobre o throno da philosophia.

Logo que a illustre Hypathia pisou o formoso solo de Alexandria, sua presença causou um verdadeiro assombro no mundo das intelligencias.

Com effeito, quando as mais altas personagens da magistratura do Muzeu e a flor da mocidade alexandrina viram, ao lado de tanta modestia, o mais extraordinario genio, e as mais esplendidas luzes resplandecerem naquella fronte empallidecida pelas altas e sublimes meditações, todos unanimemente confessaram a superioridade de seu talento, e convidaram-n'a logo a tomar assento na cadeira, que até alli havia sido occupada pelos mais eminentes philosophos, como Plotino, Porphyrio e Jamblico — o mystico por excellencia.

A um desejo tão espontaneamente manifestado pelas mais altas capacidades scientificas, Hypathia não podia recusar-se.

O convite era insolito; porém a consciencia do seu genio, os seus profundos estudos, elaborados e aperfeiçoados no vasto gabinete da soberana da intelligencia, a convivencia com os mais illustres coryphêos da sciencia do tempo, tudo devia concorrer para que uma voz interna, quando mesmo ella quizesse hesitar, lhe bradasse: *Accedit!*

E Hypathia accitou.

Elevada ao solio da philosophia, era maravilhoso, era estupendo, era imponente ver, pela primeira vez alli, assentada uma donzella para professar em publico as doutrinas mais subtis da Metaphysica, da Astronomia, da Mathematica, da Theologia, de todos os ramos, em fim, que, reunidos, constituiam a philosophia antiga.

A universalidade dos conhecimentos gyrava em torno d'aquella fronte, como as estrellas fulgurantes do firmamento gyram em torno do universo.

Todas as lisongeiras esperanças, concebidas a favor de Hypathia pelos que mais descortinavam nas altas regiões da sciencia, foram plenamente realisadas.

Em breve o clarim da sua fama retumbou sob o céu de Alexandria, e os echos repetiram solemnemente pelos tres continentes do mundo — Hypathia! Hypathia!...

Em breve este nome sybillino produziu no tympano da mocidade de todos os povos civilizados tão magnetica impressão, que logo, como arrastados por mysteriosa força, iam todos, depois de admirar a sexta maravilha do mundo artistico<sup>1</sup>, pasmam ante a primeira do mundo intellectual.

Na verdade, quando esta estrella do paganismo entrava no Muzeu de Alexandria, para irradiar sua luz divina ás gerações passadas, já immensos grupos de estudantes e curiosos, ávidos de se embeberem na luz da sciencia, impacientes a aguardavam á entrada.

Á sua apparição, as ondas de prazer, impellidas pelos impulsos dos corações sympathicos, vinham manifestar-se á superficie dos labios, e os olhos, nadando em luz

<sup>1</sup> Alludimos ao pharol de Alexandria, considerado como a sexta maravilha do mundo.

de contentamento, pareciam saltar de suas orbitas pela força do enthusiasmo.

No emtanto Hypathia chegava e tomava assento: — seguia-se o mais profundo silencio, a mais religiosa attenção; depois, sem a menor perturbação, no meio d'um auditorio immenso, onde se achavam personagens de todos os climas, de todas as regiões, de todas as categorias, ella tomava, antes de fallar, um lenço da mais fina seda do Oriente, e passava-o pela radiante fronte, como para afugentar alguma nuvem que quizesse toldar o sol da intelligencia.

Em seguida fitava um olhar benevolente sobre a multidão, e desprendia a voz sempre inspirada, elevando-se ao primeiro impeto para as mais altas regiões da Metaphysica. O auditorio seguia até certo ponto esta voz encantadora; depois, no meio do seu enthusiasmo, parecia sentir uma nuvem escurecer-lhe a vista: era a fraqueza da intelligencia, que não podia mais acompanhar o titanico arrojio da professora.

Hypathia, penetrando de improviso esta especie de eclipse intellectual, procurava descer, pouco a pouco, das alturas olympicas a que se tinha elevado, e pairava, semelhante á aguia, pelo cimo de algum pincaro mais saliente da sciencia, para d'alli ser vista e apercebida em todas as manifestações sublimes. É d'alli que então esparzia, por meio d'aquelles labios virgens, impregnados dos mais raros perfumes do Oriente, todas as perolas, os topazios, os rubins e os diamantes da sciencia. As corôas e as flores do enthusiasmo cahiam-lhe aos pés: o triumpho era inexprimivel!

D'ahi em diante, todas as demonstrações de respeito, de admiração e do mais elevado affecto, tributadas a este genio extraordinario, pareciam insufficientes.

Aquelles que só miram as cousas apparentemente chamavam-n'a philosopha, porque trazia um manto á similhança dos philosophos antigos; os mais illustrados, os que vêem as cousas a fundo, davam-lhe o titulo de sabia; o povo, como mais propenso á apothese, chamou-lhe num dia de enthusiasmo — divina!...

E na verdade o povo tinha razão, porque o genio é essa labareda divina, que vem ao mundo para illuminar a humanidade.

Elle é a columna luminosa, que fluctua através dos mais aridos desertos para guiar todos os famintos de luz e de justiça.

Elle é o anjo mysterioso, que, pela alta noite das grandes calamidades, vai bafejar com suas candidas azas a fronte dos desgraçados, que luctam com o negro tigre da miseria.

Elle é o medico de todas as almas puras e virginaes.

É o augusto levita de todos os templos, que se levantam para solemnisar a religião do Bem, do Bello e da Verdade.

É o Mentor de todos os Telemacos, que buscam a luz da instrucção com o profundo amor de chegar á Verdade.

É o irmão de todos os que cingem na fronte o diadema da liberdade, e rendem culto a todas as virtudes.

O povo tem, pois, razão de chamar ao genio — divino, porque o verdadeiro genio tem sempre luz para dar á ignorancia, coração vasto para compartilhar todas as desgraças alheias, espirito penetrante para condescender com todas as opiniões, que não aviltem nem degradem a dignidade humana.

Elle é sempre bem recebido e festejado pelos corações puros, pelos espiritos illustrados, que odeiam tor-

pezas, que desprezam prejuizos, que abominam superstições e outros nevoeiros, que, ao cercarem a intelligencia humana, só podem fazel-a resvalar para a esphera da animalidade.

É mal recebido, porém, e perseguido muitas vezes, pelos jesuitas de todos os tempos, quando sua luz vem ferir os interesses dos pygmeos, que só têm nos labios um riso alvar, no coração muita torpeza, no espirito muita ignorancia e demasiada especulação.

No emtanto o genio passa através d'essas multidões ignaras, vergado ao peso das suas altas meditações: hoje desconhecido, amanhã elevado ou abatido, pouco importa; o dia seguinte virá, e o pedestal da sua gloria será erguido, porque as gerações futuras não têm os olhos dos miseros contemporaneos para com o passado.

Desculpando-se-nos á digressão, prosigamos.

Hypathia estava no apogeo de sua gloria scientifica e litteraria.

Todas as hierarchias lhe rendiam as homenagens, que ella realmente merecia.

Os sabios mais respeitaveis consultavam-n'a sobre suas obras, pediam-lhe a sua approvação e confessavam mesmo que não as publicariam se não merecessem seu consentimento<sup>1</sup>. Emfim, Hypathia tornou-se a arbitra suprema de todas as questões, que se agitavam na esphera intellectual.

A sua voz tinha o prestigio da Pythia de Delphos.

A natureza parece que, não contente de ter prodigalizado os mais sublimes dotes intellectuaes a este genio extraordinario, ainda lhe concedera a belleza

<sup>1</sup> Synesio, bispo de Ptolemaida, honrava-se de ser seu discipulo, e outros muitos que fôra longo enumerar.

impressionavel de Esther e a castidade da Susanna biblica.

Seu formoso olhar fez despertar mais d'uma paixão ardente, entre alguns de seus discipulos; mas a casta Susanna, vibrando logo na sua harpa celeste uma harmonia mystica, fazia adormecer a concupiscencia, e accordava o espirito para lhe dar a mão e conduzil-o ao throno das sublimes idealidades.

É verdade que, segundo a opinião de alguns biographos, concluir-se que ella se casara com o philosopho Isidoro, o sonhador; porém é hoje reconhecida como falsa esta asserção, visto apenas se basear numa má interpretação do texto de Damascius, o philosopho. É presumivel que mais d'um thalamo nupcial se lhe offerecesse; mas estamos convictos que Hypathia os recusara todos, pois fazia gala de sacrificar a flor de sua virgindade nas aras de Minerva. Como a casta Vestal da antiguidade ella almejava consagrar seus dias a guardar no augusto templo do pensamento o fogo sagrado, que lhe ardia no sanctuario da alma.

Este voto não fôra trahido, como o de Rhéa-Silvia no templo das Vestaes; a constancia e a pureza de seus costumes foram inatacaveis; sua vida foi um baluarte inexpugnavel, completamente inexpugnavel a todos os sentimentos impuros.

Entretanto, sob o tapete de flores, que Hypathia tão delicadamente pisava, occultava-se um vulcão, que ao rebentar deixa conduzir nas suas ardentes lavas esta mimosa flor, que com tão vivas côres adornava o jardim intellectual do paganismo.

A cidade de Alexandria encerrava em seu formoso



seio tres religiões, que se debatiam furiosamente: a judaica, a pagã e a christã. Era necessario que uma d'estas suplantasse as outras, visto não poderem conjunctamente viver: d'ahi provieram esses frequentes embates, esses assaltos tigrinos, que deviam dar, a uns — o despojo e a victoria, a outros — a derrota e a morte.

Já os annos 413 e 414 se haviam demasiadamente assignalado por dolorosas e sangrentas luctas entre os judeus e christãos, dando em resultado a tomada das synagogas, a expulsão dos judeus, a pilhagem, o desenfreamento revoltante e feroz, proprios d'aquelles tempos, que faz corar, descreer e voltar o rosto a todo o homem que lance os olhos e medite por um momento sobre este quadro das scenas passadas, chamado historia, sobre este panorama inexplicavel, que a humanidade ora mancha com o negro fel de suas acções, ora faz colorir brilhantemente com o pincel de seus heroicos feitos.

Depois d'este terrivel desastre, os judeus tinham quasi desaparecido da scena religiosa, d'onde tanto sangue fôra salpicar a majestosa fronte de Alexandria. Então o Christianismo tinha apenas no circo um gladiador para combater: — era o paganismo.

Esta seita, ainda que fraca, não deixava de ser perseguida pelos christãos, talvez por terem á sua testa a illustre Hypathia, que, pelas relações de amizade com Oresto, governador de Alexandria, não deixava de lhe prestar grande apoio e protecção.

Hypathia tornou-se, por este motivo, o alvo, aonde iam cabir todas as flexas envenenadas do fanatismo.

Esta posição tornou-se-lhe fatal, e mais fatal por unir ao seu grande espirito o mais leal e magnanimo coração.

As medidas tomadas pelo governador Oresto, contra

o zelo, talvez muito ardente, do patriarcha Cyrillo, que fora nomeado para aquella cidade em 442, fizeram despertar tremendas e odiosas suspeitas contra a bella Hypathia, a quem se attribuia, pela grande consideração que o governador lhe dava, a maior influencia e intervenção nos negocijs politicos.

É o que acontece em todos os tempos quando uma mulher se eleva, pela grandeza de seu espirito, á mais alta consideração publica.

No emtanto o Christianismo estava assustado d'esta eloquencia fascinadora, que parecia despertar do seu lethargico somno todos os antigos deoses, que povoavam o céu do paganismo.

«Os sacerdotes christãos de Alexandria viam, como diz o sublime orador hespanhol Emilio Castelar, por um momento os seus templos abandonados; e até nos desertos solitarios, os proprios solitarios despertavam de seus profundos e mysticos extasis para ouvir o echo sonoro d'aquella voz, que, por um mysterioso impulso tinha o poder de arrebatá-lhes os seus catecúmenos. Um povo inteiro parecia esquecer-se de tudo para ir agrupar-se ao pé do Thabor do paganismo<sup>1</sup>.»

Em presença d'estes triumphos, os odios e os rancores dos fanaticos christãos cresciam e recresciam de dia para dia; abafados e retidos a custo, esperam silenciosamente a primeira oportunidade para rebentarem e conduzirem na sua explosão esta mulher, que o mundo

<sup>1</sup> Los sacerdotes cristianos de Alexandria veían abandonados sus templos; los solitarios oían que hasta a los desiertos llegaba el eco de aquella voz arrebatándoles sus catecúmenos. El pueblo entero se agrupaba al pié del Tabor del paganismo.

Vid. *La Civilización en los cinco primeros siglos del Christianismo*.

devia adorar, porque adoral-a era adorar a luz mais elevada da intelligencia humana, era render um sublime culto ao coração mais ethereo que tem apparecido na terra sob um peito feminil.

De repente um inesperado e terrivel acontecimento veio offerecer esta oportunidade tão desejada: foi a morte violenta de Hierax, mestre d'uma escola em Alexandria, que se achava á testa do partido christão.

Como se não pudesse explicar a morte d'este homem de uma maneira satisfatoria, os inimigos de Hypathia, isto é, os fanaticos e os ignorantes, fizeram logo propalar por toda a Alexandria que ella é o governador Oresto é que, pelas suas instigações, haviam concorrido para a perpetração d'este horrivel crime.

Então uma furiosa multidão se levanta, de olhar inflammado pelo fogo do fanatismo, a fronte avergada pelo peso da ignorancia, a alma sedenta de sangue innocente, e, furibunda, se encaminha para a habitação de Hypathia, a fim de immolal-a ao seu furor.

Á testa d'esta turba ignara e supersticiosa, marchava Pedro, o leitor da egreja de Alexandria.

Como não a encontrassem logo, impacientes rugem como esfaimados leões, e freneticamente aguardam a innocente victima, que em breve devia regressar do Museu, onde tinha ido levar a vida do espirito a numerosos discipulos, que pela ultima vez iam ouvir a voz sempre inspirada d'aquella fronte augusta, onde a majestade do pensamento resplandecia com todos os fulgores da immortalidade.

Alguns instantes depois Hypathia despontou «com

o seu vestido de purpura, numa carruagem puchada por quatro cavallos brancos, a mão fluctuante sobre as rédeas e o olhar perdido nas nuvens <sup>1</sup>.»

Ella ia talvez embebida nas harmonias celestes produzidas pelo orgão encantador de sua alma; ia talvez deliciando-se em ouvir as ultimas notas, que do angelico peito lhe sahiram para, depois de echoarem pelas majestosas abobadas do Museu de Alexandria, se perderem no infinito.

Ah! mal sabia então que da purpurina aurora da vida, onde tão elevada fulgurava, ia baixar para o tenebroso occaso da morte!...

Com effeito, logo que a turba fanatica presentiu o rodar da sua carruagem, irosa avança como um bando de tigres sobre ella. Em presença d'este inopinado assalto, os cavallos param de susto, e, forçados pela detenção raivosa, debalde espumam e mordem o freio.

D'um salto, o mais feroz da turba, ousada e grosseiramente agarra aquelle delicado corpo, onde habitava o mais elevado espirito feminil. Quando as brutas mãos se tinham apoderado d'esta divindade pagã, num violento impulso a fazem saltar da carruagem, deitamn'a em terra, e, no assomo da mais ferina barbaridade, conduzem-n'a arrastada pelos cabellos até chegarem em face da egreja imperial de Alexandria, como se quizessem fazer do Deos de infinita bondade uma testemunha ou um cúmplice de tão negra e monstruosa ferocidade!

É alli que sobre ella cevaram todos os diabolicos instinctos que n'alma lhe ferviam; é alli que, cheios do mais atroz encarniçamento, lhe rasgam os vestidos, delapidam-lhe os simples enfeites, apredejam-n'a, arrojam-

<sup>1</sup> Eugène Pelletan, *La profession de foi du xix siècle*.

lhe todos os materiaes immundos, profanam-lhe a majestosa fronte com seu putrido halito, reduzem-n'a a completa nudez; emfim, depois de commetterem os mais affrontosos e infamantes insultos, que a nossa penna não pode descrever, porque treme de horror, — matam-n'a!...

Ainda não foi tudo.

O pallido aspecto da morte, que faria recuar o tigre, que talvez fizesse abrandar e tremer os proprios judeus, não aplacou, não desarmou o tigrino furor d'esta populaça, que, cheia de orgulho, se dizia pertencer ao gremio christão!...

Depois de ter passado por tão barbaras provações, depois de tão ultrajante morte, ainda era mister que aquelle mimoso corpo, tornado cadaver, fosse arrastado pelas ruas de Alexandria, como um trophéo de gloria, que fosse esartejado, dilacerado; emfim, quando aquelles restos sangrentos tinham já demasiadamente avermelhado com seu sangue tantas ruas de Alexandria, foram reunidos em Cinaron<sup>1</sup> e lançados numa fogueira, donde radiante sahiu uma nuvem d'ouro para conduzir para algum astro mysterioso o espirito da virgem pagã, que no mundo se chamara — Hypathia<sup>2</sup>!

Foi assim que, no mez de março de 415 da nossa

<sup>1</sup> Logar onde costumavam queimar os mortos.

<sup>2</sup> Para os pequenos Aristarcos, para os que fazem critica de tudo inconscientemente, diremos: Entre os antigos, e hoje mesmo, é crença popular que a alma só abandona o corpo, depois de entregue á sepultura ou ás chammas. Aos que não estiverem por isso, responderemos com o illustre poeta allemão A. W. Schegel: «A alma, como uma brilhante phenix, vóa da fogueira ardente, livre e transparente, para ir saudar o seu immortal destino; o facho da morte fal-a renascer.» (M.<sup>mo</sup> de Staël — La poésie allemande, tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 268).

era, sob o reinado de Theodosio o joven, desapareceu esta ultima estrella, que abrilhantava o pallido céu do paganismo.

Foi assim que tão tragicamente desaparecera esta mulher, para quem a terra era pequena, porque seu amor era immenso; para quem o mundo não tinha lagos, nem rios, nem oceanos, para matar-lhe a devorante sêde, porque a sua sêde não era a do corpo, mas a da alma, e essa só pode aplacal-a o infinito.

Foi assim que voou da terra esta prodigiosa mulher, que, ao desprender sua alma dos laços contingentes, devia voltar seus puros olhos para o Immenso, e dizer-lhe: «Perdoai-lhes, ó Deos das alturas, que elles não sabem o que fazem! Perdoai-lhes, ó Bem de todos os bens; perdoae-lhes, que a ignorancia é a sua estrella, a barbaridade a sua politica, o sangue de seus irmãos a bebida refrigerante, que só lhes pode acalmar a ardencia dos baixos odios e dos terrificos instinctos, que em toda a alma lhes refervem.

Perdoae-lhes, Senhor!... Mas, se Hypathia, este puro symbolo das estrellas, esta lampada maravilhosa, que inundava da mais bella luz o templo do paganismo, proferia, ao desprender da terra seu vôo ethereo, estas generosas palavras, dignas d'um coração divino, os pagãos, que este barbaro espectaculo presenciaram, não podiam deixar de apostrophar essa turba que se dizia christã, não podiam deixar de lhe dizer: É com esses *sublimes* exemplos que nos quereis converter ao vosso christianismo? É por meio d'estas *generosas* acções que nos quereis attrahir ao vosso gremio? Vós lançais todos os dias de vossas boccas linguas de fogo contra os Neros e os Dioclecianos, por haverem perseguido os que professavam a religião de vossos avós, de vossos paes, de

vossos irmãos, de vossos amigos, de vossos compatriotas: tendes razão; elles fizeram mal, elles ficaram por isso abaixo, muito abaixo, d'essas feras que faziam lançar nos circos romanos para se entredevorarem e servirem de espectáculo ao *povo-rei*; elles tornaram-se por isso dignos d'um odio eterno, não só de vós, que vos chamaes christãos, mas de todos os homens que pisam a face da terra, e sentem na fronte um atomo d'essa luz divina, d'essa luz infinita que amorosamente se diffunde por todos os azues da immensidade.

Vós olhais todos os dias, todas as noites, a todos os momentos, para os decahidos muros d'essa desgraçada Jerusalem — com olhos de indignação, com gestos de desprezo, porque os judeus, que hoje peregrinam por toda a superficie da terra, lançaram mão de vosso Christo e arrastaram-n'o ao Calvario, para alli beber o fel de todas as gerações e remir com seu sangue a ousadia de ter levado aos labios da humanidade o calix do puro nectar, do nectar celestial, que seu Pae lhe dera, ao baixar do infinito á terra, para consolo dos desgraçados: tendes razão ainda de censurar os judeus; mas, dizei-me agora, ó *piadosos* christãos, em que vos distinguis vós d'esses — a quem chamaes pagãos e judeus?

Será pelo excesso da vossa refinadissima intolerancia ou das vossas barbaras crueldades?

Os judeus crucificaram o vosso Christo, é verdade; mas ainda tiveram a complacencia não só de lhe poupar o cadaver, mas de entregal-o aos piedosos cuidados de José de Arimathea.

Elles, judeus, contentaram-se de torturar-lhe a vida; e vós hoje, que vos dizeis filhos de Christo, não contentes de arrancardes a vida a uma inoffensiva mulher, a uma das mais puras mulheres que têm pisado o orbe, ides

ainda, depois de morta, arrastar-lhe os seus bellos membros em volta de toda a Alexandria, como se quizesseis parodiar o que outr'ora fizeram os gregos ao cadaver de Heitor em volta dos muros de Troia; com uma differença ainda, que o cadaver de Heitor encontrou piedade no coração d'um pagão, no coração de Achilles; em quanto que vós, vós, meus christãos, mais duros que os rochedos do Caucaso, mais esfaimados que os abutres de Prometheo, ides, depois de devorar as carnes de Hypathia, lançar-lhe os ossos numa fogueira, para que os ventos da terra conduzam nas suas azas todos os ais, todos os gemidos da bella filha de Theon, e os façam ecoar por todo o universo:

— Eis o que os piedosos christãos de Alexandria fizeram á sua illustre pagã por não ter rendido culto ao divino filho de Maria.»

Sim: Hypathia, com a sua consciencia de pagã, não rendia culto ao sol de Nazareth, mas rendia culto no sol do Bem, do Bello e da Verdade: inflammava-se toda de amor pelo Amor de todos os amores, pelo Amor infinito, que do alto da immensidade acolhe com o sorriso dos anjos o culto de todas as raças, a hossana de todos os judeus, o incenso de todos os Magos, o brilho de todos os mundos, o perfume de todas as flores, o murmurar de todos os regatos, o carpir de todas as fontes, a placidez de todos os lagos, o fluxo e refluxo de todos os oceanos, o azul de todos os céos, a aurora de todas as manhãs, a elegia de todas as tardes, os canticos de todas as noites, o scintilhar de todas as estrellas.

Caminhemos todos para Deos, que ha um meio facillimo. Sabeis qual é? É o de nos odiarmos menos e amarmo-nos mais.



«A impunidade que seguiu este acontecimento, diz Luiz Figuier, explica-se pelo relaxamento de todos os laços da ordem social existentes neste periodo <sup>1</sup>.»

Entretanto o patriarcha Cyrillo é accusado, não só por este mas por outros muitos auctores, que têm fallado d'esta illustre sábia, como o auctor moral de sua morte. Nós porém, sem termos em vista defender nem accusar o sancto doutor, porque não julgamos ainda nossa voz auctorizada para agitar semelhantes questões, não podemos todavia esquivar-nos de confessar que a auctoridade de Voltaire, de Pelletan, de Luiz Figuier e de outros muitos auctores, tanto antigos como modernos, que tivemos occasião de consultar, não podem nem de leve fazer-nos suppôr, quanto mais acreditar, que uma tão negra nódoa fosse cahir sobre a vida de S. Cyrillo.

O verdadeiro motivo por que se tem arguido o sancto doutor d'um tão odioso crime é, como devem saber todos os que tiverem passado pelos olhos a historia da Igreja, a historia dos luctas religiosas, ou pelo menos folheado duas paginas d'um dictionario theologico, que S. Cyrillo foi o animoso combatente das heresias de Nestorio, e que o triumpho obtido sobre este devia fazer-lhe crear numerosos inimigos, como foram todos os partidarios de Nestorio, que não pouparam os mais insignificantes pretextos para o calumniar e denegrir atrozmente.— S. Cyrillo, presidiu tambem ao concilio geral de Epheso, e alli fez confirmar o titulo da Mãe de Deos á Virgem Maria: d'ahi devia forçosamente nascer um desagrado mortal para os protestantes;— S. Cyrillo foi o refutador da obra de Julião, o apostata,

<sup>1</sup> Vid. *Vies des savants illustres de l'antiquité*.

contra os catholicos: — immenso desgosto, já se vê, para os incredulos, que não têm cessado tambem de atassalhar a vida do illustre patriarcha.

Não admira pois, á vista do que fica precedido, que Voltaire <sup>1</sup>, Pelletan <sup>2</sup> e Luiz Figuiet <sup>3</sup>, venham tambem fazer côro com a multidão de escriptores, que os precederam, porque o primeiro, como todos sabem, zombava de tudo pelo riso da sua satanica incredulidade; o segundo é protestante; o terceiro, se o não é, tende muito para lá, como facilmente se pôde concluir pela leitura de suas obras.

São, pois, estas auctoridades muito fracas e suspeitas neste assumpto, demasiadamente robustas e valiosissimas na hierarchia das sciencias alheias a materias religiosas, ante as quaes nos curvamos respeitosamente como um dos seus mais ardentis admiradores.

A innocencia de S. Cyrillo é justificada pelo testemunho de muitos escriptores celebres, entre os quaes figura o grande Bruker <sup>4</sup>, que plenamente a justifica contra as calumnias de Toland, o irlandez, numa brilhante dissertação sobre a morte de Hypathia.

«Finalmente, S. Cyrillo não podia reprimir os excessos das multidões desenfreadas e fanaticas, porque não tinha á sua disposição a força necessaria para o fazer <sup>5</sup>.»

Era então o tempo, em que os symptomas da mais febril e desordenada anciedade se manifestava por todos os pontos da Europa, Asia e Africa. Era o tempo, em

<sup>1</sup> Vid. *Dictionnaire Philosophique*, tom. 4.º, pag. 93.

<sup>2</sup> *Profession de foi du XIX siècle*.

<sup>3</sup> *Vies des savants illustres de l'antiquité*.

<sup>4</sup> *Historia critica, philosophica, etc.*

<sup>5</sup> Bergier, *Dictionnaire de Théologie*.

que as mais negras sombras se desenhavam no céu do oriente: eram as sombras dos barbaros que vinham bater ás portas do occidente e tomar contas ao imperio romano, que, assustado, foi morrer afogado no oceano da sua aviltante corrupção.

É o tumulo de todas as nações quando perdem a dignidade, a honra e o sacro amor da liberdade.

No emtanto o sol do christianismo grimpava altivo e rutilante por de sobre as ruinas majestosas do paganismo; seus raios beneficos fizeram brotar flores, que ainda hoje perfumam o jardim da civilisação, e mais hão de perfumar quando, com o decorrer dos seculos, se conhecer o alcance dos seus divinos e immortaes principios, o amor e fraternidade, laço purpurino, que um dia ha de cingir toda a humanidade.

Hypathia passa muitas vezes, segundo Daguin <sup>1</sup>, por ter sido inventora do areometro, com quanto, em geral, esta gloria só se attribua ao famoso Archimedes.

Consta-nos que deixara muitos escriptos; porém de todas as suas obras, se exceptuarmos um Canon astronomico e dois Commentarios sobre os trabalhos do mathematico Diophante e as secções conicas do geometra Apollonio, todas as mais serviram de alimento ás chamas que devoraram a celebre bibliotheca de Alexandria, quando esta cidade foi invadida e tomada pelos Arabes em 640.

Apezar d'esta irreparavel perda, Hypathia atravessa incolume o oceano do tempo para tomar assento no

<sup>1</sup> *Physica de Daguin*, t. 1.º, pag. 169, Areometria.

pantheon dos immortaes, e alli fazer brilhar sua fronte com o diadema das estrellas.

Com o genio universal d'um Platão, a sabedoria d'um Socrates, a philosophia d'um Plotino; medindo a superficie da terra com a sciencia d'um Euclides; devassando a luz dos astros com o olhar d'um Ptolomeu; surprehendendo o futuro com a magia d'um Chaldeo, espelhando no seu todo a formosura d'uma Esther, a castidade d'uma Susanna e a pureza infantil d'uma vestal: ella é o complexo dos mais raros e surprehendentes dotes que a natureza podia offerter ao bello sexo.

Ella deve ser o ideal de todas as mulheres, que um dia quizeram attingir o cume da mais sublime honestidade e respirar o perfume da mais esplendida sciencia.

Ella era digna de oscular os mais formosos cherubins, de abraçar-se ás mais altas divindades, e de cahir prostrada aos pés de Deos, fulminada pelo raio do mais sancto e puro amor — o amor infinito.

Possa eu um dia ter a gloria de vel-a nessa patria que nos espera a todos, sentada sobre o seu throno de luminosas estrellas, a dirigir com a majestade dos deoses o passo rhythmado das espheras, o concerto harmonioso d'essa orchestra, que se perde na universalidade do espaço, e dizer: Se Hypathia na terra foi martyr da sciencia, e do fanatismo dos homens, no céu respira agora o ar do infinito e occupa radiante de graças o throno de Venus Urania.

---

## INDICE

---

|                                                                                                   | Pag. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| PREFACIO DO AUCTOR. . . . .                                                                       | 11   |
| INTRODUCCÃO, por Julio Cezar Machado . . . . .                                                    | 15   |
| CARTA DE VICTOR HUGO ao auctor sobre a sua obra . . . . .                                         | 21   |
| CARTA DE D. ANGEL FERNANDEZ DE LOS RIOS, embaixador hespanhol em Lisboa, sobre esta obra. . . . . | 22   |
| CARTA DE D. MARIANNA ANGELICA DE ANDRADE ao auctor sobre a sua obra. . . . .                      | 23   |
| JUIZO DE MANUEL NUÑEZ DE PRADO sobre <i>A aristocracia</i> . . . . .                              | 24   |
| JUIZO DE D. GUIOMAR TORREZÃO sobre <i>A Aristocracia</i> . . . . .                                | 25   |
| JUIZO D'OUTROS AUCTORES E DA IMPRENSA PORTUGUEZA . . . . .                                        | 26   |
| PREFACIO DA 1. <sup>a</sup> E 2. <sup>a</sup> EDIÇÃO. . . . .                                     | 41   |
| A MULHER . . . . .                                                                                | 51   |

|                                 | Pag. |
|---------------------------------|------|
| SEMIRAMIS . . . . .             | 59   |
| SAPHO . . . . .                 | 101  |
| CORINNA. . . . .                | 129  |
| ASPASIA. . . . .                | 149  |
| PHRYNÉ . . . . .                | 177  |
| CLEOPATRA. . . . .              | 203  |
| HYPATHIA DE ALEXANDRIA. . . . . | 239  |

---



---

## ADVERTENCIA

É provavel que, pela celeridade com que foi feita esta edição, tenham escapado alguns erros typographicos, que o leitor illustrado e benevolo saberá facilmente corrigir e desculpar.











# A ARISTOCRACIA DO GENIO E DA BELLEZA FEMINIL

NA

## ANTIGUIDADE

POR

José Palmella

4.<sup>a</sup> EDIÇÃO

### *Obras do mesmo auctor*

Victor Hugo, seu regresso a Paris, ou uma pagina da sua vida, 1871 (3.<sup>a</sup> edição).

Emilio Castellar — Discurso, precedido d'umà introduccão, traduzido e offerecido ao sr. Latino Coelho, 1870.


A. de Lamartine — Sua vida e ultimos momentos, offerecido a Francisco Eugenio Magarinos Torres, 1870.

A quêda de Napoleão III — Estudo biographico, offerecido a Victor Hugo, 1870.

### A entrar no prelo

A Aristocracia do Genio e da Belleza Feminil na Edade Media — Um elegante volume com trezentas paginas aproximadamente, onde figuram as maiores celebidades feminis de Portugal, Hespanha, Italia, França, etc.

Galeria dos Grandes Homens do seculo XIX — Um nitido volume de perto de trezentas paginas, contendo a vida das maiores celebidades da Europa e da America.

 Vendem-se aquellas obras e assigna-se para as ultimas nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, etc.; no Brasil, nas principaes livrarias do Rio de Janciro, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Maranhão e Pará.





